



# Volume Sexto

(VI. m 6º)

A<sup>o</sup> AUTOR ...FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA

N CONTEÚDO:::ARTIGOS DE JORNAIS REGIONAIS  
(E ALGUMA RESPOSTA E ATÉ CARTA)

D TEMPO:::;UM QUARTO DO SÉCLO XX (1971-1996)

O ARRUMAÇÃO----EM 12 CADERNOS OU VOLUMES

R SERIAÇÃO ::::CRONOLÓGICA NÃO ESTRITA

I DEPÓSITO DOS ORIGINAIS(DOS JORNAIS):  
NA BIBLIOTECA DA C.M:de BARCELOS

N

H ÍNDICES: A) NÚMERO/TÍTULO DO ART/QUE JORNAL/  
QUE DATA/\_FOLHA/\_OBSERVAÇÕES  
ÍNDICE:::B) IDEOGRÁFICO SEM RIGOR ALFABÉTICO

A

TÍTULO DA COLECÇÃO:

- A N D O R I N H A -



LISBOA.....1996

Barcelina  
Perm.



IN \$2529  
2-20-1917  
BIRMINGHAM - NOV. 1916  
C. M. B.



FRANCISCO ALVES DE ALMEIDA  
JUIZ DE DIREITO JUBILADO

ALTERO a nota infra:

Rua D. Carlos Mascarenhas, 70, 2.º-Esq. — 1070 LISBOA q. aconteça...leitor do  
☎ 385 58 55 q. segue (mutatis mutandis)

A quem aconteça  
vir a ser leitor dos artigos que  
seguem: foram todos publicados no jor-  
nal barcelense A Voz do Minho; são de  
texto menos pesado que o da Monografi-  
a Galegos. Reuni esses artigos porque  
a Monografia se esgotou. As pessoas de  
Galegos não puderam entender bem a  
Monografia (é uma sopa com muita "sus-  
tância" que poucos "stâmagos" suporta-  
ram), mas entenderam bem estes artigos.  
Exigem os artigos menos de mim do que  
a idealizada nova Monografia que me  
PROPUSERAM FIZESSE (a máquina, hoje, es-  
tá a pregar-me partidas). Também os  
artigos saíram com gralhas, mas não é  
preciso que rectifique.

Aos curiosos direi que escrevi o se-  
guinte:

C/ a S.ra D.ra Lança Cordeiro-1967 Ou  
1966, 1 Colecção de Pontos de Exame-  
A Minha Sexta Classe. Língua Pátria.  
Uns 10 anos depois, um Guia do Si-  
nistrado do Trabalho.

A seguir, a Galegos, Sta Maria Barcelos,  
que, de 160 fui apertando e ficou com  
32 páginas apenas. Alguns artigos de Di-  
reito, nem todos com Separatas. De 71 a  
96 publiquei mais que mil artigos em  
vários jornais de terras como estas:  
Viana, Vilaverde, Braga, Barcelos, Sertã,  
T. Vedras e uma ou outra mais, tudo em  
menor escala e menos valia que os tra-  
balhos do ex-condiscípulo e amigo,  
Silva Araújo Mas também já o compen-  
saram: tem seu nome gravado na Gr. En-  
ciclop. Port. e Brasª. Parabéns.



Em 1967 foi um texto de suas 90  
pgs que me atrevi a fazer circular pe  
los então meus alunos, mais de 400. Matéria bem  
difícil - A Religião e a Moral. O Autor teve  
aplausos, mas de sacerdotes não se lembra  
de os ter tido, sinal evidente de que lhos não  
mereceram. Mesmo assim, ainda às vezes se  
distrain a ler alguma daquelas 90 folhas que  
já não saberia repetir.

Ultimamente começou a elaborar um Dicionário  
de Galegos (de Coisas e pessoas de...);  
e portanto autonomizou umas folhas pa-  
ra Santo Amaro; e quanto aos Azevedos;  
e meteu-se também nuns Estudos sobre o  
Tombo de Galegos. E dos tais mil e tal  
artigos fez estes ou aqueles recortes  
que colou sobre folhas A4, e destas, cons-  
truiu 12 volumes a 60 para 80 fls. cada  
um. O trabalho que isso deu nem digo nem  
o conto. Perguntam-me quando publico.  
Mas não tenho intenção de publicar nem  
seguir os Estudos acerca do Tombo. Falta um  
Latim (Exerc. c/ Soluções), de 67.

Dedico este trabalho, assim: 1º a  
Deus. Depois, a minha Mulher e aos  
meus Filhos, a meus Pais, em Galegos  
e ao sr. dr. Vale Lima, de A Voz do  
Minho, em que, primeiro, saíram.

24.2.97.

e 20.3.97



## Colecção Andorinha

## Lista dos artigos do volume VI- 6

Nº	Título do art	Jornal	Data	Folhas	Observações	Margem
1	Bom mandador	Not.Fam	16.11.73	1,2	dito do tio Zé	
2	Párocos q fo		6.1.74		Visitadores	1663/1841
ram	cónegos	Vilaverdense		2	aparecem em Gal	
3	D to Pen Trãba	Badaladas	9.3.74	3	Torres Vedras	
	lho					
4	Q.é dos cam					
pos	de férias n.Mi	Cávado	16.2.74	3	1/2	
5	Visão dos tempos	N Fam	24 10 75	4		
6	Dos f n.r	HistCom	Sertã	81175	5	S T Morus
6	Rev e Dto	CV	221175	6	dto , enxurrada	
7	ap to breve	Voz M	291175	7	contra Cruz Malpique	
8	Coisas...Min					
	como grupo	V.do Minho	24176	7	ORl Rib=Atitude emG H.30	
9	Voltar à Casa do pai	C ST	3176	8	Emigrantes	
10	Notas de Viag	Not Fam	16176	9	quando fui julgar a Faro	
11	Coisas Gr.ARC	VM	13376		O Cón Vaz queixou-se	
12	Ediç de liv. d. e	1500		10	a Nova Barc Revista	
13	Sentido da Hist	CV	25376	11	Elogiam os Árabes	
14	Barcelos em	VM	201176			
	1220=Dómin	V M		12	Da terra:ig ,conv ...	
15	Barc há 750 anos	soVM	251276	13	1220]inqetc.Gal Cacav	
16	A Eur.acabou?	VM	13877	14	-vazic.	
17	Notas soltas	CV	21476	14, 15		
18	Coisas				só parte	
19	Cart ao Dir.	Badal.	24377	15	D. Rafael, estátua arred.	
20	Hist Barc	Barc	27578	16	O ruir do padroado	
21	Sti Ant e n tem		2.679	17	I,II,III,	
	po Barc		26579	17	IV,V	
22	Desc de Casal					
de	Manhente	Barc	3678	18	terras sitas em Roriz	
24	Um Pár de Alh:Barc		22778	19	foi o tio bisavô	
	1873 =v n 33					
25	Cent Fil Arist	Barc	30978	20		
26	Sartre	Bad	2.5.80-pg	13 21		
27	Papa .Pai.África	C Sar	16580	22	ou 1 em c Sar e outro em J Barc?	
28	Barc eFil	V M	10181	23		
29	A Mulher v.p.H.	C.Sar	23181	24	na Mis quizesa Mar 1974	
30	Coisas ...	V M	8582	25,26	v nº 18	
31	p Hist B. Diário					
ab	Gal 1870	J Barc	18282	27	Em div lados chamei a es te texto "Agenda do abade"	
32	Sobre se a missa barc vem do					
do	tempo de S. Pedro	Barc	16182	28	tese de A Luís Vaz	
33A	Pn das aulas					
de	Filos.	Barc	191281	29	Resp C gomes	
34	H da Filos.	N Fam	251281	3130	só parte	
35	Barc e C.Hist	VM	241081	33	Temas Barc e bibliog	
36	Mon de Freixo	C Sar	231081	34		
36	Exec. Marq de P	Barc	12981	35		
37	S Sav d Campo n	LitVM	19981	36	É DIVINO, não São.	
38	Recortes e Coment	CSr.	7881	37		
39	Perdase gån em p	J Barc	16781	38		
40	Conta lá...tric	Barc	27282	39	tric= tric tesoura?	
41	P hist barc	J Barc	10682	40.41		
42	em h d s. João	Barc	19682	42	como se matou conf.	
43	Bodas de Ouro	N Fam	1X82	43	Ant e Teresa	
44	Passos em Barc	V m	6283	45	Cristo	

45	Sua Santidade Barcelense	2.483	46	a vinda do Papa
	disseram-lhe ad.			
46	<u>Convers.com os leit C Sr</u>	231283	47	Alvaães
47	<u>P hist Barc Barc</u>	3.5 84	48	Suevos
48	Coisas V M	101283	49	
49	<u>Tomando p,ao M,ho CV</u>	20282	50,51	
50	<u>O 29 de Junho J Barc</u>	26686	52	
51	<u>P a f de S J.o Bapt Barc</u>	28686	53	
52	<u>O NAT,AS CIENC, O POVO</u>			
53	<u>ALTOS E Basix no MIBarc</u>	28287	54	27.6.86
54	<u>Valores da nTer Vilaverd</u>	30687	55	P Avelino
55	<u>Rot d a igr do Terço V M</u>	15 887		
56	Coisas VM	261287	57	
57	" VM	27593	58	
58	<u>Notas Breves</u>	J Barc251193		



UNIVERSIDADE DO MINHO  
BIBLIOTECA PÚBLICA DE BRAGA

Exmo. Senhor  
Dr. Francisco Alves de Almeida  
Rua D. Carlos Mascarenhas, 70-2º E  
1070 LISBOA

Sua referência

Sua Comunicação

Nossa referência

Data

BPB-117/96

Assunto

**021642**

30. OUT. 1996

Em resposta à prezada carta de V. Exa., aqui recebida em 23 Out. 96, informo que é com todo o gosto que a Biblioteca Pública receberá a oferta da colecção de artigos publicados na imprensa local, bem como os Apontamentos da autoria de V. Exa.

Sendo esta a mais importante biblioteca do Norte do país (excluindo, naturalmente, o Porto) temos sempre o maior interesse em receber documentação sobre a região, nomeadamente quando se trata de colecções de artigos escritos em diversos jornais, por isso mesmo de difícil localização e compilação.

Relativamente à questão do tombo de Galegos, Sta. Maria, transmiti a informação à senhora directora do Arquivo Distrital de Braga.

Pedia a V. Exa. que, quando nos enviasse os livros referidos, os fizesse acompanhar de uma nota bio-bibliográfica, para uma completa identificação do doador desses documentos.

Renovando os meus agradecimentos pela iniciativa, aproveito para enviar os melhores cumprimentos.

Henrique Barreto Nunes  
(Assessor de Biblioteca)





## DO VOLUME VI

- |                                   |                             |                 |
|-----------------------------------|-----------------------------|-----------------|
| a                                 | b                           | c               |
| Anais-pár.cónego 6.2              | Barcelos-Revista 6.10       | Capataz         |
| Atiães-idem                       | Barcelos.1220-6.12e13       | versus operan   |
| Abaixo o Padroado de              | Barcelenses e Filotes 6.1e2 |                 |
| Quirás 6.16                       | sofia 6.23e 29e 31          | Cónegos meros   |
| António.Santo 6.17                | Bovaries Lusas 6.25         | párcos 6.2      |
| Alheira:seu abade era de Gale-    |                             | Convento de     |
| gos -1870 6.19                    | Barc-Hist-Doc 6.40          | Manhente 6.18   |
| Aristóteles-+100 anos 6.20        |                             | Cón.Vaz-missa   |
| Agostinho da Coelha 6.39          |                             | de Pedro e Pau- |
| d                                 | e                           | f               |
|                                   | Emigrante está mal- 6.8     | Fam.lica 6.28.2 |
| Direito Penal do Trabalho 6.3     |                             | férias-campos   |
| Direito põe revolta em lei 6.6    |                             | de 6.3          |
| Da Hist q.foi à q.virá a ser 6.11 |                             | Facsimilam li-  |
| Dizem eles,dizem elas 6.24        |                             | vros de 1500    |
| Guide 6.7                         |                             | 6,10            |
|                                   | Henrique VIII pri-          | Freixo-monog.   |
|                                   | meiro ministro no           | i 6.34          |
|                                   | altar 6.5                   |                 |
|                                   | Hora de Sartre 6.21         |                 |
| Africas-Papa lá 6.22              | Hab.de Barc-sobe e          |                 |
|                                   | desce 6.38                  |                 |
- 
- |                              |                                  |                   |
|------------------------------|----------------------------------|-------------------|
| j                            | l                                | m                 |
| Joaquim,abade de Galego 6.32 | Sit.de Viagens 6.9               | Minhoto não       |
|                              | Leu o P.Carvalho e Moscovo rebai | grupos 6.7        |
|                              | o ab.do Louro 6.27               | xa a outra Eu-    |
|                              | Literatura-Salv.do 6.14          |                   |
|                              | cAMPO 6.36                       | Marquês, mau 6.35 |
|                              | LEITURAS DE MISSOES              | Mataram a conf.   |
|                              | -elas 72% e eles 27%             | de S João 6.42    |
|                              | 6.37(não igua                    | s)                |

n	o	p
Nascidos em 33-reu-	Oferta de obras-	Uns Passos, ano a ano
nem no Eirofo 6.59	Garibaldi 6.47	6.44
Natal-nada lhe deram		Gal. não se mexeu com seus
as Ciências 6.53		Passos 6.45
N.S.J.Cristo-seus caracteres 6.45		Papa] de Lx volta a Roma
Números cat. Zaire 43%		6.46
é o maior em África		Paróquias de Suevos 6,48
6.22		Pulso do Minho 6.50
	r	
Querem ser Jeová	Reitor de Alvarães	
6.54	atento às Missões 6.47	
	Eles e elas de Há 40 Anos	
	6.49	SAO PEDRO á a 29 de Junho
	Roteiros] lig. do Terço 6.52	ão, o que foi Baptista
	6.56	6.53
	Remelhe-Fera Goms	Pedro de Alvito-monog. 6.59
	e a Res barcelense	
t	u 6.59	Shalom-grupo a q. pertence
Tombo de Gal 6.41		um jovem padre de Gal. 6.54
Tesouros--das Selecções 6.42		
Teresa e ant <sup>2</sup> bodas -	UMA roda, só, não anda (cai) 6.43	
de Ouro 6.43		v
(os) de 33 em festa 6.44	Um homem bom 6.57	Valores em Barc 6.55
Tric-Tric em Gale 6.39		Vultos de Gal 6.56
Teorias de Arist.		Vida e Morte 6.57
-6.20		Violanta, em Gal. 6.56
x .....		

Lx, Mar/97





19 96

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BARCELOS  
CÓDIGO POSTAL 4750

Exmº Senhor  
Dr. Francisco Alves de Almeida  
Ilustre Juiz de Direito Jubilado  
R. D. Carlos Mascarenhas, 70 - 2º Esqº  
1070 Lisboa

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência

DATA 9-07-96

Of.º N.º

Proc.º

3646

ASSUNTO:

Acusar a recepção e agradecimento

Tenho a honra de acusar a recepção dos livros :

- Galegos, Santa Maria, 1976; Guia do Sinistrado do Trabalho, 1976; Latim - Exercícios para o 6º Ano, 7º e Aptidão, 1967; Disciplina de Religião e Moral (Apontamentos para uso dos alunos), 1967; Subsídios para a História de Galegos, 2 cadernos com recortes dos artigos publicados no semanário "A Voz do Minho", 1971- 1974, que V. Excia teve a gentileza de oferecer a esta Biblioteca Municipal, o que muito agradeço.

Tais livros, dado que se trata de um autor natural de Barcelos, irão integrar e enriquecer o património bibliográfico da "Barceliana".

De momento não é possível fornecer-lhe a notação de tais obras, mas irão ser classificadas dentro das monografias, direito e religião cristã.

Felicitando V. Excia pela trabalho desenvolvido em prol de Barcelos e da freguesia de Galegos Santa Maria, subscrevo-me com elevada consideração e estima.

Com os melhores cumprimentos

O Bibliotecário Municipal

(Victor Manuel Martins Pinho da Silva, Dr.)











**Mais vale um**

Continuação da 1.<sup>a</sup> página

não significa autoridade  
para mandar — ou não de-  
via significar.

É aqui que as «estruturas» (hábitos, etc.) tem de ser alteradas para maior bem de todos.

Seja como for, isto de mandar é muito espinhoso. A não ser que tanto «monte» mandar bem ou mandar mal.

Um caso.

Ali perto de Leiria há um proprietário de pomares com diversos trabalhadores diários. Deu-lhe a veneta e foi-se para França trabalhar. Um escândalo! Para quê? Não precisava daquilo, diziam. E as propriedades, quem cuida delas? — Ah, disso não tenhas pena. Nunca os pomares estiveram melhores que este ano: ele não sabia mandar, mas os trabalhadores dele sabem!...

Este devia ser proibido

ver outros a trabalhar, dizer como hão-de fazer, o que fazem hoje e o que vão fazer amanhã, etc.

«Cada um é pró que nasce», diz o povo. Hoje, uns nasceram para mandar e outros para obedecer ou ser mandados. 14-43

\* \* \*

hides - Enfirum

Um dia percorria eu a Rua do Souto em Braga e vi que nela desfilava uma centena de miúdos, escuteiros ou da mocidade. A certa altura, um dos desfilantes, dos mais miúdos, salta à frente, faz um gesto e toda aquela gente parou!

Como é possível a um petiz fazer-se obedecer assim? Mas fez e o resto é conversa. O miúdo tinha decerto — e era reconhecido — qualidades de comando, de líder. É daquela massa que se fazem chefes.

Ninguém reparou em casos destes? Há-os a cada passo.

14.XI.73

\* \* \*

outro. Ascolia

pequeno foi à oficina  
pai. Viu lá um ho-  
e nada fazia, só  
Visto «isto» diz  
que eu quero,  
grande, é ser  
o. enten-

tendeu. Quem ia no carro era o Vítor, chefe da oficina mecânica. Tudo esclarecido: o miúdo o que queria ser era «comandante» chefe. De facto tem jeito para mandar e o pior é que não suporta — ou só forçado — obedece.

Será que só quer ser «mestre» o que é também preguiçoso e por o ser?

Penso que não. Até há pessoas colocadas em lugares de comando para quem dar uma ordem custa os olhos da cara. Detestam. E os de baixo censuram-nos: — se fosse eu o chefe!...

### Conclusões:

1.<sup>a</sup> — Por razões diversas, metade do mundo faz o que não gosta de fazer: gostaria mais de ter de fazer as tarefas da outra metade;

2.<sup>a</sup> — Mas — num País como o nosso — nem sempre mandam os que devem (apesar do rifão: «manda quem pode, obedece quem deve»);

3.<sup>a</sup> — E não mandam os que «devem», porque mandar é só dos que «podem» — poder económico, social, etc. — o que é contrário à boa ordem de organização de uma sociedade: poder

(Continua na 4.<sup>a</sup> página)

↳ Fin in Ps per Segue

mandar, m...  
lele.  
~~conf~~ \* \* \*  
mulheres? Ai stá  
por Firmo  
ques

a Princesa Ana a escolher  
fórmula de casamento que  
a vincula a obedecer ao  
marido.







bom mandad

16 x 17 (73)

ceus de Braga espalhavam entre outros panfletos incitando-os a desobedece-rem aos pais... os pais mi-nhotos — que não só os de outras bandas — estão fri-tos.

Conclusões

Porque é que não posso sair só à noite? Porque é que... filhos criados, tra-balhos dobrados.

Ora bem: ninguém com juízo vai supor que aos 21 anos os filhos adquirem poder e saber de se auto-formarem, tudo de uma vez e num só momento. Há que ir-lhes abrindo, pouco a pouco, a mão. Já que foi impertinente..., etc.

Conclusão: os ensina-mentos de há 10 anos já não servem e os de agora não bastam porque os «astros» e as coisas alteraram-se mais depressa do que as ideias de muita gente. Mes-mo nova. A educação é para amanhã. O drama es-tá em que... como vão ser as coisas daqui a 10 anos?

Digam os sábios em vez de encherem o jornal com banalidades.

Francisco Almeida

## Párocos que foram cónegos e visitantes

Desde 1663 a 1841 visita-ram, em inspecção, a freguesia de Galegos (Santa Maria) — que foi das antigas Terra e concelho de Prado — diversos cónegos da Sé primaz, dois re-lacionados com Vila-Verde e di-versos com outras freguesias. Vejamos:

Dr. João Pinheiro Leite, vi-sitador da terra de «Entre Ho-mem e Cávado e Valle de Tame-lá» — como todos os outros — em 1774. Declara-se abade de S. Cristóvão do Pico e de S. Tia-go de Aliães e ainda de S. Ma-medes de Escariz. Decerto que trabalhava em Braga e tinha nas ditas paróquias seu cura.

Dr. António Moreira da Cruz, visitador em 1788 ou 14 anos após o Dr. Leite. Ora nesta data de 1788 já o Dr. Leite te-ria falecido ou hida para ou-tras paróquias, porquanto é o Dr. Cruz que é abade das 3 fre-guesias acima referidas: Pico, Aliães e Escariz.

Isto não se deu apenas em Vila Verde:

Também Barcelos teve 2 pá-rocos, cónegos e visitantes, em S. Julião da Silva, de nomes Lázaro S. Barbosa e Dr. Custódio Velho nos anos de 1683 e 1722.

Também as freguesias de Anais e Vilaca (Braga?) tive-ram seu cónego em 1686, de no-me Sebastião B. de Almeida; e Rio Caldo (S. João) teve-os

E Telhado (Famalicão) em 1831, chamado João J. A. Leão, de duas ordens: a de Cristo e da Conceição.

E até Seixas (Caminha?), em 1716 teve o cónego Baltazar A. Sousa.

Quer-me parecer que de uma lista de visitantes, a sair, pos-sivelmente, na revista do Dis-trito de Braga, bastantes foram nascidos nos actuais concelhos de Barcelos e de Villa Verde.

Seria algo de interessê como achega para as histórias das nossas freguesias, por sinal la-mentavelmente desonradas.

E se de pão vive o homem, nem só todavia, dele vive.

também em 1705 e 1725, de no-mes Jácome Villas Boas Can-sado (?) e Bernardo M. do Couto.

Salvador de Figueiredo (Amares) teve-os em 1729 e chamados Gonçalo (?) António de Sousa Lobo e António Xavier Rebelo.

Do mesmo modo, Celeirós e Silvares (Fafe?) em 1735 e 1759, chamados Carlos M. Aze-vedo e Dr. José P. de Matos. Ainda outro de Cleirós, em 1815: Bento J. S. Caneção e ou-tro de Silvares, de nome Dr. Ja-cinto José Veloso, em 1791.

E S. Pedro do Couto (Cam-besás, Braga?) em 1806, cha-mado João C. S. Albergaria, confessor real, (como confessor real foi outro cónego de Braga, em 1732, de nome Simão Pa-checo).





## Algumas notas sobre o

# Direito Penal do Trabalho

Trocado isso em miúdos, quer-se dizer que aqueles que não cumprirem certas determinações legais do trabalho serão punidos com multa de x escudos. Se o patrão não paga os salários, multa; se não dá as férias, multa; se castiga sem razão, multa. São milhares de casos.

Não há nisso crime algum e por isso, até ver, tais multas

## Direito Penal do Trabalho

Assim: um patrão abaixa o ordenado? Multa. Não prendeu bem os andaimes? Multa.

Mas como fiscalizar tanta obra? E o certo é que nem os patrões sabem sempre que estão a transgredir, nem o trabalhador sabe que não tem obrigação de arriscar a vida, como tanta vez arrisca, sem honra nem proveito deixando mulher e filhos em escassas circunstâncias.

Deste modo, bem preciso seria haver alguém com paciência de Job que se desse ao trabalho de reunir num volume as obrigações que as leis do trabalho criaram, as omissões que proibem e as correspondentes penas. Até lá, não é fácil que a situação e vida do trabalhador português sejam defendidas como merecem.

De modo semelhante se passam as coisas com a Segurança Social. Quanto patrão não desconta para a reforma devida ao seu trabalhador? Quantos descontam por salários menores que os reais? Quantos só descontam depois de forçados? Mas são todos muito bons cristãos. E quanto mais puritanos tanto mais fraudulentos. Nem todos, já se vê.

Pedro Afonso

não dão cadeia, mesmo quando não pagas: se não há dinheiro, até o rei o perde.

Em Portugal, têm-se os professores de Direito afadigado no estudo do Código Penal, o melhor dito, criminal. São uns 400 e tal artigos e nem todos descrevem crimes. No Direito do Trabalho, não temos um Código de delitos: andam dispersos. Se alguém se lembrasse e já lembrou — de reunir todos esses casos em um código, logo desistia. Querem ver?

É o caso do Decreto 360/71 sobre acidentes de trabalho que tem quase 100 artigos. Quem não cumprir o mandato em qualquer deles — o que vale é que há mais que fazer — pode ser multado. As multas são de 3 graus: um primeiro mais pesado, um médio e um leve.

Por exemplo: ferido um operário na fábrica, o patrão participa logo ao tribunal ou ao Seguro; ao fim de 12 meses de tratamentos sem obter a cura do operário, participe a Seguradora isso ao Tribunal. Ao contrário do que vem no Código criminal, a lei não diz logo qual é a pena para a falta da participação, atingidos os 12 meses. As penas vêm todas num só artigo, desta forma: se não cumprir os artigos A, B e R, tanto a tanto; pelos artigos C, E e M, tanto a tanto; pelos restantes, tanto a tanto.

O que se dá com o decreto 360/71 dá-se também em muitos outros diplomas como a lei geral do trabalho ou a lei sobre segurança nas construções de prédios.

Assim como está, não. Fraca casa na praia já em junho leva 4 contos. Nos meses seguintes, 10 contos, ao que me informava há dias um homem do turismo da Ericeira com quem calhou de falar. Temos hotéis por aí fora. Andam muitos estrangeiros, que a bolsa de portugueses não lhes chega. Disse «português» mas não quero

Pois é! Imaginam uns quantos santosistas que por o Minho ser verde é todo ele um campo de férias. Logo... não há que os

## dos Campos de Férias no Minho?

criar aí. E não sei se foi esse o entender da F.N.A.T. ao situar suas colónias de férias para o sul de Leiria. Em concreto: junto a Caldas, na Caparica e no Algarve. A norte, termas.

Não é errado? Só o Minho e o Porto têm milhares de trabalhadores. Que não podem beneficiar muito dos campos Sociais da F.N.A.T. por lhes ir o dinheiro em viagens. Como se apenas a sul do Mondego houvesse praia e só daí abaixo fosse terra de gente.

Mas o Minho — boa gente! — não pia.

Aposto que muitos do sul gostariam de poder gozar férias so-

(Continua na pág. 6)

ciais no Minho de que tanta maravilha ouvem dizer.

Lá o lavrador, esse não tem hábito de ter férias. Por isso o espírito dele não vai além «daquele monte». Não sai, por hábito e falta do «monho». Casas do Povo, grêmios, há sim senhor. Mas campos de férias decerto não se lembraram de os «falar» à F.N.A.T. e esta tem muito para onde se virar. Se tem! Vire-se então uma vez ou outra para o Minho que as gentes dali até são agradecidas!

Assim como está, não. Fraca casa na praia já em junho leva 4 contos. Nos meses seguintes, 10 contos, ao que me informava há dias um homem do turismo da Ericeira com quem calhou de falar.

Temos hotéis por aí fora. Andam muitos estrangeiros, que a bolsa de portugueses não lhes chega. Disse «português» mas não quero

(Continuação da 1.ª pág.)

que e dos campos

zes...

Sousa Dias







# VISÃO DOS TEMPOS

Por Francisco Almeida

Aí por 1870 deu-se tremenda polémica entre Antero de Quental (aquele que depois meteu um tiro na «pinha») e Castilho. Razão: Antero e aderentes (formam-se sempre grupos de apoio, como agora) davam um safanão nas ideias correntes sobre as funções da Literatura. Duas visões da vida, dos tempos.

Então, cada grupo dialogava, mesmo polemizando. Viu-se que venceu a corrente dos novos: a do Antero a que os do tempo, pela sua rectidão e mais virtudes — que as tinha — chamavam Santo Antero. Pode concluir-se: a vida é das novas gerações e há muito de bom no que apregoam ou reivindicam. Porque é que os maduros não-de então agarrar-se tanto ao sr. Dantes? Nunca mais aprendem as lições da História.

A História não é só um certo número de relatos, feito por um idiota, como o barbado Marx disse. Há nela algo de permanente.

parlapatão — que tem de ficar com tempo para dormir — tenha de reconhecer que de Sociologia da Religião, por exemplo, nada sabe. Logo, cale-se. E é o que eles não querem fazer! Por outro lado, sem essa divisão e subdivisão do saber não é possível ler sequer o que sobre dada matéria se vai publicando. No campo das Técnicas é na mesma.

Vejamos a direcção de uma empresa. Simples, não? Pelo que se ouve e vê... mas depois a coisa encrava.

Vejamos o que se sabe sobre os Padroeiros das freguesias: S. Paio, S. Fins, Santa Eulália, Santa Iria. É tremenda a camada de poeira e arca ruim acumulada sobre eles: lendas e mais lendas. Então não houve um barcelense a escrever a vida de Santa Quitéria — que existiu — mas de que nada se sabe de certo? Que é isto?

Isto tem que ver com o estudo dos antigos missais.

vemos os corifeus políticos falar de «acção directa»? De «relação de forças», de «alianças tácitas» ou expressas?

Tudo isso é matéria de uma teoria, a Ciência Política. E isso de grupos de pressão não passa nela de um capítulo. Não é que aprendamos muito de novo. Mas ficamos com conhecimentos organizados e isso é de muita importância para saber como é feita a puxada.

A Humanidade é sempre na essência, a mesma: sempre os homens não-de cuidar muito do ventre, sempre não-de ser adúlteros; sempre não-de tentar viajar montados no vizinho; sempre não-de praticar maldades e dizer que foi aquele outro quem as fez.

E daí? Faça-se como os de outras terras: que se juntem e associem os que não estão dispostos a deixar-se montar. Ou, se que-rem, aninhem-se para que os outros montem. Tanta gente culta por aí além e qual o fruto dessa cultura?

Não lêem, não sabem, não prevêem, não planeiam e, estúpidos que são, caem como ratos. Que bom senso não bonda. E palavras levadas o vento. Como escreveu o Dr. Polcarpo e em resumo: os homens de hoje têm muitos bens à sua disposição (nacionalizados ou não); sabem explicar quase tudo; quase só cuidam da vida aqui, hoje,

Não lêem, não sabem, não prevêem, não planeiam e, estúpidos que são, caem como ratos. Que bom senso não bonda. E palavras levadas o vento. Como escreveu o Dr. Polcarpo e em resumo: os homens de hoje têm muitos bens à sua disposição (nacionalizados ou não); sabem explicar quase tudo; quase só cuidam da vida aqui, hoje,

categoria. No fim de contas, nada temos de novinha o que vier. O tempo tudo equilibra. O que não nos autoriza a adormecer em estupidez congénita.

Francisco Almeida

Há nela um sentido profundo. Mas deixamos isso que é tarefa para os sociólogos e filósofos da história. Seja como for e queiram ou não, é patente que

O Espírito patrão e pai sobre esse mar revolto que a Humanidade é e tem sido. Ora ninguém nestes tempos de agora, pode chegar

a saber coisa nenhuma se não se limitar, se não se especializar. Nem sequer se pode falar em Sociologia apenas. É preciso ir à espécie: este

que estuda Sociologia da Música; aquele, Sociologia da Literatura, etc, o que obrigará a que este

por exemplo. No que à cidade de Braga toca, a Gulbenkian publicou o texto do célebre Missal de Mateus, feito aí pelo tempo de D. Afonso Henriques, com estudo do Padre Bragança da Universidade Católica.

A obra é luxuosa, mas falta-lhe ainda um estudo aprofundado, semelhante ao feito pelo Dr. Avelino Costa acerca de D. Pedro, Bispo de Braga. Aquilo, sim.

Por outro lado e embora o especialista vá à frente, bom é que o povo tenha ao seu alcance pequenos Manuais disto e daquilo. Exemplo: Grupos de pressão. Não é verdade que





cad 24 - Ar m 26 6.5

# Dos fracos não reza a história

A Camarada de Teófilo  
nº 2173 de 8 XI. 75

Dr. Francisco de Almeida

É rifão da nossa gente dizer que só os valentes contam. Ora, dando vista a uma pequena história dos escritores ingleses, depara-se com um a merecer ser lembrado através dos tempos por ter sido sábio, escritor e além disso, um valente. Chamava-se Tomás. De apelido, Mórus. *T. Mórus*

Morreu vai para 450 anos e mesmo assim a vida dele é lição e causa simpatia. *V. et J. et.*

Digo já também que tal foi a heroicidade dele que mereceu ser proclamado santo há uns 40 anos — para exemplo do mundo e sobretudo dos ingleses, já que ele era inglês.

*C. Silva - 8.XI.75*  

## QUEM É O HOMEM

O nome dele vem apontado nos livros de diversos saberes, tais como: História da Literatura (escritores), História da Política, da Filosofia, etc. Mas que eu saiba — somos uma gente como o bicho da seda em seu casulo — ninguém

*Socla*  
em Portugal teve a ideia de lhe publicar a vida. Por isso não temos elementos para ir ao fundo das coisas. Aí vai, contudo o que aos leitores pode interessar.

Morreu de morte macaca em 1535, depois de ter estado preso — por razões políticas — na afamada Torre de Londres. Porquê?

O Tomás tinha escrito um livro a que chamou Utopia, semelhante ao que o amigo dele, chamado Erasmus de Roterdão (na Holanda), escrevera com o nome de Elogio da Loucura. Os tempos andavam de facto loucos.

Ambos de crítica social. Acontece que o do Tomás advoga em política um certo «comunismo» (a ideia é antiga) e a tal sistema chamou utopia (loucura). Foi também historiador e ainda chanceler ou secretário do rei Henrique VIII, aquele que numas garrafas aparece barrigudo, barbado e cheio de anéis.

(Conclui na página 3)

# Dos fracos não reza a história

*C. Silva - 8/XI/75*  
(Conclusão da 1.ª página)

## NÃO VERGOU

Este rei Henrique viveu no tempo dos nossos João III e Damião de Góis, e ainda de Lutero e outros.

Mas deu-lhe na ideia mandar às urtigas a mulher que tinha (casados pela Igreja) e casar com uma tal Ana Bolena. Para tanto, pois salvaria a fachada: argumentar que o 1.º casamento foi sem valor, o Tomás ajudar ao andor com todo o saber e crédito que tinha e o Papa não diria que não.

Contas fucadas. Porque: 1.º) O Henrique e os conselheiros dele estavam corrompidos, mas Tomás, não; 2.º) Henrique e até os bispos — mais por uma questão de nacionalismo — eram simpatizantes de doutrinas «desviadas» do Prof. Wiclef, mas Tomás, não; 3.º) ao contrário do que pensava, o Papa disse não à anulação do 1.º casamento.

Caíu o Carmo e a Trindade

em Londres. O rei revoltou-se contra o Papa e por isso fez assim:

a) Declarou que ele e seu povo deixavam de ter a Santa Sé como chefe dos cristãos das ilhas dos Bretões: ele sim, passava a chefe em vez do Papa; b) Declarou-se divorciado da 1.ª mulher; c) Mar-

cou data para casamento solene — na Igreja — com a Aninhas.

Como o Tomás recusou aprovar com a presença dele toda esta «farsalhada», Torre com ele. Um reacçãoário dos antigos!

Enão querem ver que arranjou bispo inglês, que fizesse o 2.º casamento?! A um que refilou, de nome Ficher, cabeça fora! Os padres ingleses — que carneirinhos obedientes! — pronto, sua Majestade manda... E o povo não é quem mais ordena, não.

Com isto se criou na Inglaterra a ditadura religiosa dos reis sobre o povo inglês: fê-lo seguir, à força, os caprichos de

Henrique.  
No meio de tudo aquele rio de medo e desejos, um homem fleu de pé contra o rei: o

nosso Tomás. Disse-lhe nas barbas e no umbigo. Que che-  
fe feito por Cristo era Pedro  
de Roma. Não um Henrique VIII.  
E pronto: os ditadores não  
toleram gente assim.  
Dizemos nós: morra o ho-  
mem e fique a fama.







# Revolução e Direito

(Continuação da pág. 1)

duza. E muito chocados ficaram os da FEC quando um Sujeito lhes disse: afinal, tudo que vocês vendem são traduções, doutrina importada. Os nossos não têm cabeça que pense? Mais: vendem ainda doutrinas de 1929. Do tempo do meu avô e nós estamos em 75!

O diálogo seguiu, juntou-se gente e viu-se que lá de dialéctica pouco pescam: falam alto, repetem discos e é tudo. Ora é pena porque nenhuma ideia pode progredir sem a competente fundamentação. As palavras são muitas, o saber é pouco.

3) Que é o Direito? Isso existe? Em 71 escreveu o Prof. Moncada no *Boletim da Universidade de Coimbra* isto: O Direito Como Objecto do Conhecimento.

Quer dizer: as coisas são elas e são fora de nós. Nós próprios somos coisa para o entendimento e sentidos dos outros homens. Mas nós somos e sabemos o que somos. E o Direito nem todos sabem o que seja. Começam aí os problemas: problema do ser — ontológico —, e do conhecê-lo, — gnoseológico ou de teoria do conhecimento.

4) Nas outras ciências dá-se o mesmo: o homem sente-se mal. Porquê? Qual a causa? E não são poucos os que têm morrido porque o médico pensou que a causa da doença era A, quanto era X. Ao dar-lhe remédio para A, o homem foi-se. Aquele médico pode não ter culpa, mas pode bem ser uma besta: conheceu mal, deixou-se iludir, precipitou-se e matou.

5) Pois bem: a Revolução faz-se para os homens ou contra os homens? Se ela não é para bem do Povo, é absurda.

Ora o Povo nunca foi nem é nem será senão o homem de carne e osso e dotado de intelecto. Agir contra os ditames deste é o maior disparate possível: não se põe

## REVOLUÇÃO

1) Apareceu há dias um livro chamado *Revolução e Perspectivas do Direito* (Munike e R. Weyl). Não o pude ler ainda.

Isto do Direito está muito na barra: porque uns o contestam, outros o querem novo ou de novo, etc. Significativo é que nem os Soviéticos prescindem dele como

um comboio a escavar barreiras. Cada ser é ele e a natureza dele dita como deve actuar.

O homem é natureza, como a figueira o é. A Revolução é absurda se pretende virar o homem em figueira e a figueira em homem. Não pode ser, não dá!

Por isso, a Revolução tem de estudar o homem e muito ponderadamente ver, cogitar, do que precisa ele. Ele é que é a fonte, a causa, o título do *dever-ser*, da regra, da mesma, do direito. Ouça: isto não é metafísica. Ou se o é, é daquela que nasce no coração do povo rude, incapaz de voos mortais, mas muito pés na terra, seguro, perene. Vocês nunca pensaram nisso?

6) Sabemos que é quase moda ser marxista. Pois bem: há muito se demonstrou que essa doutrina, criada para explicar a realidade, é como teoria falsa, errada. Até os neuro-fisiologistas o sabem e dizem. Vejam o cientista *Chanchard* em *Le Cerveau et la Conscience*. E contudo agarram-se alguns a tal doutrina de uma forma!... Que lunáticos houve sempre, claro. O povo diria: que vão lamber sabão!

7-A) Voltando ao tema.

A embalagem da Revolução deve ser aproveitada para se fazerem as alterações devidas. Por exemplo: no *Código de Processo Civil*. Este deve ser simplificado ao ponto de qualquer cidadão poder ser capaz de por si se dirigir ao Tribunal a defender seu direito — ou como outros dirão — seus interesses e pontos de vista. A Justiça seria mais barata, evitava-se que uns tantos medrassem indevidamente à custa do pobre e para dizer que meios e caminho deve o homem seguir na defesa do seu direito lá está a cúria, o juiz.

Certo que os Códigos têm regras veneráveis e muito antigas. Nem assim ou só por isso se devem conservar todas.

Exemplo: António chama Bento a Tribunal. Bento vem e diz: não é comigo, é com meu pai porque e porque. Lá está o 1.º sarilho a emperrar que a questão se resolva e pode bem ir a acção pelos ares: tempo e dinheiro perdido. Problema da legitimidade.

Mal: o juiz por ele ou a pedido

do António, mandava logo que viesse também o pai. Ali é que não se passava sem determinar se António merecia ou não a protecção pedida.

7) O mais grave é que os Professores de Teoria Geral do Direito nem se apercebem — ou parece — de que toda a Teoria lavra muito fundo ou deve lavrar. São incapazes de reconhecer que uma fracção vale o mesmo quando simplificada ou que todo o saber assenta em meia dúzia de princípios. Esquecido isto, perdem-se nas leis como peregrino na selva.

13) Exemplo: o que é legitimidade? Leiam, por exemplo, o juiz Ary Costa sobre isso: *A Legitimidade... na Doutrina...*

8) E todavia o povo sabe o que é. O Povo! Vejam só: «isto não é para gaiatos. Fora!»; ou: «não tenho procuração deles, mas...»; ainda: «a tenda a quem a entenda» e «quem te manteve a ti, sapateiro, tocar rabecão?»

Quer o povo dizer que mexer em certo negócio «cabe» a X e só a ele. Só ele tem título, é legítimo. Os outros excluem-se do círculo de interessados.

Mas como acontece isto de o vulgo saber, entender a coisa e os mestres rodopiarem e estate-larem-se?

De tudo concluo — algo como o Prof. Moncada — que o direito sabe-o o povo, que o tem no coração, na mente e o faz no dia a dia. É ele quem diz: «o seu a seu dono», frase que não é tão fácil de explicar como isso e todavia é de sentido evidentíssimo e impossível de negar sem contradição. Aí bate o ponto. E toda a gente, mesmo os ocupadores de terras, o sabem e sentem. Tirem-lhes o que deles é e verão.

14) Ora os Soviéticos também têm uns certos «Fundamentos» do direito deles. E como não são parvos, esses fundamentos até estão certos em muitos pontos. É a ironia de, sem quererem, cumprirem o estipulado pelo Autor da Natureza. *Conclusão*

Pois o Povo só quer que a Revolução o não atropеле, ou seja, que não se faça o torto ser o direito: sê-lo-ia apenas de nome, fachada. E de fachadas, já teve que baste.

ACÁCIO TORRES

DIREITO

traduções do que os Estranhos es-crevem. Não são vaca que pro-

(Continua na 6.ª pág.)

6.6  
53  
poderão ver no livrinho, O Direito Soviético, saído este ano.  
2) Engraçado: os nossos afamados revolucionários não têm, pelo que se vê, feito mais do que pequenas







# COISAS DE LONGE E DE PERTO

## Os Minhotos como grupo

Perguntei numa nota aqui publicada porque é que o Minho não votou Pêcê. Ali ao lado vão dizer-me: porque não acreditam no Cunhal. Mas porque?

Oçam este bocadinho:

«Na Península Ibérica... submetida ao domínio muçulmano (Mouros) as ...marcas (deles) são per-

### PELO

Dr. Francisco de Almeida

sistentes no centro, no leste e no sul... Assim (há) oposição entre uma Ibérica mais afim da Europa média e uma Ibéria mais afim do Magreb» (Marrocos).

Então a resistência ao Cunhal é devida à fé cristã do Nortenho? (Ver Prof. Dr. O. Ribeiro — Atitude... em Geografia Humana, pg. 30).

Diz o mesmo autor a pag. 51:

«O Alentejo e o Minho são... dois casos extremos... (O Alentejo) com enormes aldeias e MONTES (casas de campo) isolados, onde não chega a voz do sino e uma população indiferente, quando não hostil, à vida religiosa...»

F. Almeida

# Apontamento Breve

Cruz Malpique falou-nos aqui de 2 nomes, Baudelaire e Guide (dia 22-XI-75), a propósito da sinceridade.

Escolheu mal porque certos homens não podem ser sinceros (pão-pão, queijo-queijo). Ai de nós se fossem sinceros!

Mas que é ser sincero? É dizer tudo? Isso não é franqueza, «franquezinha»?

Dos ditos B. e G. fala Papini na sua obra — não de todo recomendável — chamada O Diabo (livros unibolso).

Falando de «livros inspirados pelo diabo» — pag. 112, refere Maquiavel, Wilde, Poe e escreve: «Estas ideias de Poe (teoria da complacência do mal pelo mal) tiveram muita influência em Baudelaire...». E ainda (pág. 116): «Em Baudelaire serpenteia e aflora de contínuo a inspiração satânica...».

Do Guide diz, além do mais: «Guide... (solucionou o problema) concluindo que em todas as obras de arte é necessária a participação

demoníaca» (pág. 114-115). E depois (pág. 117): «Se eu acreditasse no diabo... eu dizia que pactuo imediatamente com ele».

Ora bem: alguma vez o mestre (diabo) de B. e G. falou verdade?

### PELO

Dr. Francisco de Almeida

É fanaticíssimo e tem muitos e muitos seguidores.

Ai têm uma nesga do que foram B. e G.

A propósito, já que as memórias a poucos podem interessar, mas o livro do Papini se mostra dia a dia mais actual, ai vão alguns temas dele: I — Necessidade de conhecer o diabo; VIII — O diabo e os homens; X — o diabo e a literatura (livros); XIII — Utilidade do diabo.

No capítulo V, pag. 27, fala do Ateísmo e escreve: «O Diabo não é ateu: longe disso».

Francisco de Almeida







v. car. de I. I. 76  
H. Nat. de 3. I. 76. N. Norte de 7. I. 76 Nº 930

# Voltar à casa do pai

930

C. de Serra, no 2181, de 3. I. 76 (1)

O leitor conhece a história de um atrevido e engeenhoso rapaz que disse adeus a seus pais e se lançou por esse mundo além como um emigrante ou um exilado. É preciso bastante coragem para fazer isso. Os do Alentejo, por exemplo, raro a têm. Os de Lisboa, menos. Por isso, dos que vivem em Lisboa, uma grandíssima parte não são nascidos na capital. Sair de casa é arriscado.

Depois joga o brio e a vaidade: voltar à terra? Para alguns, só com muitos anéis e tal. Muitos não os têm e não regressam. É impressionante o número dos que saíram e nem mais escrevem sequer aos da terra, aos familiares. E também há a estupidez de vários a julgarem que quem saiu da terra, necessariamente, tem de estar com fortuna. É assim, não é?

A propósito: o Dr. M. Serra escreveu um artigo sobre os nossos emigrantes na França e Alemanha. Diz muito pouco para além do que já sabíamos. O que diz de mais interesse é:—que bastantes dos que de cá saíram são analfabetos! (sem letra e amigração! Admirem esses valentes);—que os pais portugueses não querem que seus filhos ou filhas casem lá: nem com os franceses porque os acusam de empurrarem as mulheres para a má vida; nem com mulheres de lá porque depressa «enfeitavam» os rapazes.

E assim? Eles lá sabem?

Voltando ao tema: o tal rapaz da história, depois de ter partido a cabeça nas paredes dessas terras de longe, resolveu voltar à casa do pai.

(Conclui na página 4)

Orthodoxos

glaterra até à Palestina, tudo era um só Estado: Roma. Depois esse dividiu-se em dois: o de Roma, com sede em Roma, abrangia tudo a ocidente do que agora é a Grécia, Jugoslávia, Bulgária, Rússia; o de Bizâncio—ou Constantinopla, com sede em Constantinopla, para o oriente do anterior. Os de cá, falavam latim; os de lá, grego.

Ora, no estado de língua grega, havia o Patriarcado da capital, o de Alexandria e o de Antioquia, etc. Por 1054, o patriarca da capital deixou de obedecer ao Papa, e assim ficaram os cristãos do oriente separados, dando a si próprias o nome de rectos, «ortodoxos». O Papa e os de cá seriam heresias.

Distinga-se entre povo e caturrice dos chefes.

Recordam-se do encontro

6.8

Federações: a maior, de 74 países, obedece ao patriarca de Constantinopla—que agora é Demétrio I, sucessor de Atenágoras. Alguns ortodoxos russos a viver fora da URSS não lhe obedecem. Se Demétrio voltou, não é certo que seja perdido aos da URSS e outros da certina de ferro, voltarem. Ainda que, porventura, o queiram. Hoje, não serão 150 milhões os que voltaram, ao con-

trário do que disse o «Dia». Mas é um começo sério.

Anoto ainda: os Ortodoxos conservaram maravilhosamente a fé dos velhos Apóstolos: têm liturgias muito ricas e variadas; têm associações de lei-

## Voltar à casa do pai

Jornal A Comarca de Serra (abrange 4 concelhos)

(Conclusão da 1.ª página)

### OS ORTODOXOS VOLTAM

Saúdo novo jornal, o «Dia». No de 16/XII/75 pag. 14, diz-se que o Patriarca de Constantinopla—cidade hoje da Turquia, perto da Rússia e da Grécia e do Egipto e Palestina—mandou ao Papa Paulo um delegado para lhe transmitir que os Ortodoxos voltavam a reconhecer Pedro como chefe. E dizia o noticiário que isso significava o regresso a Roma de 150 milhões de cristãos.

Não podem ser tantos. Digo porquê:

—Antigamente, desde a In-

que o Papa Paulo VI teve com o venerando patriarca Atenágoras? Se não, pergunto como tem sido possível andarmos, no ocidente, tão desinteressados pelos cristãos do lado do nascer do sol. E de pasmar!

Os tais ortodoxos vivem nos seguintes países: Rússia, Grécia, Egipto, Síria, Jugoslávia, Hungria, Bulgária, Roménia, Turquia e outros, além de na América e 1 milhão na Índia. Ao todo, são de facto uns 150 milhões (nessas terras há também muitos que há muito passaram a obedecer ao Papa—são os unidos).

Os ortodoxos formam duas

Gos para ensinar o povo (de leigos, vejam! Por exemplo, a Sociedade Zee); têm obras de arte que são assombros de beleza. Em resumo: temos bastante a aprender com eles.

O. V.







# Notas de Viagens

Por N. de Elvas

524

Detesto os apontamentos e artigos de jornal que se-  
jam extensos. Decerto dá-  
-se o mesmo com os leito-  
res porque os jornais são  
muitos — mas as noti-  
cias são poucas: muito  
continua a ser-nos ocul-  
tado. Com propósito de ser  
breve, aí vão algumas no-  
tas.

## As terras por cultivar

Na zona ao Sul do Tejo,  
entre Vendas Novas e Por-  
talegre, muito pouco se vê  
cultivado do que dantes  
semeado era de trigo. Afi-  
nal, as ocupações das her-  
dades não resultaram. Con-  
firmaram-me que nem um  
quarto (1/4) do habitual  
está cultivado. Hoje e a  
continuar-se assim, nem  
25%. Que colheita irá o País  
ter em trigo. E onde pa-  
ram elas? Amanhem-se.

## Justiça de 2 balanças

Diziam aí: os agrários,  
os latifundiários! Pois sim!

Aí a uns 6 Km de Portale-  
gre foram ocupar uns ter-  
renos. Para tanto, foram  
de lá expulsos 19 rendeiros  
que assim perderam gados,  
galináceos e até as habita-  
ções. Sem dó nem piedade.  
Rendeiros até já idosos.  
Num sítio, um rendeiro  
morreu de tristeza (como-  
ção). Que fazem os ocupa-  
dores? Nada. Instalaram-  
-se e só matam e comem  
quanto vivo lá deixaram  
os expulsos rendeiros.

Conclusão: uma justiça  
para os ocupadores, outra  
para os rendeiros. Mais  
conclusões pense-as o lei-  
tor.

Saudosistas de 16-1-76

Ouvi relatar que em di-  
versos serviços já se pede  
abertamente um Salazar.  
Mas novo. Deus nos de-  
fenda!

(Continua na 3.ª página)

Dois jornais

Chama-se um deles Nova  
Terra, elaborado, ao que  
parece, por alguns católi-  
cos de Lisboa. No n.º de  
1/1/76 diz-se que ainda em  
1975 já havia no mundo 1  
milhão de pessoas acorren-  
tadas ao regime de escre-  
vatura! Sobretudo de pes-  
soas de cor. Encontram-  
-se sobretudo na Arábia e  
arredores! E alguns, como  
o Melo Antunes, com a  
cantilena do 3.º mundo!  
Os nossos jornais não se  
alevantam contra quem as-  
sim faz tanto escravo?

A propósito: que é dos  
intrépidos jornalistas de  
1973, sempre a criticarem  
as estradas, e agora que  
elas tem «crateras» (como  
numa cena de teatro se  
dizia) nem piam?!  
X

E o sr. frade da televi-  
são? Que diabo! Só se enche  
de coragem crítica quando  
uns certos cujos caem do  
pedestal? Que ninho de  
ratos se tornou a casa do  
Frei Luís de Sousa! Ora  
a ver, Frei Bento! As pes-  
soas gostam de coerência,  
tá bem? nt. fam. 16-1-76

Mas a Nova Terra: os  
colaboradores designados  
pouco colaboram. São de-  
masiado sábios para jor-  
nalistas. Ou o jornal é  
uma revista para alguns,  
bem pensada — talvez nem  
isso — em formato de jor-  
nal? Assim, não.

O outro jornal é peque-  
no, vem do Porto e é dis-  
tribuído grátis. Como é

possível isto de grátis?  
Chama-se Cavaleiro da  
Imaculada. Nele se lê que,  
segundo os sábios... rus-  
sos (na Enciclopédia deles)  
Fátima é uma invenção  
dos Americanos!

C'os diabos! Inventem  
os Russos outra explicação  
que esta... está péssima-  
mente inventada.

N. de Elvas

Nem o I Ilustre - do Raio.

# Notas de Viagens

(Cont. da 1.ª página)

## Não se poupam

Nas portagens viam-se 3  
ou 4 rapazes a vender jor-  
nais. A cada um sua fila  
de carros. Vendem pouco,  
às vezes lá vai uma Luta  
Popular.

Grandes missionários es-  
tes MRPP!

Dão exemplo a muita  
gente do que é lutar por

uma ideia.

## Domésticas, acabou

Falam em 4 contos e 8  
a 10 horas de trabalho.  
Resultado: ou lhes arran-  
jam novos empregos ou, sei  
lá! Poucos poderão aguen-  
tar tal carga. Não era só  
luxo. Mas, domésticas, isso  
vai acabar.







# COISAS DE LONGE E DE PERTO

V.M. 442-73.3-76  
É de justiça fazer uma rectificação: afinal sou informado de que numa ou noutra das nossas freguesias se conhecem e entendem os textos do Vaticano II. Parabéns a este povo que Martinho de Dume ensinou a ter Cristo como Mestre e não a Marx.

## Um grande Arcebispo

Grande porque decidiu abrir as portas do Seminário a quantos quiseram ouvir e expor a doutrina cristã a nível de adultos. Trata-se de Seminário da nossa Arquidiocese. Poderão ouvir exposições de Dogmática, Escritura, História das Religiões, Marxismo, etc. Noutros lados, as lições são de Ateísmo.

Certo, porque só o saber de matérias mundanas (Medicina, Engenharia, etc.), não basta ao cora-

## Bispo de Timor

Mas este homem não arredou pé: ficou e continuou em Timor. Por que o mercenário é o que, ao vir

### PELO

## Dr. Francisco de Almeida

o lobo... manda telegrama ao presidente Machel (que presidente não era) como os lambe-botas. Mas não ficou.

De Timor, lê-se num jornal: «A HISTÓRIA HÁ-DE PEDIR CONTAS PELA DESCOLONIZAÇÃO

(Cont. na página 4)

# COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

## Novas edições de livros dos anos 1500

Havia já muito tempo que me não era possível ir sequer à Biblioteca Nacional de Lisboa (BNL): longe vai a época em que lá se podia estar aos sábados ou das 9 às 11 da noite. Mas se até os Polícias têm horas extra... O certo é que amigo meu teve oferta de 5 livrinhos, quase em fotocópias da letra original, de há 400 e tal anos. Neste ponto digo assim: — a) por um lado, louvo muito o Ministério da Cultura por se ter atrevido a gastar uns cobses a fazer 1000 cópias de livros antigos — e curiosos — de que já só tínhamos, às vezes, Um exemplar — e se esse se queimava ou o roubavam

# COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Cont. da página 1)

PORTUGUESA... Quanto a Timor, a traição diplomática e política do Portugal pós-25 de Abril... Por aqui se vê que descolonizar é comunicar».

Os Soaristas, Antunistas e outros que se assoem a esse guardanapo.

## Alma Minhota

Interessará aos nossos leitores saberem que estão matriculados, nos Seminários arquidiocesanos de Braga, 422 alunos: 377 no curso liceal, 43 em Filosofia e os restantes em Teologia. Rara será a diocese no mundo que vá em recuperação como esta. Grande povo este do nosso Minho!

Francisco de Almeida

(vale fortuna), lá ficávamos nós e os vindouros sem possibilidade de ver o que foi tal livro; — b) censo o Ministério se todas as cópias que fez, só as fez para oferta.

Agora, sim: ao menos já podemos ler, nós e na América, na Rússia, ou no Japão, os nossos autores do século 16 sem precisar ler o volume guardado a 7 chaves, nos Reservados.

Uma Nota: Pego a Deus, e à Câmara de Barcelos, que na nova Revista barcelense sejam publicados os nossos Manuscritos: os mais importantes do Arquivo da Câmara e outros dos arquivos das freguesias (só há parquiais, que interessam) e até do Arquivo de Braga. E ainda: os barcelenses das Memórias Paroquiais (Torre do Tombo), ao menos os inéditos.

Para resumir, os tais livrinhos são: 1) Gramática da Língua

gem Portuguesa — é do ano 1536, de Fernão de Oliveira, 2) Cartilha

para ensinar a ler — é de cerca de 1534; 3) Regras que ensinam...

Ortografia — era de 1574, de 1590, 1592, etc; 4) Epístola Ad... Roma-

num Pontífice — era de 1505 (rei D. Manuel I); 5) Diálogo...

sobre preceitos morais, em modo de jogo — era de 1540, 1563, etc.

Muito há a comentar sobre cada um destes livrinhos e espero que os nossos críticos comentem o n.º 5 e os professores,

os do n.º 1, 2, e 3, que agora não posso analisá-los.

## A nova «Barcellos-Revista»

É de agradecer a B. F. (O Barcelense, de 12/3) o resumo do conteúdo dela — isto porque só daqui a uns meses eu poderei pôr os olhos nela. A cautela, direi aos contrários: comprem-na porque há-de ser investimento de valor. Quanto já não vale hoje, a obra do Dr. Teotónio — Barcelos — Aquém ou Barcelos — Além? Quando eu a vir, ajuizarei sobre ela.







# Sentido da História

## Algumas observações

Já repararam que certos senhores só falam em abstracto, isto é, sempre nas nuvens. O que detesto e os leitores também.

Reparem bem. Saber o que de essencial fez o Homem luso até agora já não é fácil. É por isso que tanta lenda se acumula: sobre S. Torquato, Santa Quitéria, Pedro de Rates, etc. Vejam o livrinho Lenda e História do Padre M. Oliveira (que é sério). É por isso que todas as nações se afadigam em ir buscar ao fundo dos caixotes documentos com centenas de anos. Exemplos: agora se publicam documentos em Braga dos anos 800 a 1000 O Livro da Fé de que já aqui dei notícia e o missal de Mateus. Os Arabes publicam os primeiros escritos que há sobre Maomé (ver Islamismo do paquistanês Bahman). Dos Arménios, povo do norte da Turquia e sul da URSS, outrora independente, têm publicado os antigos textos a fundação Gulbenkian, em Lisboa.

Nós somos dos que menos têm publicado. Vejam: aí por 350, Chaves tinha bispo próprio. Sabe-se isso e o seu nome porque deixou escrita uma história dos Suevos, um povo de quem os Minhotos trazem sangue nas veias e por quem tenho especial simpatia. Pois esse escrito do bispo Idácio de Chaves está publicado, mas na colecção Espanha Sagrada.

É ou não é uma vergonha nacional?

## 2.ª Observação

Cá os da terra são geralmente uns lírios. Espantoso que os Estrangeiros raramente nos citam sequer. Quer-se uma obra sobre Teoria Literária, sobre Economia, sobre certa especialidade do Direito? Mal lê quem lê pelos de cá. Já vêem quanta loucura e imbecilidade existe nessas cabecinhas que a Televisão mostra. Por outro lado, no que à História toca, nós não sabemos alongar a vista para além do Gerês ou do Marão.

Só sabemos do nosso mal. Se perguntarem: ora deixa ver... No tempo, da coitada D. Teresa, como viviam os povos Arabes? E os Persas, Egípcios ou Etíopes? Formosas sabenças.

Ora é preciso que se conheçam os factos por causas e efeitos, antes e depois.

Ai deles quando a história do Salazarismo for relatada sem paixão. E ai dos políticos de agora se pensarem como os ignorantes. Afonso Costa meteu medo a muitos. Alguém fala dele?

Esse pobre diabo disse assim: «em duas gerações Portugal terá eliminado completamente o catolicismo». Que grande profeta nos saiu o Costa!

Para não ser parcial, há-de ser como a Bíblia que relata os altos e os baixos: há-de relatar e criticar — papas que faziam tudo a favor dos sobrinhos, bispos e padres orientais que compravam esses cargos; um Cardial Saldanha, português, que atraçou o Papa, cardiais que num conflito entre o Papa e Napoleão, se puseram do lado de Napoleão (e sem justiça). E os nossos reis? Precisamos de uma história ao avesso para que aos criminosos se chame isso, criminosos, sejam militares, civis ou religiosos. Olha o frade no Porto que se atreveu a fazer de bispo às ordens dos Liberais.

## Conclusões

1.º Se o norte de África, desde Marrocos ao Egipto, foram cristãos, como os paparam os Arabes e lá lá vão 1 300 anos!

2.º Se a Inglaterra foi católica, como a Holanda, Dinamarca, Suécia e outras nações, como bebeu tão facilmente o veneno de Lutero e outros Palradores, e já lá vão mais de 500 anos?

3.º Que faz as Arábias, Pérsias e Turquias seguirem o Alcorão? Porque segue a Índia o Budismo e alguns países, o catolicismo?

4.º Assim como da Polónia à Roménia, por uma opção de Hitler, tudo veio a ficar sujeito aos Comu-

ses há-de recear?  
Mas alguns, que nenhum sentido captam na História, já se apromptam a pôr o pescoço no cepo. Outros há a quem o há-de pôr no cepo à força.

A. T.

nistas lá dos sítios, o que é que pode haver para tornar a França, Itália, etc. (Portugal), isentas desses sequiosos governadores? E doutro modo: que falta para se montarem no poder? Pensam que são os votos de uma desorientada e ambiciosa gente? Ou a força? Ou a habilidade e teimosia política? Não é, não.

## Paralelos

1.º Houve há quase 200 anos uma revolução na França: matou-se o rei e a rainha, puseram a Razão nos altares, morreram muitos, mas a França seguiu. 40 anos depois tínhamos aqui um mata-frades. A vida passou e Portugal ficou.

2.º Na Irlanda, que é católica, há 1400 anos, chegou a haver 7 milhões de pessoas governadas por 850 mil protestantes. Vejam só: por serem católicas, não podiam ter uma courela por mais de 30 anos; por serem papistas, os bispos e padres oficiais eram protestantes

(Continua na 4.ª pág.)

— que comiam as rendas das igrejas dos católicos — apesar de o povo nunca lhes pedir serviços. Pediam mas era aos padres católicos, a quem tinham de dar esmola para viverem. Pois bem: desde 1833, os bispos e pastores protestantes

(Continuação da 3.ª pág.)

perderam lá os benefícios e 100 anos depois, a Irlanda (Suí) ganhou a sua independência.

Muito irlandês sofreu e morreu. Mas a Irlanda lá segue, salvo no Norte, até ver.

3.º Veio o mata-frades e o povo calou. Veio a República maçónica, agnóstica e socialista, e o povo

andou. Coisas e direitos que pareciam eternos morreram e alteraram-se sem mais aquelas e o povo

seguiu. Ganhou-se um império, lutou-se estupidamente contra os Papas por um Padroado, tudo se perdeu e o povo andou.

Afinal, que é que os Portugueses há-de recear?

Mas alguns, que nenhum sentido captam na História, já se apromptam a pôr o pescoço no cepo. Outros há a quem o há-de pôr no cepo à força.

# Sentido da História





# Barcelos em 1220

Demografia  
População  
V. Mo 20.XI.76

## O Domínio das Coisas

Um autor russo (ortodoxo) proclama ter Cristo congraçado a Natureza (bens da terra) com Deus: ela foi sacralizada, elevada a plano que não é o dela. Mas o homem só muito lentamente foi perdendo limitações pela aquisição de novos meios: dantes só viajava a pé (e ainda no século de 1500 se ia de Barcelos a Compostela a pé: experimentem!); depois usou o boi, o cavalo, o carro, o barquito e ei-lo, a correr mundo. Há 700 anos

(1200) raro barcelense teria ido a Braga, ou ao Porto; menos ainda a França. Ler, quase só na Natureza: admirar o canto das aves; o planar da águia; a força do boi; a violência da corrente do Cávado; o ruído do trovão; o crescer (da noite pro dia) das ervas. De artificial poderia

PELO

Dr. Francisco de Almeida

admirar o saber do monge pregador; a habilidade do tangedor e da música; a beleza da cantora; os tons da missa solene, a tristeza de um ofício fúnebre ou os figurados do pórtico da Matriz, das igrejas de Manhente. Abade, Palme. Tinha de admirar o saber dos mestres canteiros que vinham dos lados de Compostela construir aqui Santuários; e a sabença da fulana que sabia botar e urdir a teia para os bragais; e sabia que, a corar, o linho branqueia; e sabia que a zorra o ajuda a transportar pedregulho. Saber de prática obtido. Não mais.

A terra era fértil por não fatigada das culturas;; cultivava onde queria; soltava as vacas, touros, bezerros, ovelhas e galinhas sem receio de não caberem na leira e ir incomodar o vizinho: havia pouca gente e poucos donos. Mesmo assim eram gente violenta: houve por

(Continua na pág. 4)

## BARCELOS EM 1220

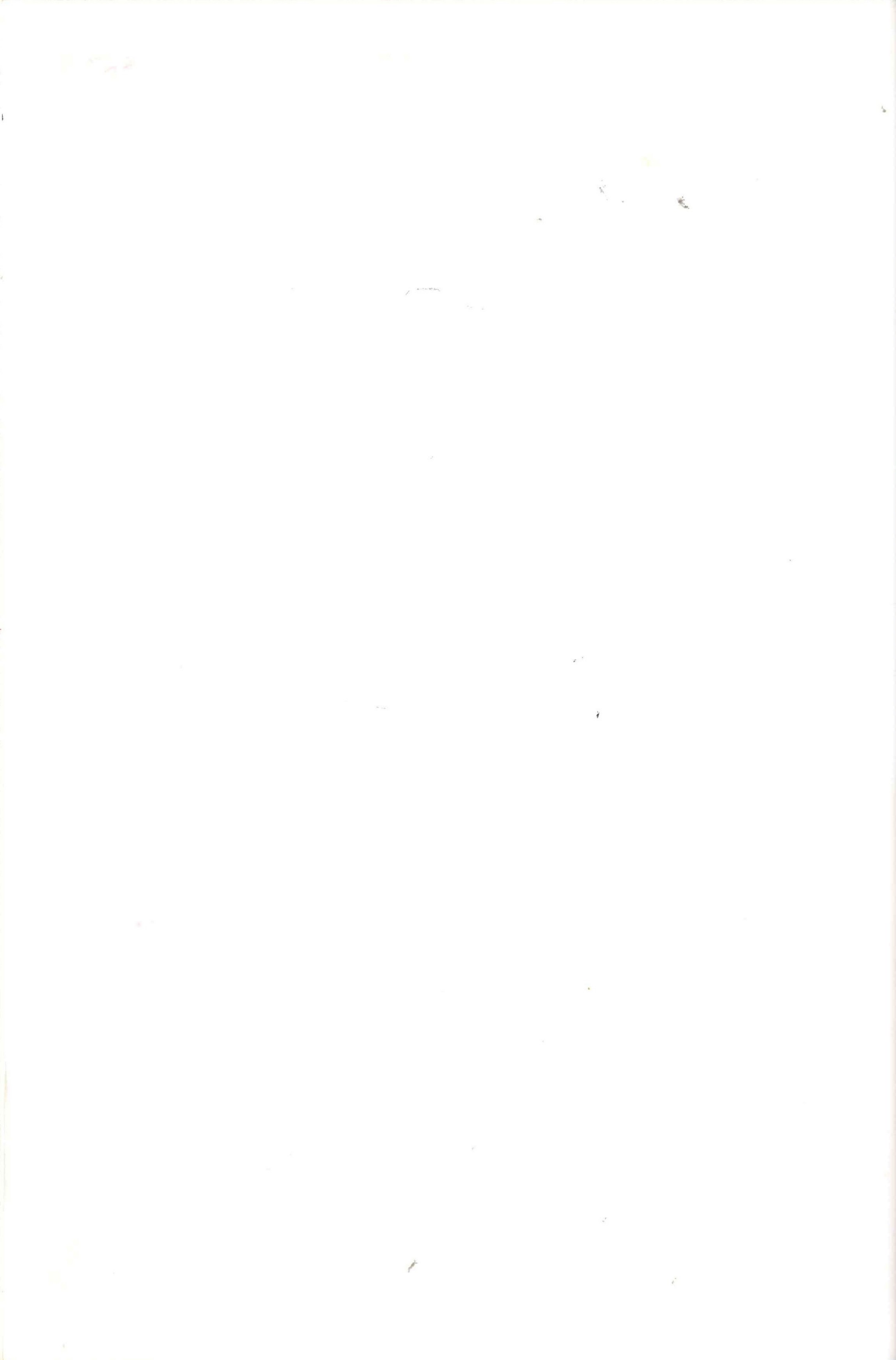
(Cont. da página 1)

20.XI.76

1220 quem cortasse um pé ao oficial do rei que fora à quinta penhorar uma égua. (E o remédio era ficar calado, se não morresse, e lá não voltar). Esta careza de gente não se dava porque as mulheres (ainda não libertadas!) não tivessem filhos. Nem porque a população crescesse a somar e não a multiplicar (2 dão 6, que vão dar 18, etc). Só que CASAS DE PEDRA, em 1220, raro havia (senão deixavam rastros e não há): CELEIROS não faziam e vinda a seca era a fome, como foi no Egíptio; o sal ficava longe e caro; já havia micróbios, mas não havia remédios capazes, nem médicos semão de sangrias. Tantos nasciam, mas não «vingavam» que a população era pouca na nossa terra. As romarias matavam os filhos. As nossas não fazem tal, mas diz-se que há gente a mais. Não é improvável que daqui a 3 gerações todo o concelho caiba nas actuais casas de Barcelos, por redução quimétrica. A e B (são 2) casam e têm 1 filho. Para que este case foi preciso que C e D (outros 2) se unissem. Logo, 4 para obter 2. Estes 2 são precisos para obter 1 (neto). A escala nacional, daqui a anos, os Espanhóis engolem-nos.

Francisco de Almeida







# Barcelos há 750 anos

## Ano de 1220 — Um inquérito

Neste ano era papa Honório III, era rei D. Afonso II e arcebispo, D. Estêvão. Não havia ainda conde de Barcelos (só em 1298), mas havia-o em Neiva (Terra de Neiva). Conde ou governador era título que já vinha dos tempos da Vítiza (500 anos atrás). Para trás desse inquérito houve a vinda dos cavaleiros de SÃO TIAGO (quase 400 anos antes), dos Templários, dos Hospitalários. Barcelos já tinha foral quando se há 100 anos, e Manhente, carta de Couto. Quer dizer: até Afonso Henriques o poder político local tinha assento na sede da Terra e seu castelo (Neiva, Faria). Depois a Terra fracionou-se em vários pequenos governos: concelho e coutos.

Paralelamente continuaram as casas — honras (isentas do poder central: o do rico-homem, ou senhor da Terra). E o tempo de St.º António. Para trás ficaram S. Rosendo (de St.º Tirso), S. Gerardo e St.º Senhorinha de Bastões. Os reis (1.º os de Leão, depois os de Castela e por fim os de Portugal) tinham dado a este e àquele terreno, aqui, terreno além. Ficava-lhe (à Coroa) ainda muita coisa. Outros bens saíam da coroa por descuido na cobrança do imposto (prescrevia o direito em 30 anos).

Afonso II achou-se pobre e quis saber se algo do que outros tinham não seria da coroa. Foi um clamor. Dividiu-se o País em zonas, nomea-

# Barcelos há 750 anos

(Continuação da pág. 1)

Há um por cada freguesia. Dá resumo o Dr. Teotónio. E Leonídio Abreu para as que pertenciam ao tempo, a Prado.

## Quem os donos do prédio?

Eram estes: 1.º, o rei; 2.º, e às vezes, certo rico-homem (senhor Conde, etc.), homem poderoso; 3.º, Corporações religiosas: a) a Sé (que o Relatório diz Bracara); b) conventos de Manhente, Vilar, Várzes e outros; c) a própria comunidade paroquial (semelhantemente à Sé); d) ordens militares: Templários, Hospitalários (que os textos chamam Templum e Hospital) e às vezes São Tiago. E o resto da população? É que o rico-homem raro ali vivia; o mesmo se diga dos homens do Hospital, dos do Templo e do rei. Ficavam só: o PÁROCO (abade ou só capelão), os que agricultavam certa terra sem dela poder sair (os SERVOS quer da igreja — desde há muito que eram pelo menos 10 — quer de outros donos), os FOREIROS (posse da terra-leira — mas não da raiz), os JORNALLEIROS (só com cabana e braços-cabaneiros) e os ARTISTAS (pedreiros, carpinteiros, etc) ou artesãos que a cegueira do Dr. Armando de Castro pensa ser quase invenção deste tempo quando tudo já existia, ao tempo dos Romanos (ver Evolução Económica de Portugal, VII, 220).

Temos então:

— GALEGOS — Com CASAIS (casas agrícolas) em Galegos e Roriz e Alheira e Alvito (S. Pedro); lá na aldeia ainda suas SEARAS;

— MANHENTE: casais em S. Martinho, Roriz, Galegos, etc.

— VARZEA: semelhante a Manhente;

— HOSPITALÁRIOS: em Oliveira, etc.

— TEMPLÁRIOS: em Roriz...

O nosso estudo terá duas grandes dimensões: a monografia de freguesia a freguesia; depois, a geral, de todas as freguesias: espaço largo e tempo longo. As ordens tinham (e tinham de ter) seus livros de documentos: LIVROS DAS DOAÇÕES (exemplo: do mosteiro de Tarouca, que está em Lisboa — Torre do Tombo). Há-de haver os livros de Manhente, Várzea, etc. No Arquivo de Braga, decerto. Se os arrancar aos arquivos, não podemos caminhar com segurança.

## Personagens do Relatório

1.º — o pároco (a testemunhar — depois foi proibido);

2.º — residentes na freguesia (moradores);

3.º — Os possidentes (os donos):

Em OLIVEIRA: REI (rega engo, regaengo, reguengo), sempre as melhores fracções. Às vezes já murados (divisatos). OUTRO DIREITO (que em Oliveira não tinha, mas já o tinha em Cabanelas): o de padroado (nomear o pároco), como depois Azevedo o teve em Galegos (ver nele subsídios, VI, 8/4/72).

Em RORIZ: Nuno Petri e Gonçalo Petri (reparar em Nuno Gonçalves e Gonçalo Nunes alcaides em Faria, 150 anos depois).

Mas isto levar-nos-ia a construir um DICIONÁRIO BIOGRÁFICO de Barcelos (a França editou um que vai em 46 volumes). O Barcelos do Dr. Teotónio já daria para muita análise.

## Casos especiais e Toponímia

— De GATEIRA (Igreja Nova) com poderes judiciais;

— De OUTEIRO — GONDERIZ e de Pousada (Roriz);

De Fraião e Cacavelos (Galegos); De Mazaedo, Super Fonte (Ucha).

Francisco de Almeida







# MAS ENTÃO A EUROPA ACABOU-SE?

14  
VW 1318/77  
Surgiu há tempos nas livrarias, traduzido do francês, o livro A Europa Acabou-se. É um furibundo ataque ao Mercado Comum, ao Benelux, à EFTA, organizações que associam países europeus. É claro o pensamento do autor: não é organização do Leste, logo não serve.

Por sua vez, os bispos da Europa livre — e ainda os da Jugoslávia e Polónia, comunistas, emitiram Declaração a dizer precisamente o contrário do livro acima: que a Europa deve unir-se cada vez mais.

A Declaração é clara, em 5 pontos ocupa, umas 3,5 páginas de 25 linhas e dela foram distribuídas cópias em algumas igrejas. É portanto um ensino do que deve ser a Europa, mas à luz dos Evangelhos e por isso, sagrada. Quanto à forma, não gostei: podia ser melhor sistematizada. Todavia a Declaração é de uma enorme importância porque: 1.º) prova que os bispos europeus falam com uma só voz (exemplo de união); 2.º) e que começaram enfim a estudar os problemas em equipa — já tardava; 3.º) reconhecem os enormes feitos das raças europeias; 4.º) demonstram que a Europa só foi grande enquanto permaneceu agarrada a Cristo — o que hoje se não diz; 5.º) eles não desanimaram com as tremendas falhas e erros dos intelectuais e povos des-

prostrada, materializada, fome de dinheiro, lucros, prazeres, guerras, ódios, vontade de abortos, perseguidora daquele Cristo que foi seu Mestre.

Ela quis libertar-se de Cristo e feito isso, caiu nas piores escravidões (as do Leste são, para já as mais opressoras). Foi a Europa quem ensinou as doutrinas que mais esmagam os homens. Se a África e Ásia

V. Cecílio

PELO

Dr. Francisco de Almeida

VW 1318/77  
são hoje marxistas, leninistas, ateias, divorcistas, abortistas, sartreanas, hegelianas e anti-cristãs, a quem compraram tal ensino senão à mãe Europa!

Muito já ela se apagou e pode ser cilindrada entre a URSS, China e América e depois, a África. Cortem-lhe o petróleo e ela render-se-á sem salvação. Ensinou ódio, é odiada; dos ventos colhe tempestades. Porque ela perdeu o Rumo, o Norte e anda à deriva. Culpa dela e vai-lhe ficar cara.

Mas leiam e ponderem a Declaração dos Bispos que destes não há o perigo de nos impingirem coisas por terem sido comprados a ouro contra tantos que aí nos vêm fazer previsões do futuro.

Leiam e cumpram, que o rumo certo da Europa é o que

## NOTAS SOL

Um engenheiro esteve em Évora e perguntou a diversas pessoas se eram pelo comunismo. Disse ter pasmado quando várias lhe responderam que já foram, mas deixaram de o ser.

Ainda há tempos só um forasteiro se atrevia a ler em Beja jornais como O DIA. Os mais inofensivos que lá circulavam eram o Diário de Notícias e o Popular se bem que no Popular ainda há dias

escrevia um senhor que fora a Cuba e falava do que lá vira. Mas não dizia nada o que quer dizer nada viu.

Voltando aos jornais permitidos deve dizer-se que em Évora há muito que circulam O DIA, a RUA, etc. Mais plural que Beja.

O bispo auxiliar de Beja fez umas conferências no paço durante a Quaresma. Falou sobre santidade com as distinções requeridas entre virtudes naturais e teológicas, dons, etc. Quem ouvisse ficaria a pensar

# TAS

6,14  
545  
que ou ele pensa formar um escol — e o público não é barro para tanto ou vivemos de sonhos ou fala-se sobre isso porque o mais concreto seria impossível. Na verdade, Beja, com as 2 ou 3 igrejas quase sempre fechadas, sem se ver um sacerdote, onde raríssimo se dá por uma religiosa, onde a uma missa de semana pela manhã assistem umas seis mulheres e à tarde umas treze parecendo que metade serão freiras, não parece terreno para ascética, mas para tocar casos de fundo.

W-21.4.76

A gente de Beja é boa, cuidada, nada estúpida e até atenciosa. Ali tem Deus de usar medidas largas ao julgar porque como pode um ferido ser assistido religiosamente naquele deserto de gente? Decerto não pedem o padre nem valia a pena que não há. Mas já houve aqui há duzentos anos. Como se desceu tão fundo é que é difícil de explicar. Os pagãos antigos não deviam ser muito diferentes da Beja actual.

\*

Há aí casas do Povo que ainda cobram quotas como dantes, quando o dono da terra era sócio à força.

Está errado porque o artigo 46.º da Constituição proíbe que se force alguém a ser associado seja do que for. Mas se não associado, também não tem de pagar quotas (as contribuições da previdência, isso é diferente porque se trata de um imposto). O hábito de pagar é tão grande que é isto!

(Continua na 4.ª pág.)

## NOTAS

W-21.4.76

(Continuação da 3.ª pág.)

Há quem não pague. A Casa do Povo leva-os a tribunal. O processo não deve ser recebido por a lei das quotas ser agora inconstitucional, tal como manda o artigo 282.º da Constituição. E os Delegados têm obrigação de recorrer da decisão para a Comissão Constitucional (artigo 282.º, n.º 1). Até para que ela não se torne apenas num tachinho. Vamos lá defender a Constituição pelo menos agora que

C. M. B.  
BIBLIOTECA







há comités para isso.

CV 21.4.76

Estão muito renitentes os homens do Governo em estabelecer o Estatuto Único dos juizes (Constituição, artigo 301.). E vai ser

O Cávado

## SOLTAS

difícil por causa daqueles que julgam nas C.C.J. (que as más línguas chamam de condenação sem julgamento). Acusam-nos de inconstitucionais, ilegais, etc. É o certo é que até 40 contos só elas podem julgar porque aqui não vale quem pode o mais pode o menos. Os Tribunais do Trabalho subiram a de Recurso ainda que muitos não haja nem tenham sido criadas normas para que julguem em recurso. É o Estatuto dos juizes a dizer que eles não podem deixar de julgar por falta de lei! E esta? Inventem-na! Mas também é certo que a Constituição permite criar Tribunais Populares (como seriam não diz). Não os criou o Governo, mas já os tem posto a funcionar (logo, criou) um dos nossos juizes aí do centro «deste País» (até medo têm de dizer Portugal!).

21.4.77\*

Há camisas de sete vâras como esta que vou descrever. O sr. Lemos tinha um restaurante com 10 empregados e estes sem querer ser «possidentes» que foi crime na URSS, tomaram-lhe a loja por ele ter uns salários atrasados. Depois queixaram-se à autoridade que processa o Lemos, que vem dizer «devo», mas não sei quanto porque os ocupantes são quem tem os papéis e quem me possui os bens. Não sei o que devo nem tenho para pagar. Como decidir um caso assim? E foi...

e independentes, sobretudo, para já, nas zonas rurais.

Em relação às outras, promover-se-á propaganda eficaz nas fábricas, de modo a criarem-se as condições necessárias a um verdadeiro movimento democrático.

CV 21.4.76

Dia 15 de Maio:  
Universidade Católica

## Portuguesa

Coincidindo com o 10.º aniversário da fundação, celebra-se no dia 15 de Maio o Dia da UCP que compreende as Faculdades de Teologia (Lisboa), de Filosofia (Braga), e de Ciências Humanas (Lisboa), onde estudam cerca de 1000 alunos.

CV 21.4.76

Recta pela Igreja e oficialmente reconhecida pelo Estado, encontra-se habilitada a conferir os graus de bacharelato, licenciatura e doutoramento, aos quais, por disposição legal, se atribui o «mesmo va-

(Continua na 7.ª pág.)

real.

CV 21.4.76

Há quem sustente que o contrato de trabalho é semelhante ao do arrendamento de uma casa porque morre o senhorio mas o contrato continua. É verdade que a casa pode mudar de dono, mas o empregado continua com direito ao lugar e nem sequer pode ser despedido sem haver justa causa, ainda que a casa só dê para pagar a 20 dos 50 que tem (Constituição, artigo 52.º, b)). É uma consequência que os Constituintes não previram e por isso ou algum sai a bem ou a firma vai ao charco e ficam todos sem emprego mas nenhum foi despedido! É o que está a acontecer, caso para clamar como já ouvi que isto, tirando a liberdade de falar, está pior que dantes. Bom, mas o certo é que o contrato de trabalho tem algum quê de contrato real.

O melhor é todos fazer por que se evitem falências.

ACÁCIO TORRES

## COISAS DE LUN

(Cont. da

Wuacal n.º 21/76

em 243 mil). O Arcebispo de Luan-da (branco, de Vila de Rei — perto de Tomar) resignou. Passa um negro a arcebispo. SLAVE  
10 — JUGOSLAVIA (comunista)  
— Há jornais católicos. O governo é acusado de querer acabar com eles.

11 — LITUANIA (um país que foi livre e a Rússia meteu ao papo) — um documento assinado por 540 mil católicos lituanos pede ao governo russo que deixe de perseguir os católicos lituanos. Ouvidos moucos!

12 — CHECOSLOVÁQUIA (comunista) — Uma engenheira católica, fez um trabalho pelo qual ia receber um prémio do Governo. Os adversários apresentaram contra uma foto dela em peregrinação a Roma e visita ao Papa. Pronto! Lá se foi o prémio e despedida! — Nove (9) dioceses não têm bispo. Os 4 que lá há são fiéis ao governo!...

13 — RÚSSIA — Como na Ro-

## Cartas

3ad. 24/76  
A estátua do Bispo de Limira

Senhor Director de O «Badaladas»

Vi a notícia do modo como foi votada a expulsão do vosso D. Rafael. Como trabalhei na vossa Vila, tive oportunidade de estudar algo da sua vida e história e sobre esta escrever as Coisas de Torres.

Também eu fiquei espantado do desterro a que os que levantaram a estátua a votaram — e não sabia que serviu para prender animais... A notícia sobre o Homem vi-a num folheto simples que um rapaz do povo me emprestou: o Pedro do Barrete Preto. Quer dizer: Torres teve um filho ilustre — e não são tantas as estátuas que levantou aos seus — mas não o quer nem ao fundo da Várzea. Que se passa então?

Se forem a Barcelos, por exemplo, lá hão-de ver, a estátua do bispo D. António Barroso: no imponente largo da Câmara, numa estátua que honra os homens que a ergueram, voltada para Remelhe, a aldeia donde esse barcelense é natural — como D. Rafael o é do Varatojo.

Mas os ilustres votantes — uns propondo e os outros calando o bico

## ao Dire

3/77 TV. 24/3/77  
sem consulta às gentes do concelho nem do Varatojo nem da Vila, resolveram já que voltemos a 1834 ou 1910? Pelo menos pode-se suspeitar que é isso. E decerto não é. Esperamos que o ilustre sr. Leal de Ascensão justifique aqui a sua proposta. Porque decerto não será ainda a necessidade de desviar a estátua por ali ir passar a auto-estrada de Lisboa a Torres em cuja previsão esteve o vosso Tribunal de Trabalho.

E é tudo por hoje, sr. Director, para não ocupar larga mancha no seu prestigiado jornal e só agora por na semana de 3/3 não ter tido tempo de escrever esta minha carta.

Com os melhores cumprimentos e pelo respeito que entendo dever-se a quem foi mais além do que rastejar apenas e desagravo aos do Varatojo aí vai esta a que o sr. Ascensão não deixará de dar resposta. Assim o espero da lisura e honradez a que nos habituou.

13-3-77.

Francisco de Almeida







0 24/5/78  
Tenho em mão a certidão de parte de um processo que correu em Braga, por 1820.

Foi o seguinte: *v. 82.16.16*

a) O abade de Galegos, João de Macedo, que tinha a renda de 1.200.000 reis, resolveu, distribuir o saldo por 2 sobrinhos e outros, a saber: 1) sobrinho António José de Macedo, reitor de Quirás; 2) sobrinho João Emílio, minorista; 3) José Gomes da Trindade; 4) Padre Bernardino de Oliveira

do que, tudo pago, ainda ficam ao abade 175 mil reis (fls 15); 5) Que além dos 110 mil, se impõe a pensão de 30 mil para o Trindade (ver supra), 20 mil para o Bernardino (supra), 90 mil para o João Emílio (supra), 190 mil para o Lourenço (supra), parente do marido da D. Emília, com a condição de que: a) o João Emílio dará, enquanto vivo, 40 mil à Arriscado; b) o Lourenço dará 100 mil à Faria, mãe da D. Emília, a viver no Menino Deus, em Barcelos, e outra de 30 mil ao Padre

Trad. de Bula  
da Silva e Lima; 5) Lourenço de Magalhães Pimenta; 7) D. Luísa Arriscado; 8) D. Maria Teresa Correia de Faria; 9) D. Maria Josefa de Magalhães Pimentel; 10) P. João Luís da Silva.

E, para tanto, foi o principal interessado, reitor de Quirás, obter do Rei licença prévia (fls 13 e 13, v.º da certidão que cito, do Arco Paro) e obtida, requereu

em Braga (Autos de Bula Apostólica de Pensão — fls 2, v.º da certidão); depois obteve a Bula em Latim, ano de 1820 — fls 3 a 12), dada por Pio VII.

Houve entretanto a Revolução de 1820. A Bula foi ao Beneplicito régio por despacho do revolucionário Fernandes Tomás (fls 13, v.º).

Dado ele pela Junta respectiva e pago o selo, foi a Bula junta aos autos de Braga. Aí, o reitor de Quirás veio dizer, em 7 Artigos que ele *Provará* em resumo:

1.º Ser o próprio de que fala a Bula; 2.º Que J. Macedo é abade de Galegos e de Quirás, anexa, as possui há mais de 3 anos e que Galegos (importante a ignorância) «he de Apresentação de Leigos Nobres por fundação, ou

(Continua na página 4)

(Continuação)

0 Bula 24/5/78  
dote e existe presentemente todo o seu Padroado em Dona Maria Emília Lopes de Azevedo Pereira Pinheiro e Sá»; 3, A pensão obriga João de Macedo e seus sucessores, abades, é dada «com igual consentimento da dita actual Padroeira» e é do montante de 110.000 reis em 2 prestações, cada ano (Ano Novo e S. João) no lugar em que o dito reitor viver, sem encargos; 4) Que Galegos e Quirás rendem 1 conto e duzentos

## O ruir de um padroado

João Luís da Silva: 6) Que ele, reitor, está pronto a cumprir os 60 mil à D. Maria Josefa, donzela nobre, parente do marido da D. Emília (ambos viviam em Braga); 7) Que ele é pobre, etc.

Foi nomeado inquiridor (para os «provará» ou quesitos) o abade de S. Veríssimo, Joaquim Clímaco da Costa que teve como escrivão o Padre Manuel Paulo de Vilas Boas (fls 19).

Feito o inquérito, o bispo auxiliar de Braga (o arcebispo era o franciscano Madre de Deus), Vaz Pereira, proferiu sentença dando a pensão ao de Quirás (fls 20).

### 24/5/78 NOTAS:

1) sobre os abades Macedo, ver minha Galegos; 2) só forçada pelos novos tempos (e viu a tempo), a D. Emília cedeu, mas porque deve dizê-lo o processo de Braga e a licença real; 3) T. Fonseca viu na Lama que o de Azevedo (D. Emília era-o) venceu o padroado

em 1536; 4) a soma das pensões era o valor que D. Emília arrecadava de Galegos? Que maquia! 5) Porque foram as pensões parar a 2 sobrinhos do abade? O Emílio morreu minorista (livro dos defuntos de Galegos); 6) este reitor de Quirás sucedeu ao tio em Galegos em 1831 (há processo de 1818 do abade João contra um de Arcozelo por causa do moinho de Freitas) e foi saneado em 1834, substituído pelo abade Costa e reintegrado em 1840 por Portaria de Costa Cobral.

Como ruíram os outros padroados?







# SANTO ANTÓNIO E O NOSSO TEMPO

I

PQR

Dr. Francisco de Almeida

A 1.ª observação a fazer é a de que rara será a freguesia onde não haja altar ou capela ou ao menos imagem de Santo António.

Exemplos: na igreja da Ucha e na imagem, disse-o abade da Memória Paroquial; a monografia de Forjães relata haver lá um Lar de Santo António; Em Barcelos é o que sabem. Precisávamos toda-

via que alguém amigo do Santo se desse ao trabalho de reunir todas as notícias sobre ele na nossa Terra — uma monografia. Antem também que por esses anos fora, cada vez mais se deu às crianças o nome de António; como houve há anos uma epidemia de Concei- ções e outra de Goretis. Agora é

II

A vida de António, Santo, foi resumidamente, a seguinte: acabou aos 13.6.1231 com seus 36 anos pois se supõe ter nascido em 1195, na cidade de Lisboa, filho de gente rica. Teve o nome de Fernando, de apelido Bulhões. No sítio onde nasceu é agora a igreja de Santo António—desde 1431 — e nela está um osso do casco (crá- neo) dele e os ossos da mãe, que

mais selecto dizer Cármen, a es- panhola.

## SANTO ANTÓNIO E O NOSSO TEMPO

(Continuação da 1.ª página)

ao contrário dos herejes que ti- nham proibido de o ouvir.

Conhecem como soldou o pé a um licornardo, ouviram como res- suscitou um menino afogado e já lhes contaram como ganhou ao hereje a aposta de que a hóstia consagrada é Deus, senão uma mula faminta não ia deixar o feno para vir ajoelhar-se ante uma hós- tia que o santo levava. Esses e outros constam dos documentos daquele tempo, a ponto de o Papa

o ter canonizado logo no ano a seguir à morte, caso único na história.

III

De facto, parece que por ele, Deus espalha benefícios a rodo, tanto que não haverá aldeia em que não exista um livro de Res- posos para se encontrarem coi- sas perdidas. E resulta. Grande homem, senão não lhe conservava Deus a língua ainda intacta—ou- tra coisa. A Rosa Romalho.

## —SANTO ANTÓNIO E O NOSSO TEMPO

Há mais: por 1231 e seguintes ainda não tinhamos escola de Me- dicina. O médico, depois religio- so, S. Frei Gil, ainda nesse tempo aconselhava às mulheres lavarem os seios com sangue de castração de porco para eles não crescerem em excesso.

Comentário: afinal, talvez se possa demonstrar que este remé-

dio não era tão ingénuo como o diz Ferreira de Mira a pag. 25 da sua História da Medicina.

Que admira recorrerem à ajuda de Deus, via Santo António, quan- do os médicos não atinavam? Fe- lizmente—e Deus louvado — com a medicina de hoje já não é pre-

ciso recorrer ao Santinho tantas vezes nem ele se zanga por isso.

Por esses séculos fora, os por- tugueses acumularam versos, con- tos, etc., em honra de Santo An- tónio—demonstra o a bibliografia Etnográfica sobre ele: mais de 50 autores e até a nova Monografia de Valpaços.

vieram de S. Vicente de Fora (onde ficou inumado o Cardeal Cerejei- ra). Destinava-o o pai, após os estudos do tempo e feitos 15 anos, a ser militar, mas o rapaz prefe- riu ser pobre, odiente e casto e para isso ser monacus (religio- so) da Ordem de Santo Agostinho. Entrou e ficou. Seguiu depois para Coimbra, onde, aofim de 10 anos, pelos 25, conheceu 5 religiosos mandados cá por São Francisco de Assis para daqui irem evange- lizar os Mouros a Marrocos. For- ram lá mortos e os corpos vieram embora com boa intenção, errava- ao esculpi-lo de barbas: era mui- to homem, sim senhor, tinha-as, mas rapava-as que era o uso do tempo,

IV

Não admira, portanto, que os Portugueses o venerassem a co- meçar por Lisboa, aqui pelo me- nos desde 1428, ano em que o fi- lho do Rei D. João I, quefoi o ele- gante D. Pedro, duque de Coim- bra, passou por Pádua e de lá trouxe a Reliquia do Santo que disse acima.

Terá sido até por promessa fei- ta a Santo António que um filho deste desgraçado duque, depois

Ora se, como taumaturgo, quase é dispensado, o exemplo dele é ainda actual em 1979: porque como a Maria em vez da Maria, deixou os bens que podia herdar de pai rico; porque, tendo tempe- ramento de comandante, preferiu obedecer, ao invés do que ai se vê, que é querer todo o mundo ser líder; porque, ao contrário dos pagãos de ontem e de hoje, não só obedecem ao 6.º mandamento (hoje nem elas), mas antes o fez

a ser sepultados em Coimbra. Vai daí, Fernando decide passar aos franciscanos.

(Continua no próximo número)

(Continua na página 4)

Cardenal D. Jaime, preso aos 15 anos na terrível batalha de Alfarrobeira onde o duque morreu e jazeu anos, se fez sacerdote — e muito santo. Veja sobre o ponto Bellard da Fonseca, livro O Cardeal Dom Jaime de Portugal, pg 175.

5 17







Base 3/6/78

I em folha. Manh.

Há no arquivo de Galegos (não sei como foi lá parar) 1 manuscrito de 5 folhas, datado de 1822, que é certidão do punho do cartório de Vilar. Moura Coutinho, referente ao «Prazo chamado de Aldeia» situado em Galegos, Moura Coutinho passou certidão do que constava de «hum livro encadernado, que tinha por título «Prazos de Galegos»; o tal de Aldeia vinha a fls 71.

1.ª Questão: este livro «encadernado» estará na Câmara de Barcelos?

No que se refere a «casais», o leitor tem várias informações na obra de Armando de Castro «Evolução Económica de Portugal». Quanto a bibliografia sobre *História Social* pode ver *O Socialismo em Portugal*, pg 369, do dr. César Oliveira e do mesmo, pg. 365, *História Económica*. Veja-os com reserva.

O prazo de Aldeia (prazo ou casal) constava de 24 parcelas. Anualmente devem ter formado uma quinta, mas já em 1518 (Tombo) ligamente certa casa que é sede ou centro ou «assento» de certos terrenos, mas dispersos. Este casal foi de Manhente (convento) e passou para Vilar por 1450, como a dr.ª Costa Fernandes ensina na Monografia de Manhente. No Tombo de 1518 nunca se referem terras de Vilar, mas sim de Manhente, ao contrário de 1822 em que já se fala de Vilar. Logo, Vilar herdou o que fora de Manhente.

No Tombo de 1518, referem-se em Galegos as Agradas da Casa Nova, da Cabana, de Felgueiras, do Pinheiro, etc. Bem dito, por quanto na freguesia se podem des-tacar 5 ou 6 grandes planuras que eram as Agradas. Hoje só a um sítio se chama «Agradas», não agora. Ora este prazo de Aldeia fica hoje fora do lugar de Aldeia e as terras

II

principais dele ficavam exactamente na Agra do Pinheiro (ver acima).

IV Base 3/6/78

Os Items ou parcelas eram:  
1.º—«Serrado donde estão as casas deste casl» — onde viviam os caseiros, media 80 x 19 varas (cerca de 90 x 20 metros); 2.º—Leira, na Agra com 185 x 8,5 varas; 3.º—Leira (mais a Norte) com 70 x 13 varas; 4.º—Leira do Talho (é o das Agradas) que tem a nascente o Carreiro que vai para o Rego (é quase na estrema com

(Continuação)

S. Veríssimo e já aparece no Tombo de 1518, com 139 x 5 varas; 5.º—Mais abaixo: leira com 93 x 2,5 varas; 6.º—«Cortelho das Macieiras», a sul do Rego com 42,33 x 5 varas; 7.º—Leira (no mesmo cortelho) com 43 x 9 varas; 8.º—Campo do Chonso, pegado com terra da Igreja de S. Veríssimo, com 72 x 50 varas; 9.º—Leira Sobre o Rego da Agra «que parte do Nascente com D. Teresa de Barcelos» e do Sul com o Rego e tem 93 x 25 varas; 10.º—Leira

na Estivada (Estebada) que tem a Nascente o prazo «do Portio» e do Sul D. Teresa de Barcelos e mede 18 x 3 varas; 11.º—Leira de Sepos (na Estivada): 41 x 22 varas; 12.º—Leira do Ribeiro (rio do Sirogo) 24 x 38 varas; 13.º—Linhares do Grilo (leira): 95 x 6 varas; 14.º—«Escorregade» (1 leira) com o Rego a Norte: 71 x 33 varas; 15.º—«Valdomil» (leira): 78 x 56,5 varas; 16.º—Cortelho de Fraião (1 leira) que tem a Sul a estrada que vem de Barcelos (hoje, caminho) 40 x 10 varas; 17.º—Leira de Portio Carreiro (na posse de D. Teresa e outro): 54 x 3,5 varas; 18.º—Na Senra (1 leira) que tem a Poente o Caminho da Agra de Barreiros e a Sul «terra da Quinta do Paço» com 194 x 4 varas; 19.º—Leira (mais a Sul): 204 x 4

## e Manhente

da 1.ª página

varas; 20.º—Na Senra (mais a Sul): 200 x 10,5 varas; 21.º—Nos Passais (1 leira): 74 x 10 varas; 22.º Idem (outra leira): 95 x 5 varas; 23.º—Em Pinhois (hoje Pinhoi) uma leira de 39 x 8 varas; 24.º—Campo de Balinhãs: 89 x 87 varas.

## CONCLUSÃO

Temos assim que este Casal tinha as parcelas pegadas ou relativamente perto umas das outras. Em comprimento dariam uma herdade com cerca de 2.100 varas (quase 2,5 kms) e umas 440 varas (meio quilómetro) de largura.

## MARTINHO DE

Em O Barcelense dos dias 4/3, 18/3 e 22/4, todos de 1978, fiz leves referências a este Tombo que é do ano 1518. A certidão que sigo é do ano 1786, bem legível ao contrário do original, tem 48 folhas e só as primeiras 24 descrevem casais situados em Galegos. As restantes descrevem casais de Galegos, sítios em Roriz, em Covelo, em Alvito, em Fornelo (não Fornelos), em Campo (S. Martinho), Santa Leocádia e Quirás. <sup>Pré-1786</sup>

O de Alvito reza assim (fls 34 verso): «Aos vinte dias do dito mês de Julho da dita era, dentro do casal da Vila que está na freguesia de Sam Martinho de Alvite, perante mim Notário» etc..

Refere, a única vez, que o abade de Diogo de Sousa (Barcelense de 4-3-78) que presidia ao inquérito para a feitura do Tombo era «Abade da Igreja de Gallegos». Ficamos assim a conhecer um 4.º abade de Galegos do século 16 (ver minha Galegos, p. 30 e Barcelense de 15-4-78)

Como ainda é pagava a Vilar, apenas Dois alqueires de trigo, Quarenta de pão meado milho alvo, e Centeio Quarenta alqueires e Meio, Quatro galinhas, 1 dúzia de palha (copas, molhos) 8 get-ras pessoais (ou 320 por elas) das na Quinta de Manhente, Quatro almedes de vinho molle a tanto como a renda de 1 ano; de laudemio--25% do preço de venda. Ao mudar de dono (pai para filho, lútuosa; ao vender a um de 25% para laudemio.





# UM PÁROCO DE ALHEIRA POR 1873

pelo Dr. Francisco de Almeida

Reputo extremamente injusto o esquecimento a que as nossas terras votaram os seus maiores: não sabem quem fez aquela igreja nem aquele monumento nem aquela fonte nem sequer a casa onde moram. E tantos suores deram!

Por ter escrito direito na minha Galegos, chamaram-me anticlerical. Fui capaz de o parecer mas lá diz o Alentejano que «o bem voa e o mal soa» ou como diz o abade de Galegos: «na história há dias e há noites» imagem sugestiva de bem e mal. Porque é que há sempre o mal ao lado e em luta com o bem, não me dizem?

Ficamos hoje pasmados como é que a Cabido de Braga foi acionar uns de Galegos e Roriz por lhe não pagarem os votos de 2 alqueires por casal que lavrasse terra, isto em 1542—caso que trarei depois. Ou como foram acionados outros, por 1870, em processo judicial de primícias.

Daqui eu concluo, e não é novidade nenhuma, que muito daquilo que hoje é, não o será daqui a tempos e é preciso ver ao longe, já que não sabemos adivinhar o futuro, para distinguir muito bem o que são os alicerces e o que é só pintura—seja o que é essencial do que é passageiro.

Mas vamos ao de Alheira.

Não consegui que Alheira me informasse. Encontrei agora o nome desse pároco de que minha avó falava (padrinho dela que

## Um Pároco de Alheira por 1873

(Continuação da página 1) 446  
a certidão. O caso findou por acordo. Ora foi neste acordo que o bom do

Barc. 22/7/78. T. V. Barc. 29/12/78

morreu em 1961 com 85 anos). Aparece na certidão de peças de um processo que correu em Barcelos em 1873 movido pelo abade de Galegos. Macedo, contra o casal António de Abreu e sua mulher Maria Luísa Duarte, julgado pelo Dr. Manuel José Botelho, do Conselho de Sua Majestade. Anote-se que os nossos juizes tomavam posse e depois não julgavam (dava-se frequentemente). antes davam comissão a 3.º para julgar; cada época seu estilo.

Alegou o abade Macedo que o casal Abreu lhe não pagara a «primícia» (côngrua) desde 1861 a 1872, do que lhe devia 50 mil reis, à razão de 45 litros de milho e 30 litros de vinho por ano. Tal não pagamento era punido

com «multa legal», tal como se dá hoje, e então não dava, com o não-pagamento de salários.

O que alegassem os réus (quanto a ela não compreendo bem mas às vezes são as piores) não o diz

abade de Alheira teve ao que parece acção de relevo. E que os réus viviam no lugar do Souto em Galegos, junto da casa onde o abade de Alheira nascera. Chamou-se esse pároco «Manuel José Coelho», também da mesma freguesia de Galegos» e assinou o acordo a rogo da Maria Luísa com as testemunhas João Joaquim Rodrigues de Vasconcelos e filho Evaristo, aquele a residir em Galegos e o Evaristo em Barcelos, ambos relojoeiros.

Foi o único documento em que até agora vi referenciado o padre Coelho e só pode ter sido este o que foi abade de Alheira por 1873. Qué? Então vai um homem de Galegos levar Cristo aos de Alheira e Alheira esquece-o? Pretendo a biografia deste conterrâneo e a de outros como um de apelido Macedo, que por 1800 era abade em Basto (mas qual Basto? Na Vila?).

Não é preciso ser-se tão humilde que se enterrem os valores daqueles que se enterrem os valores daqueles que os tiveram como hei-de demonstrar.







# NO CENTENÁRIO DO FILÓSOFO ARISTÓTELES

(Continuação da página 1) *30.9.78*

água e se, invertendo proclamar que todas as mulheres são mães, minto. Com isto quero dizer que desde crianças devíamos aprender a alterar frases: nem tudo o que luz é oiro igual a só algo daquilo que luz é que é oiro.

É certo que a disciplina Matemática obriga a educar o pensamento. Mas somos maus nessa parte. Logo somos dos povos mais

capazes de se deixarem enganar com palavrórios.

É por se não atender às regras do pensar correcto que tanta gente escreve e diz disparates. Em série. Contudo, apesar de haver em Braga uma Faculdade de Filosofia, que Barcelenses sabem disso? Quantos deles acompanham, a Revista dessa Faculdade? Como é que em Barcelos nem sequer

um particular mantém um Curso de Filosofia ao menos dos aspectos mais práticos? Que jornal expõe, divulga ou discute problemas mais sérios que  $b+a$ , bá?

Por exemplo: há alguma razão para alguém se opor a uma reforma da propriedade no Minho? Anote que os jornais de Barcelos de há 100 anos se combatiam uns aos outros. Hoje, pode este dizer os maiores disparates que aquele não o contraditará. Ora isto é péssimo porque o erro, embora, com respeito, deve sempre ser corrigido.

E Aristóteles deu exemplo disso reputando sem azedume o seu próprio Professor, que foi Platão.

Oxalá o exposto sirva para estimular o estudo da sã Filosofia de Aristóteles.

(Continua na página 4)

mulheres e você concordar, mete eu disser:—todas as mães são nada (nunca mais era precisa). Se mente estudava-se aquilo para da lógica de Aristóteles? Infeliz- antiga 4.ª classe eram aplicações que as regras da Gramática da darem por ela Quem já reparou estão a raciocinar com vício sem batem-se apenas porque ambos certeza. As vezes, dois advogados o dia a dia, você mete água de bre problemas mais difíceis que lógica; mas pondo-se a pensar so- sa bem (não se engana) sem saber pensar ou lógica. Claro: você pen- revolucionou foi o das regras de Outro sector que Aristóteles me, tradição, etc.. Não basta.

não passa de rotina, uso, custo- praxis é válida mas ela sozinha somos tudo práticos. Ora bem; a por eles. Pior em Portugal porque ve e sente, para se apaixonarem -Físicos, tão para além do que se sidade para problemas tão Meta- tem tempo, ou cabeça, ou curto- E verdade que poucas pessoas alterou no Ubaldo?

sejam um e mesmo sujeito; que é e o adulto Ubaldo, tão diferentes, se explica que a criança. Ubaldo

carne e a substância *psó*? Como permanente, entre a substância nossa carne, que há de idêntico, que o *psó* por nós comido se faz resolveu foi o seguinte: uma vez Um problema que Aristóteles

Há 2.300 anos que as escrevem! Aristóteles ainda sejam seguidas! é de pasmar que as doutrinas de com seu sistema. E por isso que haver tantas escolas, cada uma ficas nunca são definitivas e daí Anote-se que as teorias Filoso- -Burguesa, Vilhena é P.C.).

em Crise da Ideologia Pequeno- para Aristóteles (ver Mag. Vilhena anos, se tenham voltado também os filósofos de Leste, dos últimos mento cristão. Só impressiona que firmou-se cá tanto como o pensa- por Tomás de Aquino: Aristóteles teles, foram elas cristianizadas Conhecidas as teorias de Aristó- São Tomás, pelos anos 1280. deste, o mestre do Ocidente até cristão, Santo Agostinho, e, por via Foi Platão o mestre do filósofo le mais difícil e rigoroso.

Platão, este mais sugestivo, aque- ram os ocidentais, Aristóteles e Duas grandes correntes guia- homem -génio.

e daí a importância para nós deste do pelas doutrinas de Aristóteles

tuêses esteve e ainda está educa- Pois bem; o pensamento dos por- isto uns 350 anos antes de Cristo. Era filho de um médico que mor- inteligentes que no mundo houve. Aristóteles foi dos homens mais

glio temos lá fora! gal não foi esquecido. Que presti- dial, por um ponto apenas, Portu- de Braga. Sendo congresso mun- bra, antigo aluno dos seminários nas o Prof. Cruz Pontes, de Coim- go. De portugueses convidou ape- morte de Aristóteles, também gre- comemorar o 23.º centenário da

O governo da Grécia decidiu







m74

## A influência que Sartre provocou

As agências acabam de informar o Mundo de que o francês Sartre — João Paulo, por sinal — faleceu. É aquele que após o 25 de Abril veio cá ver a nossa revolução, foi recebido pelo M.F.A. e acabou por declarar quanto este não queria. Porque Sartre com seu olhar estrábico, não tinha regras, cânones, e por isso nunca se soube o que ele queria ou ensinava salvo que se proclamava «de la gauche», da esquerda. Tempos houve que foi acarinhado pela URSS que depois o desprezou — deixara de a servir — apesar de sempre «gauche».

Era um pensador e escritor de fama mundial quase só por ser da esquerda, que viveu sem ter casado com «a companheira» Simone de Beauvoir, autora por exemplo, de A Mulher Destruída e de O 2.º Sexo. Um pensador incoerente e cujos actos foram diversas vezes o contrário dos

seus escritos. Dizia-se existencialista, quer dizer, um daqueles como Heidegger e Gabriel Marcel, que andaram a discorrer sobre o que é afinal um Homem. E como todos são orgulhosos, copiou Heidegger como este copiará o dinamarquês famoso, Kierkegaard, e disseram que todo o ser, homem, se resume em ser uma angústia porque nasce já marcado para a morte, o nada ou para passar a vida aos vômitos, náusea.

Que trouxe Sartre de novo? Só a descoberta de que ele se sentia enojado e outros diletantismos semelhantes a que ninguém daria ouvidos se ele não fosse da «gauche», como convém para ser homem falado, em moda. E o homem não parava: dirigiu jornais e revistas e escreveu para o teatro para levar às «massas» suas ideias. E era lido e citado. *Ed. 2/580/1573*  
Aconteceu até que outros filó-

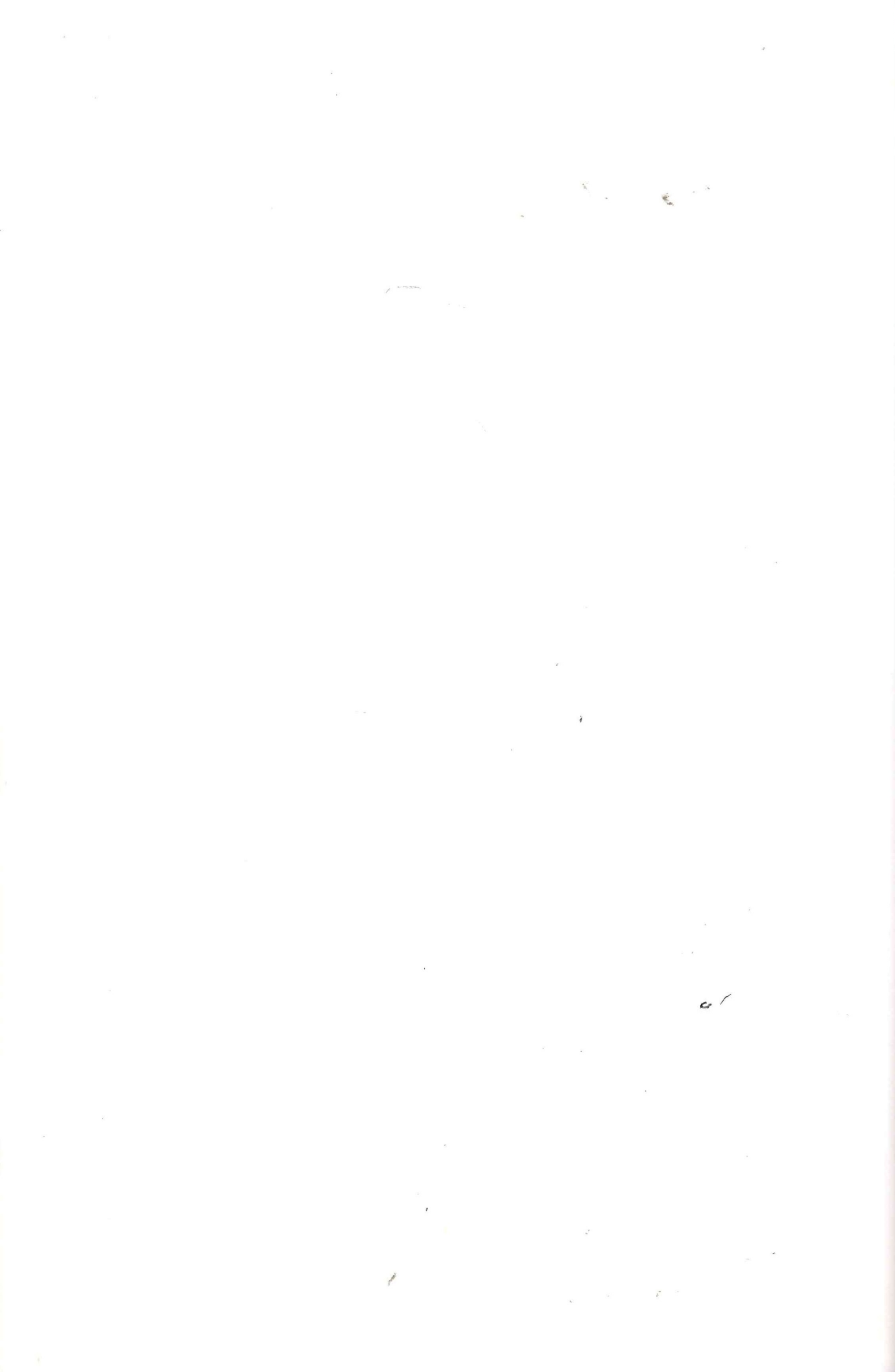
sofos começaram a debruçar-se sobre o Existencialismo e por 1946, finda a 2.ª Guerra, o tema era debatido em congresso de filosofia. Mais ainda: porque era a corrente filosófica em moda, teólogos houve que tomaram por modelo essa filosofia na exposição das Escrituras. Só que, tão avaliada era, foram levados a decretar enormes podas na Palavra de Deus e por fim a sustentar a Morte de Deus e por isso mesmo uma ciência sobre Deus que O negava, um Cristo que reduziram a puro homem, uma Igreja onde se seria cristão sem pregar Cristo e até cristão ateu. Não fora melhor para Sartre nunca ter nascido?

O Existencialismo passou de moda. Desde 1960, tanto em filosofia quanto nas cadeiras de Teologia, superam novas modas ou novas Teologias, a saber: Teologia de Esperança construída a partir da teoria filosófica do comunista alemão Bloch, que, por ser em parte anti-marxista, a Esquerda não lançou às bocas do mundo; as Teologias da prática ou práxis, subdivididas ou do Progresso, da Libertação, da Política, da Revolução, etc. a quem já não interessam senão os casos da vida prática, o que é o avesso da filosofia; depois, e rondando 180 graus, criaram a Teologia da Cruz, como se esta não existisse desde o tempo dos Apóstolos e por fim regressam à Teologia Natural, afinal tão antiga como o pensamento humano, embora para o teórico francês, Conte, como para o nosso mação e ateu, Teófilo Braga, todo e qualquer discorrer sobre Deus seja próprio sómente de mentes infantis.

Mas Sartre dizia-se tão livre que se queixava de estar condenado à liberdade, frase bonita e pomposa que também era a pompa o que procurava. Por isso mesmo leu Conte, leu Hegel, leu Marx, leu Cristo, mas não passou do absurdo da Náusea. E nem pensem que era parvo, só que o espírito humano tem demonstrado ser tanto mais capaz de errar quanto mais dotado é. Dcnde deriva esta contradição.

Sartre morreu, ficam as obras que escreveu ainda a fumar e mais que isso, muitos rastros de destroços do que disse, fez e escreveu, destroços espalhados por muitas bandas. Mas se para já se vêem só destroços, vai acontecer que mesmo deles não-de surgir verdejantes searas de pensamento e bem eficazes acções como chuva benéfica sobre esta Humanidade de 1980.

Francisco de Almeida





# O Papa visita países da África

por Francisco de Almeida

n. 71

PARA os leitores se situarem : a África começa ali a seguir ao nosso Algarve, passado que seja um pequeno braço de mar, e é constituída por uns 53 Estados. Destes, segundo notícias vindas a lume, João Paulo II visitará os seguintes em Maio próximo : Alto Volta, Congo, Costa do Marfim, Gana e Zaire na costa ocidental e na oriental, o Quénia.

II

Pareceu-me de interesse para os leitores procurar algumas informações sobre essas terras. Elas aí vão.

Se olharem um mapa da África, da Negritude, verão que o ocidente de África se acha retalhadíssimo em países. A divisão, retalhos, corresponde aos domínios ou colónias de outrora, não às raças que aí vivem. Por exemplo : assim como a Guiné — Bissau resulta de antigo domínio português, e havia lá diversas etnias, também o Gana não é mais que antiga colónia inglesa emancipada.

Nós fomos quem descobriu todas estas terras, não quem teve dentes para as civilizar todas. E digam o que disserem, foi através da colonização que essa selva se civilizou — ela não teve só defeitos.

III

Nas Geografias antigas, os países a visitar eram tratados em 3 linhas para casa : qualquer deles — 3.º Mundo — pesa menos que Portugal, mas alguns são maiores e deviam pesar mais. Vejamos. A Costa do Marfim e Gana são pegados e têm costa marítima. Pegam com o Alto Volta, mas este sem saída para o mar — que é o Golfo da Guiné. Os dados de cada um deles são os seguintes ( Alto Volta, C. Marfim, Gana ) : terra de 3 vezes Portugal, 3,5 e 2,5. População em milhões : 6,3, 5,1 e 10,4. Taxas de natalidade por 1000 : 48,5, 45,6 e 48,8 quando a de Portugal é 18 e a da França 14. Rendimento por pessoa e por ano : só dólares, 1306 e 199 enquanto o de Portugal é 1514 e o da Suécia 9094.

IV

Muito antes de Portugal ali chegar, chegaram os Maometanos que converteram quase tudo a Alá e por isso quase só os animistas têm aceiteado o Cristianismo. Reparem que não são os governos a convidar o Papa mas os católicos de lá. E acontece que onde o país colonizante era católico, há mais católicos que protestantes e vice-versa. Por isso os católicos desses países são os seguintes : A. Volta — 7 por cento, C. Marfim — 10,3%, Gana — 11,9 %, Congo ( comunista — Congo — Braza ) — 38%, Zaire — 43% e 41 dioceses e Quénia — 22%. As populações destes últimos são : 1,5 milhões para o Congo, 27 para o Zaire e 15 para o Quénia. Ai quando esta gente tiver voz !

## O Papa visita

Relatam os jornais que os cristãos de 6 países negros convidaram o Papa a ir vê-los porque celebraram agora 100 anos de catolicismo. Tais países ficam na faixa costeira do Poente e são o Alto Volta, o Gana, Costa do Marfim, Congo e Zaire e o Quénia que fica na contra-costa, oriental.

Impressiona que sendo este cristianismo apenas de 100 anos e apesar da incultura dos negros e das dificuldades dos climas e doenças e do desconhecimento que se tinha destas terras até 1850, haja já tantos católicos. Comparados com as percentagens dos das Américas não são ainda nada, mas os das Américas foram baptizados por atacado, há mais de 400 anos e são outra raça. Vejam números : Argentina — 26 milhões, 93% de católicos, 41 dioceses; Brasil — 113 milhões (como o Japão), 88% de católicos, 146 dioceses. Nos outros as coisas são semelhantes.

Na África é diferente pelas razões expostas e também porque desde há séculos, como já Camões o testemunhou nos seus Lusitadas, os maometanos fizeram grande parte dos africanos aderir ao Alcorão e tendo aderido, raro se voltam para Cristo. É por isso que no Egipto, por exemplo, que já tudo foi cristão até aos anos 600, de quase 40 milhões, 91% são maometanos e os cristãos apenas 7% dos quais só 162.000 são católicos.

O panorama é diferente nos países

## países de África

n. 73

a visitar: Alto Volta — 6,5 milhões com 7% de católicos; Congo com 1,5 milhões e 38% de católicos, obra dos católicos franceses de quem foram colónia; Costa do Marfim com 5 milhões e 11% de católicos porque foi colónia inglesa e os protestantes não queriam lá católicos; Gana — com 10,5 milhões, ex-colónia inglesa, 12% de católicos, Zaire com 28 milhões e 43% de católicos, obra da católica Bélgica de que foi colónia — já com 41 dioceses e Quénia com seus 15 milhões, ex-colónia britânica, com 20% de católicos. C. Mar. 16/5/80

Anote-se que o Zaire andou aqui há anos às turras com os bispos da sua terra porque o Sr. Mobutu se convenceu de que ele é que era o Messias...

Por outro lado, e não melhor, o Congo está a ser governado por comunistas que até já assassinaram um cardeal de Brazaville (a capital). Isto em vez de construir estradas que não tem e evitar ao povo ter de deslocar-se de piroga pelos rios acima pois por terra é a selva, como relata um dos últimos jornais dos Espiritanos — Acção Misisonária.

Que o Homem Grande — como o africano nos chama e portanto também ao Papa João Paulo, arraste as restantes gentes desses países, sejam animistas, protestantes ou maometanos.

Francisco de Almeida







6.23

7. 6. 29

# OS BARCELENSES E A FILOSOFIA

No dia 15 de Outubro findo, escreveu o Sr. Dr. Falcão Machado neste jornal que — «em Julho passado, reprovaram, na



prova escrita todos os examinados que em Barcelos fizeram exame de filosofia.» Que calamidade! Os filhos dos nossos são destituídos?

Perante tanto chumbo, as gentes de Barcelos hão-de dizer: coisa difícil, isso de Filosofia! Que será isso? Os mais práticos perguntarão logo se isso dá pão.

Vi em Beja o Manual de Filosofia adoptado na URSS no 2.º ano das Faculdades (tradução portuguesa). Só fala de Marx e Lenine e contém menos saber que o antigo compêndio do 6.º ano em Portugal. Se o professor barcelense só leu pelo Manual soviético, a explicação está dada.

VM-70.2.8

Contava Aristóteles que os antigos Gregos gostavam que lhes chamassem «sábios». Ora bem: um dos maiores sábios em Matemática não tolerava que lhe chamassem senão estudioso, um filósofo, amigo do saber.

Definiu Aristóteles: Filosofia é uma ciência (não qualquer) que se adquire só pelo raciocínio (o fósforo), trata de tudo quanto há, mas só procura os porquês

(Continua na pág. 4)

# OS BARCELENSES E A FILOSOFIA

(Continuação da pág. 1)

10.7.81

7/10

563

mais fundos. E o pavão do nosso Verney a dizer que o saber porque é que a água sobe na seringa é filosofia. Os problemas fundos que ao homem se põem são como estes: o homem que nasce e morre não é um absurdo? Ou tem ele um destino além da morte? Suponhamos que a lei diz que todos podem furtar. É possível uma lei dessas? Matai-vos uns aos outros. Pode ser? Se não porquê? Porque é que se constata que tudo no Universo obedece a pesos e medidas certas? Se não fosse tudo certinho como se conseguia que a Lua que anda, não chocasse com a Terra? Não chocam os automóveis e combóios? E os

condutores não são até inteligentes?

A Filosofia! Difícil, sim senhor, mais que as Matemáticas e todos sabem que só raras aves dão alguma coisa que se veja em Matemática (é o próprio Dr. F. Machado quem aqui o tem constatado). Ninguém se evidenciou em Matemática, Direito ou outros ramos sem ter veia filosófica. O estudo dos escritos filosóficos não é só útil, é indispensável? Se os barcelenses não entenderem isto, nunca sairão da cepa torta.

7-81 10.3.81

Reprovaram — todos — no exame de Julho! Há que modificar isso.

Francisco de Almeida





Santos e Hercúlio João Vaz, com selimentos contos cada e o secto João Manuel da Cunha Rocha, com trezentos contos.

O Ajudante  
Antônio Cordão de Albuquerque

# ARCOZELO

## NATAL NO MINHO

A Noite de Natal é uma luz divina, verdadeiro clarão de amor, amizade e fraternidade que aquece a vida humana de tal modo que só a sua lembrança já faz esquecer os corações pelas horas de efusão de uma graça sobrenatural que faz com que brotem da intimidade das famílias os sentimentos mais nobres e puros que na face da terra poderão existir.

A Igreja católica ao comemorar o culto do Nascimento do Menino Jesus concorre assim para avivar o culto da família e da amizade entre os povos. Esquecem-se malquerenças, afastam-se rancos impúles, e um único desejo brota das almas, o desejo humano e natural de se passarem bons momentos em paz e alegria entre os familiares, procurando suavizar as incertezas de uma vida arbulada, trazendo a paz e a ventura aos corações dos homens.

As aldeias da nossa província de origem creta, voltam um vez

avel simbolismo religioso. O se culto humana todas as almas no mesmo anseio de amor de

Arcoze

tiveram o seu início no dia 20 com a parte recreativa que consistiu com a actuação de um conjunto musical. No dia da festa, obviamente dito, houve da parte da manhã missa solene com comunhão, e da parte da tarde, sermão e procissão em honra da Senhora do Emigrante. No final, seguiu-se a exibição de um novo conjunto musical que se prolongou pela noite dentro.

### CASAMENTOS

No dia 21 de Dezembro, na capela de S. Lourenço, uniram-se pelos laços do casamento, Manuel Pires da Silva, de Vila-Chã, com Maria Vitória do Pilar Enes, de Marinhas.

No dia 3 do corrente, na Igreja Paroquial de S. João, casou-se José Torre da Silva e Ana Maria Monteiro da Silva, ambos de Vila-Chã.

Aos novos pares, os nossos votos de felicidade.

Marques, filha de Marques e de Maria Rosa Brás, de Rio de Molinhos, com João António da Costa Gomes, filho de António de Jesus Gomes e de Lucinda Gomes da Costa, de Arcoze — Barcelos e Joaquim Vigário de Sousa, filho de Arlindo B. de Sousa e de Cândida G. Vigário, do lugar da Igreja, com Maria Rosa do Vale Marques, filha de José G. Marques e de Maria Olinda do Vale, de Goios.

Aos jovens casais, os nossos parabéns, com votos de vida longa e feliz.

### ACIDENTES

Há dias, fracturou um braço o nosso amigo Abel Brás Santamarinha, de Goios — Também fracturou uma perna o menino Rogério Eiras-Novo de Lemos, do lugar da Igreja. — Ultimamente também teve de ir para o Hospital de S. João do Porto, onde foi operado de urgência, Joaquim



## A Mulher vista pelo homem e vice-versa

m360

(Saraiva)

CS. 231.81 por FRANCISCO DE ALMEIDA

Vou só observar umas coisas que me foram sugeridas pela leitura de um livro que se chama assim: A Mulher diante da Vida e do Amor, da canadiana, ginecologista, já falecida, doutora Marion Hilliard. Desta mulher, que ficou solteira, direi que me parece ter sido muito mais ilustrada e de um valor humano fora de série.

Numa grande percentagem, tanto homens como mulheres, desconhecem-se a si próprios tanto como ao outro sexo. Isso é uma carência injustificada e prejudicial. Nem me digam que o casado já conhece as mulheres por conhecer a sua caracimada. Não conhece. Nem me digam que a casada, por conhecer seu marido, conhece os homens — é induzir demais, concluir em excesso.

A Dra. Marion traz esta revelação de que poucos homens suspeitariam: a maior amargura que pode atingir uma mulher é a de ficar sabendo que não pode ser mãe (pág. 19). Pergunto-me por que segredos da biologia feminina é que elas sentem tamanho sofrimento por terem 1 filho.

Esteve para casar, conta ela, com um engenheiro que ela adorava mas tudo se frustrou deste modo: trabalhou no hospital noites seguidas, saindo no dia em que o noivo voltava de um trabalho que teve no exterior. Foi jantar com ele e deram um passeio. Enquanto ele ia falando dos projectos para os dois, ela adormeceu, de fatigada que andava. Ele não ralhou: levou-a a casa dela, acordou-a e despediu-se com um seco «boa noite», casando-se em seguida com outra.

Destino, dirão as nossas leitoras! Eu não sei o que foi, mas o noivo perdeu, decerto, muito com a troca.

Não pensem que esta mulher escreveu para se ver ao espelho como

me parece que a muito boa gente acontece. Entre os milhares de mulheres que a foram consultar, também foi a esposa do director de uma revista feminina. Após o consulto, o marido achou que sua mulher tinha melhorado muito. O director quis saber o segredo e pediu-lhe artigos para a tal revista. Não escrevo que não tenho tempo! Afinal, acabou por ditar a sua enorme sabedoria, aos bocadinhos, em artigos sucessivos, que deram este livro.

Já vou longe demais quase sem tratar do tema. Quero eu dizer, em resumo, que já não basta aquele saber empírico da experiência, ou da prática, para os homens se conhecerem a si próprios. Nem basta às mulheres. Precisam, eles e elas, de ler para aprenderem os muitos segredos que cada um de nós é. E elas, os muitos segredos que elas em si são. Mais: que eles estudem o que elas (suas mães, suas mulheres, filhas, irmãs ou netas são). O mesmo estudo têm de fazer elas em relação a eles: só intuição não basta.

Estou a lembrar-me de um casal em que a mulher se deve tremenda operosidade e persistência. Há dois filhos. Ele esteve estes últimos anos no Estrangeiro. Que se passa na alma dele para mal a ver e nem aos filhos acarinhá-los? Verdadeiramente! Alguns casamentos são desastres. Aqui a culpa parece quase toda dela por a todo o custo ter querido aquele para marido — não são almas gémeas nem capazes de se complementarem. Nenhum vá ter com outro por interesses, quaisquer que sejam. Sem almas rectas, uma para outra, o casamento vai terminar em bofetadas, lágrimas e rancores. Mas leiam o livro. Não é um conselho, que não dou, é uma necessidade para as nossas gentes.

Handwritten note: 231.81 CS. 231.81

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA  
2.º JUÍZO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	



# COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da página 1)

6.26

Dem A. fer

aborte. E depois? Pois é: se ninguém está preocupado com servir a Deus, onde é possível, agora, que queiram ser religiosos ou religiosas? E andou o sr. Robespierre a fazer legislar, há 200 anos, que há um Deus!

Mas isto leva-me a contar-lhes esta história que se deu aí na cidade. Um miúdo de 9 anos foi com os pais à feira. No fim das compras, regressava a casa quando dois moços, frades aí de St.º António, se dirigem para os três e lançam esta ao miúdo: — tu não queres vir estudar connosco? Contou depois o rapaz que, sem saber porquê, disse logo defendendo-se: — não tenho ainda a 4.ª classe.

Ripostaram os religiosos: nós damos-te lá a 4.ª classe. E teve de atalhar, sem mais argumentos: — não quero. Com isto, os dois grupos separaram-se.

Ora quando foi mais crescido, o rapazito começou a olhar por si abaixo e perguntava-se, dizia ele: porque diabo é que os 2 franciscanos se me dirigiram? — Um mistério! Porque é que lhes respondeu ali, logo, não, em vez de deixar a resposta a dar para uns dias depois?

A angústia maior do moço era a de procurar adivinhar o que lhe teria sucedido se não tivesse dito «não». E comentava: pior do que já me sucedeu não podia ser.

E o problema que eu ponho é este: de qué depende o curso da vida de cada homem, de cada mulher, de cada nação? Só deles?

Nem pensar! É ver que o nosso conterrâneo ainda hoje não sabe explicar porque é que disse não aos dois «fradinhos», que o convidaram: não teve porquês, disse não e mais nada!

Diz o nosso Autor (pg. 24): «nunca houve tantos celibatários como os há hoje em dia» (leia, solteirões); «a infidelidade conjugal quase reduzida a sistema»; «a poligamia existe de facto»; «a mulher casada... continua a aceitar os rendimentos (galanteios) dos homens como se fora solteira».

Se isto era verdade já em 1840, como é que Deus ainda não pegou em enxofre e num fósforo e não fez crestar toda essa repolhada?

A isto quero dizer que o mal já vai nas aldeias: uma já não casa lá e sim na Capital do Norte. Depois deita o marido às lavas e vai-se à procura dos ares da terra. Aí, como a «gente não é de pau», enamora-se de um cunhado, namoro que lhe acarreta valente dose de castigos que ela, das boas, não deixa sem premeditado preço, pago à ponta de faca no bucho.

Era uma vez uma bolinha de neve, muito pequenina, que começou no alto do Facho e foi descendo, rolando e embolando por ali abaixo. No fundo estava uma bola tão grande que «arrebentou» com muitas casas ao bater nelas. A bola de neve desfez-se, mas as casas caíram. O mal foi a bolinha de neve ter-se formado e não ter sido esmagada, ou desviada, enquanto grande não era.

Bom: o livro conta coisas que são de arrepiar como a do roubo feito pelos «liberais» no túmulo do próprio S. Francisco Xavier, em Goa.

Oxalá não tenham sido barcelenses!

Francisco de Almeida



TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA  
2.º JUÍZO

1	
2	
3	
4	
5	
6	
7	
8	
9	
10	
11	
12	
13	
14	
15	
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	



# COISAS DE LONGE E DE PERTO

Ano 1840. Pedro Dinis

Veio parar às minhas mãos um livro publicado no ano de 1854, em 2.<sup>a</sup> edição, que se chama: Das Ordens Religiosas em Portugal. Tem portanto 128 anos. Ora já aí defendi que precisamos de ler os documentos de 1850 para explicar como era a vida dos barcelenses de então.

Convém dizer que não li o livro, senão aqui e ali, como se deve fazer quando não há tempo para mais.

É que 1.<sup>o</sup> está o dever e só depois a devoção, ler isto ou aquilo. Provavelmente até haverá aí barcelense que possuía esse livrinho, de 293 páginas e gordo índice, que um Pedro Dinis escreveu muito escorreamente. Se ao lê-lo falhar, queiram fazer o favor de vir corrigir.

ATG da Minha. 8/5/82

O que causa pasmo é ver que, afinal, pelos anos de 1835 a 1850, as coisas andavam por aqui tão «péssimas» como agora em 1982. Por isso teria o Cristo dito (dizem na minha aldeia): — fica-te, Mundo! Vamos aos factos porque o livro interessa como monumento de História Social.

Pág. 13: «Liberais de boca e liberais de coração». Se onde está «liberais», puserem «democratas», os leitores ficam a saber do que se tratava: uns eram falsos liberais, tanto como certos democratas de agora.

E eu digo: como esta «peste» é velha! Diz ele: «os verdadeiros liberais (leia democratas) querem a felicidade da Pátria e não podem vê-la juncada de ruínas». A este respeito merece encómios a ilustre colaboradora D. Ersilia — que não conheço senão do que escreve. E lamento que tenham secado as penas de outros *nossos* defensores do Bem. Não que eu concorde sempre com ela. Só que ela mexe-se e outros nem tugem nem magem.

Afinal, em 1800 e tal (1.<sup>a</sup> edição do livro) como agora, são os que o Autor chama de *Filósofos* (pág. 18) os que, ao contrário do que seria para esperar, pior mal causam a Portugal, ao «nosso Povo», que o Dr. Cunhal trás sempre na boca (não no coração — ao menos não creio no que ele diz). Também só crê neles quem quer acreditá-los. Curioso será dizer-lhes que lá na minha terra alguns recebem jornal dos filhotes do Cunhal. E lêem-no às escondidas. Porque terá de ser às escondidas? Vejam lá se nas vossas aldeias também é assim. Ninguém perde nada por andar de olhos abertos na vida?

Não sei se o Autor exagerou ao relatar que após 1834 as mulheres portuguesas degeneraram bastante.

Como foram os factos entre as barcelenses? Defendam-se as feministas.

Vejam lá que para proibir os frades e freiras, diziam os *filósofos* de então que era preciso fabricar mais gente (pág. 22). E agora se luta por termos gente a mais — logo, querem que se aborte, aborte,

(Continua na pág. 4)

6-25

— Borany —



26-2

to 2

← ————— →



# Para a História Barcelense

## O Diário do Abade de Galegos em 1870

de uma casa na praia da Apúlia, etc.

Desconheço se terá havido muitos conterrâneos dos anos passados que se dessem ao trabalho — e minúcia — de escrever um Diário ou ao menos as suas Memórias. Se não houve, é pena, porquanto nos ensinariam muito com seus ditos, casos, observações. Mas o de Galegos escreveu não bem um Diário, mas antes um caderno de Receitas e Despesas que vai de 1/9/870 a 31/8/871.

Claro que também escreveu para os mais anos (por exemplo, 1876), mas só encontrei este de 70-71 e o de 76. O mais ter-se-á perdido.

### O DOCUMENTO

Tomem meia folha de papel selado, dobrem-na ao alto em duas, cosam pela dobra várias folhas e aí têm um caderno semelhante ao que o abade referido, António de Macedo, natural do Cabo, na Ucha, fazia. É manuscrito a 2 cores: quase sempre, castanho; às vezes, azul.

O tal quarto de folha, ou folha de caderno dividiu-o em colunas: à esquerda: Extraordinário; ao centro a casa gasta (comprada) ou vendida; à direita, ordinário. Assim:

Extraordinário  
4000

Imposto de... Uma pipa  
de Vinho

Ordinário  
3000

Nas 1.<sup>as</sup> 4 folhas estão as receitas. A seguir, as folhas das despesas, (ordinários e extraordinários), como nas receitas.

### O VALOR DO DOCUMENTO

Elucida-nos sobre como vivia um pároco há 100 anos, sobre os valores da pipa do vinho, de um porco na feira de Barcelos, sobre o custo

### OS VALORES ANUAIS DAS RECEITAS E DESPESAS

De receitas ordinárias, as parcelas somam 264.560 reis; as extraordinárias foram de 161.660 reis. Total: 426.220. Uma receita é-me estranha — e dará muito que escrever:

(Vem da 1.<sup>a</sup> Pág.)

ver: a de 72.100 de juros; vinda da «Hespanha» (de 2 semestres ou 1 ano). Se abatermos essa, extraordinária, aos 426.220 supra, fica-nos a receita anual de 354.120 reis. (Vamos ver que equivale a umas 27 pipas de vinho, naquele tempo — mais caro, parece-me, que agora).

Ora o abade teve de despesas nesse ano (70/71) o seguinte: ordinárias, 188.575 reis; extraordinárias, 289.855, o que dá o total de 478.430 (não utilizo calculadora). Mas a receita de 426.000 é menor, então, que a despesa, em uns 50 mil reis. De facto há verbas em que se vê que o abade tomava (pedia) dinheiro a juros (pagava juros).

Transcrição de algumas verbas desse documento. Setembro/70:

A)

«15.600. A 17 (dia do mês de Setembro de 870). Dos orfãos meus sobrinhos do Cabo p.<sup>a</sup> pagam.<sup>o</sup> de manifesto». (Está como receita extraordinária).

B)

«Minha assistência do off.<sup>o</sup> «(offício) 1260». (É receita normal, ordinária)».

O.bro

«A 1. foro do P.e João do Monte — 360».  
= «40. S.to Amaro e off.<sup>o</sup> até 8 — 640».  
= «2 certidoens p.<sup>a</sup> a orfam — 500».

= «Ate 19 inclus.<sup>o</sup> de pensão do Ant.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> e João Martins — 13.900».

= «2 pipas de vinho p.<sup>a</sup> B.<sup>o</sup> — 27.000».

= «Remissias de m.<sup>o</sup> alvo de Pires e obrada de m.<sup>o</sup> (mesmo) — 1200».

«Certidones e banhos da Teresa Ferr.<sup>a</sup> — 420».

= «25 — S.to Amaro».

N.bro

«Fieis de D.<sup>a</sup> (Deus) — 2685».

Dez.bro

«36.265 — D'Agora ardente (?) al mudes a 2600» = «3000... e bagaço q. vendi queimado» = «De proclames — 2.200».

Jann.<sup>o</sup> (1871)

«Foro dos Viscainhos — 1080» (moravam em Braga). = «Até 15. S.to Amaro — 8190 fora a cera dia de chuva». = No 2.<sup>o</sup> Domingo de S.to Amaro fora a cera — 4805» = «No 3.<sup>o</sup> Domingo fora a cera 305».

Fev.<sup>o</sup>

«... do Dr. Macedo do resto da pensão, e obrada e pensão — 3820». = «5.900.20. Do porco q. se vendeu em B.<sup>o</sup>». = «500 S.to Amaro até 12». = «300 de huma laranjeira q. cahio seca».

Abril

«Ovos q. se venderam p.<sup>a</sup> doceiras 725 — 750».

Maior

«607. S.to Amaro». = «off.<sup>o</sup> e Misas cantadas — 1260».

Junho

«500 cravos q. se venderão em Braga, lá ficou o din.<sup>o</sup> p.<sup>a</sup> ella».

Julho

«5000. Da lenha de pinheiro da Bouça q. vendi ao Castanho».

Ag.<sup>o</sup>

«O bradorio da Neves rendeo 480» = «120. S.to Amaro».

Francisco Almeida







# SOBRE SE A MISSA BARCELENSE VEM DO TEMPO DE S. PEDRO

376 POR Dr. Francisco de Almeida

Acabo de receber uma Separata da revista Bracara-Augusta. Tem 98 páginas e mandou-ma o Autor, Cónego Vaz. O título é: «Liturgia Bracarense das Primitivas da Igreja» — quer dizer: é uma das 4 ou 5 que vêm dos Apóstolos. É assim? Vamos por partes.

A 1.ª: assim como existe o direito a um campo, há também um Processo para defender, em Tribunal, esse direito. E até vários tipos de processos. Do mesmo modo, a Liturgia é o conjunto de processos de tratar com ou as coisas de Deus: de fazer os Sacramentos, de os aplicar, etc.

A 2.ª: não há Etnologia que não descreva fórmulas e actos de os povos selvagens tratarem com o divino. Por exemplo, o casamento entre os Tângas (da tribo Banta em Moçambique e África do Sul): «O marido e a mulher agacham-se na (esteira) mais bonita. É nesse momento que o pai da rapariga vai praticar o rito religioso (halha): O pai fica de pé, atrás dos recém-casados... dirige-

João Crisóstomo, a de S. Marcos. Donde: a de Braga é uma diferenciação da de S. Pedro e há outras sub-liturgias: a da cidade de Toledo (perto de Madrid), a de Lião (sul da França ou Gálias) e a de Milão (norte da Itália).

Ao dizer que a *barcelense* é das «primitivas» (é a mesma de Braga), quero dizer que é tão antiga como a de Milão, de Lião, de Toledo, de Roma.

## As provas da tese ou afirmação

A 1.ª é que apareceu um Missal, escrito à mão, que data dos anos 1100 (tem uns 880 anos). Encontraram-no em Vila Real, solar de Mateus e por isso lhe cha-

(Continua na quarta página)

—se aos manes dos antepassados e diz: «Meus pais, meus avós (chamam-se pelos seus nomes) ouçam! Hoje, minha filha deixa-nos... Olhem por ela e acompanhem-na, lá onde vai morar. Que ela também funde uma aldeia, que tenha numerosos filhos, que seja feliz, sensata e justa. Que se encontrem bem com aqueles com quem vai viver». (de Usos e Costumes dos Bantos, pg. 112). Esta sequência de oração e o estar o pai de pé e os noivos agachados é um conjunto a que se chama Rito ou ritual. *Obare. 76. I-82*

A 3.ª: portanto, o conjunto religioso, Missa, é um Ritual; o casamento, outro; o Baptismo, outro. O conjunto desses ritos forma uma Liturgia, por exemplo, a de Braga (diocese).

A 4.ª: os cristãos da Grécia fazem Missa, mas com gestos e palavras diferentes de nós: seguem o rito Bizantino. Casam diferente de nós, etc.. As grandes Liturgias são: a de Roma ou Ocidental, a de Bizâncio, a de S.

(Continuação da página 1)  
*Obare. 76. I-82*  
mam Missal de Mateus. É o único que se conhece tão velho —tempo de arcebispo S. Geraldo e do Conde D. Henrique e do I.º documento que temos sobre Gallegos (1081). A Gulbenkian fez a Portugal o favor de o mandar estudar e publicar —um estudo maravilhoso, do Padre Dr. de

Braga, Joaquim Bragança, formado em Roma em Liturgia. E querem saber? As cerimónias desse, de Mateus, são quase as mesmas —até nas palavras — que as do Missal de Toledo de 1500! E também quase iguais aos do Missal, próprio, dos monges de Alcobaca (vindos da França, Cister).

A 2.ª é que comparando Mateus e Cister com o da França (Gálias), outra vez há igualdade quase perfeita. *Obare. 76. I-82*

A gente põe-se a cismar: foi Braga (Mateus) que copiou pelos de Cister ou estes pelo de Braga? Ou ambos copiaram de um mais antigo? Ou Braga copiou de um seu mais, mais antigo, e Cister pelo das Gálias? O das Gálias copiou pelo de Toledo, dos anos 600 (século VII) ou o de Toledo e o de Braga pelo das Gálias? Ou todos eles copiaram por o de Roma dos anos 500? Problemas!

## DE S. PEDRO

### O que sabemos

1.º: Lisboa tinha seu bispo já no ano 300. Braga teve-o antes do ano 400 (chamava-se Paterno e chegou a ser hereje, da seita dos Priscilianistas). E já então havia casamentos e Missa por essas nossas terras.

2.º: sabemos que nos anos 530,

o arcebispo *Profuturo* teve dúvidas sobre se a diocese estava a celebrar bem e escreveu ao Papa —que se chamava Virgílio. O Papa mandou-lhe cópia dos textos que ele seguia em Roma.

3.º: Mas Roma vinha seguindo os usos que Pedro tinha lá ensinado, embora influenciada pelos costumes dos cristãos de Alexandria (universitários).

4.º: o arcebispo, S. Martinho, (o que foi bispo de Dume, tempo do reino suevo) era grande letrado, sabia os usos (liturgia) de Bizâncio (era húngaro) e remodelou a Liturgia de Braga. Não ia tocar nas partes que de Roma tinham vindo 40 anos antes (Profuturo).

Logo: a missa bracarense, pelo menos esse rito, vem de Mateus (1100), que vem de S. Martinho, que vem de Bizâncio e de Roma (S. Pedro e Santo André). Logo é dos tempos dos Apóstolos: Barceles reza como os de há 2.000 anos! E isso é proeza que poucas

## SOBRE SE A MISSA BARCELENSE VEM DO TEMPO DE S. PEDRO

### DO TEMPO

terras conseguiram, é um Monumento Histórico único na catolicidade mundial. Todo o Universo, ao estudar ritos católicos, têm de falar de Braga (região), de nós.

Ninguém deve ignorar isto. Ao menos entre nós.







# A PROPÓSITO DAS AULAS DE FILOSOFIA

(Continuação da primeira página)

Ainda outro queria saber se há ou não há um Ser que seja o Causador, o Construtor, o Pai de todos os outros seres — porque reparou que, quanto vemos, vem de outro: António é filho de José e Joaquina (nunca só dele ou só dela), o pinto vem do ovo, o bezerro da vaca.

Mas quem, quando, como, com quê e para quê, fez que o casal desse António, a vaca parisse bezerro (e não gatos), o milho desse milho novo e não uvas? Que força tem esse construtor para assim fazer que as sementes frutifiquem? E criou-se um ramo filosófico a que chamaram Teodiceia (Teos - Deas): estudo acerca do Ser Supremo. Não inventou esse Ser, descobriu-O pela obra que aí há: pelas plantas, pelos animais, pelos astros, pelo exame dos próprios

homens e mulheres.

E perguntou-se: se eu pego em 40 mil peças e ponho um automóvel a andar, sou menos sábio que o Ser que pôs este Cosmos todo a andar. O automóvel é meu, que o fiz eu — e aí dele se não faz como lhe mando. Logo, aí de mim se não faço como o Construtor de mim quer que eu faça.

Mas o Ser Supremo para que é que me fez? Posso fazer o que me apetece? Que devo fazer? Há acções que mereçam prémio e outras a merecer castigo? Qual castigo, onde e como? E assim se criou a Moral, a Ética, como ramo da Filosofia. Tudo saberes fundos! *O Bate 19.XII.81*

De modo que todos esses Campos do Saber é que compõem a Filosofia toda: um saber para além do das outras ciências, que são úteis, mas incapazes de ir ao fundo das últimas perguntas que os homens se fazem a si próprios.

Ora as filosofias dos liceus e das faculdades não passam de patá-

cuados: que Raut disse, que Hegel afirmou, que Marx ensinou, que *Lenine* está embalsamado se não já era pó, cinza e nada (apesar de muito que falou contra o tal Ser Supremo). Isso não é Filosofia.

Nem sequer os rurais podem viver sem Filosofia: porque é há-de ele trabalhar, se tantos recebem sem suor? Porque é que há, e tem de haver, um Estado, uma Autoridade central, única, nacional? Ainda a há? Que ganha um sujeito em ser Virtuoso, praticar o bem, como: não roubar nunca, não dar à língua, não rachar a cabeça a certos canalhas, não fugir com a mulher do vizinho (que até queria que a levasse), não abandonar os filhos? Ou tanto vale, desde que a judiciária lhe não deite o gadanho? Para que fins existe o Estado? Está a cumprir-los?

Por falta de Filosofia capaz, daqui a 10 anos, estaremos ainda pior.

Outro senhor filósofo dedicava-se a estudar o Universo material: A Terra, os astros, as pedras, tudo como seres partíveis (divisíveis) ou não — e até ao Infinito — como e porque é que são extensos (comprimento, volume), como e porque é que se movem, etc.. Era a Cosmologia (Cosmos, Grego, Mundo).

Um outro dedicava-se só ao ser vivente (vivo): que se move, que cresce e morre, que pensa. Porque, que é a vida? Que é a morte? Que falta, rigorosamente, ao cadáver para andar, respirar, falar? Era a Psicologia. Experimental e Racional (deduzida pela razão, cabeça).

(Continua na página 4)

## A Propósito das Aulas de Filosofia

v. Daqui a 70 anos

2.6.23

(v.6.27)

v. 14 Min. a ciência

Desconheço qual é actualmente o programa das aulas de Filosofia, seja nos Liceus seja nas Universidades. Mas, por aquilo que vejo os rapazes estudarem, é claríssimo que em Portugal tais aulas, de Filosofia, só têm o nome. Deve ser por isso que tantos se opõem ao estudo de tal matéria.

Não é nada Filosofia: é uma palhaçada, um discurso muitas vezes incoerente, um montão de opiniões. Nada de provas. Tal como vêm sendo dadas, são pura perda de tempo. Para os nossos mestres, a Filosofia nem sequer é uma Ciência. E como a dão, têm inteira razão, mas a culpa é deles.

Então, vão dizer-me, que se deve estudar ao dizer Filosofia? Eu pergunto: deve dizer-se do homem que sabe leis que ele é um legista ou um jurista? das Faculdades: são de leis (como se dizia em 1820) ou de Direito? Que diferença há entre Lei e Direito?

Os antigos, que eram muito atilados e penetrantes pensadores, estudavam o corpo humano, os animais e as plantas e as pedras, cada um com sua arte: médicos, biólogos, astrónomos. Se se juntassem todos em Congresso, perguntavam-se: que há de comum entre todos esses objectos? E que em todos há esta constante: são,

existem. São «seres». E um deles, filósofo, abstraía de tudo e ia investigar, ler, escrever, procurar o que é isso de ser. E assim se criou um ramo novo do saber: a Ontologia (de ons-grego-ente, ser). Ontologia é a Teoria ou Ciência do Ente, do Ser em abstracto.

E fazia esse estudo abordando o ser por dois lados ou causas: quem o fez ou produziu? Para que é que o fez? *O Bate 19.XII.81*

Com base nisso, já respondia ao que um gaiato de 9 anos perguntava há dias: porque é que há Terra e Lua e Homens e Deus, em vez de não haver coisa nenhuma? Sabem responder?

POR

Dr. Francisco de Almeida

2.6.23







HIST na filosofia - in y. n. r. fam. 25.XI.81.

766

de 6/29

teria então andado eu, não ca-  
sando? E o 3.º: a pedra lan-  
çada ao ar, necessariamente cai  
ao chão (não me interessa aqui  
saber porquê); e eu, perante  
uma coisa que me pareça boa,  
não serei logo levado, obrigado,  
a tentar caçá-la? Se obrigado  
sou, então livre não sou. Mas  
se livre não fui, como pode um  
Tribunal (o Estado) condenar-  
me por a ter caçado? Seja o  
4.º: há 150 e tal Nações, cada  
uma com o seu governo. Para  
quê e porquê governos? Não  
era melhor deixar as populações  
— com guerrilha civil — mata-  
rem-se umas às outras até se  
fartarem? Não era melhor essas  
nações todas fazer referendo,  
unirem-se numa só e com um  
só governo?

Aí ficam problemas para os  
meus amigos debicarem. Já fo-  
ram dadas respostas a tudo  
isso, cada uma a mais diferen-  
te da outra. Por isso é que,  
Partidos, por isso há seitas, por  
isso há estudiosos e comercian-  
tes, sábios e cavalgadas, etc.

Filosofia. História dela. Que  
pode esta ensinar-nos no ano  
de 1981?

Nunca ouviram falar em Kant?  
Eu digo: filósofo alemão que

Isto obriga a ser humilde:  
quem virá a ser este mocinho  
a quem agora, 1981, ensino o  
abc? O tal Kant escreveu, num  
livro (Crítica da Razão Práti-  
ca, que anda aí em tradução  
de 1967) suas teorias sobre  
como ensinar meninos — também  
ele pedagogo (qualquer profes-  
sor estuda essas coisas).

Veio Hegel e mandou Kant  
para os infernos. Veio Marx  
que passou além de Feurbach.  
Veio Lenine a suplantir Marx.  
Só Estaline não se impôs: nem  
na URSS já falam dele. O  
mesmo se dá com Mao, o da  
China.

Mais nos ensina a dita: que  
até 1800 e tal estes pensadores  
europeus eram uns regionais, já  
que desconheciam quanto de  
nobre e bom tinham inventado  
Indianos, Chineses, Persas e  
outros povos raciocinadores. E  
ainda: até aos anos de 1500  
havia serenidade filosófica. As  
pessoas preocupavam-se em não  
dizer disparates. Depois, foi um  
ver-se-te-avias: é melhor aquele  
que diga mais novidades ainda  
que tudo sejam disparates. A  
 vaidade sobe e tudo quer des-  
cobrir coisas: a Medicina, a  
Matemática, etc. Resultado: já

Afinal quem causa as mudan-  
ças das Civilizações? São os  
filósofos quem põe problemas à  
Física, à Matemática, aos Lite-  
ratos ou são as Ciências, Artes  
e Letras quem faz os filósofos  
saltar de campo para campo, de  
Teoria para Teoria? As ideias  
não se guardam em gavetas  
como o mel nos favos das abe-  
lhas: elas circulam 1000 vezes  
mais, agora, que há 100 anos  
(Televisão, etc).

Hoje não é fácil a um filó-  
sofo, matemático, etc, vender  
suas teorias: cada um que fale  
é vigiado, através das Revistas,  
por milhares de outros (nas  
Américas, na Europa, na Ásia).  
Para uma ideia se impor, só à  
pressão, força, movimento (e os  
políticos deram por ela): não  
procuram a verdade, sim o pro-  
veito, honras, mando.

Faz-me isto pensar: a) se a  
doutrina da nova Encíclica do  
Papa traz Filosofia nova; b)  
não sendo sob pressão que não  
é, se pode ter adesão dos ho-  
mens do nosso tempo.

Seja como for, o Papa das  
estêpes é quase tão «positivo»  
como Conite e é capaz de  
arrasar muita coisa.





# UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

Nome \_\_\_\_\_ Nº \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_

Disciplina \_\_\_\_\_ Curso \_\_\_\_\_

Lisboa \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ / \_\_\_\_\_ Rubrica do Docente \_\_\_\_\_

Classificação \_\_\_\_\_ Obs.: \_\_\_\_\_

HO



26/23

# Alguns Ensinamentos da História das Filosofias

POR FRANCISCO ALMEIDA

25.XII.81

11025

n 766

Disse «filosofias» porque não se pode dizer que haja um só sistema filosófico a ser abraçado. Falo de filosofia, apesar de muitos leitores nunca terem estudado nada disso. Debruço-me sobre a história delas, apesar de tudo quanto antes fez o 7.º Ano, ter estudado alguma filosofia, apesar de nada saber do que foi a história dela. Então, dirão alguns, falar disso é menos que falar de cozinha chinesa a esta gente que tem uma boa cozinha minhota. n. fam. 25.XII.81-2.º pg.

Aí eu digo que a observação é muito bem feita, mas... então não é verdade que quase toda a gente gosta de saber coisas novas? Para quem a não estudou não é a Filosofia um saber novo e prestigioso? Então falo.

Dou exemplos de problemas filosóficos em que todos os povos cultos, estudados, pensaram. Seja o 1.º: porque será que um homem nasce e tem de morrer? E o 2.º: qual teria sido a minha vida, e a tua e a daquele, se eu, que casei, não me tivesse casado? Haverá alguém que saiba que caminhos

viveu de 1750 a 1800 (50 miseráveis anos, mas que lhe bastaram para dar um pontapé forte em todas as sabedorias antes dele). Inventou em teoria chamada Criticismo, que deu brado. Daqui a 1.ª lição da dita História da Filosofia: quando aparece uma nova Teoria que pareça boa, as teorias anteriores são logo sepultadas. Onde a pergunta: qual será a Teoria ou as Teorias que irão seguir nossos filhos daqui a 20 anos? Se alguém souber, é favor dizê-lo aqui.

A quem é que sepultou Kant? Nada menos que as do famoso francês Descartes, que viveu de 1596 a 1649. E também as dos ingleses Bacon (1626) até Hume (1776) e as de outro alemão, Leibniz e Wolf, além da filosofia geométrica de Espinosa. Quer dizer: fez a todos esses o que eles já tinham feito a outros filósofos.

Daqui posso pensar: porque será que todos os novos refeitam as ideias, teorias e filosofias dos seus professores — que os ensinam? Grave situação: vem o aluno, anos depois, a ensinar quem foi seu professor!

se não atacam ideias erradas; aproveita-se, sim, o que de bom pareça haver nos escritos de qualquer filósofo.

Concluo: De 1500 em diante é-se cada vez mais vaidoso; deixou-se de atacar os erros para tentar unir os homens — que se separaram em bandos rivais — aproveitando o que de bom haja em cada bando, filósofo ou religião.

Ora isto é uma incrível mudança dos hábitos dos homens. É a seguir, em que sentido se farão novas mutações? Se estamos e está tudo mudando, que princípios, regras, coisas, ideias, serão imutáveis? Se nada for imutável, é estúpido andar a educar os filhos, nossos ou dos outros.

Outra lição: há hoje 900 Cadeiras Universitárias a mais que as dos anos 1500 em que seriam umas 100 (não havia uma Cibernética, uma Psiquiatria, etc). Por este andar, de sermos tão sábios, daqui a 20 anos há-de haver 200 Cadeiras, que custem dinheiro. Haverá dinheiro para tanto Professor? segue →

7. II - 22







Socialmente, era um génio muito vivo, observador atilado, avisado e atento e por isso estava a par das horas e sítios a que, no escuro da noite, faziam reuniões alguns «democratas» daqueles lados. Mas desta faceta nunca, decerto, os de Galegos suspeitaram. Além disso, era uma alma jovem, promotor e feitor dos cuidados, também materiais, de que Galegos precisava. Um aglutinador de esforços e de pensamento que reunia logo à volta dele toda a gente de bom senso e de boa vontade. E as obras surgiram, em contradição, é certo, do que dizem as Constituições desse 1910: «em vez de separação, unidos os esforços da igreja e das juntas — numa simbiose e entendimento que deu brado e mereceu louvores a todos: ao abade, às juntas, ao povo. V.M.º 31.X.81»

Volto a dizer: aquele abade devia ter sido sepultado em Galegos porque, por adopção, era nosso. Ao menos deve ter lá um busto que o recorde, não às crianças sequer, porque eram a alma dele, mas aos vindouros. E os mesmos — quase todos — que o acompanharam ao túmulo, se quiserem, dê-lhe erigir um busto — e mais que isso. Mas tal obra ou surge do povo ou é irrelevante e sem sentido. E mereço-o: que obrigação tinha ele de viver ali, tão só, a cuidar do povo de Galegos? Um de Ga-

legos não mandou o cabeção às urtigas? E mereço-o: não deu ele àquele povo, para além do seu trabalho espiritual e moral, até o seu automóvel e o tractor e o dinheiro e o trabalho mesmo físico?

E deve tê-lo: porque Galegos tem poucos monumentos e nenhum que lhe recorde homem que vivesse entre eles. E deve tê-lo: como forma de Galegos lhe ser grato. E deve tê-lo: como forma de Galegos mostrar fé honrando nele o homem de Deus, o defensor e companheiro dos homens — almas e corpos, homens e mulheres.

Bem sei, que não era um burocrata com paciência para os arquivos. Bem sei que não eram os livros ou teorias o forte dele. Era outro temperamento, era o homem de acção que em vez de ler, manejava o seu rádio-amador, em vez de requerer, subia as escadas dos Ministérios em Lisboa, sempre em benefício dos outros.

Num artigo de jornal reunido no livro «Mensagem», o falecido arcebispo, D. Francisco, escreveu: «Ser bispo, tarefa árdua e perigosa». E eu acrescento que também ser pároco o é: árduo e perigoso (e os de Galegos sabem que assim é).

Sirva este para honra do grande abade Joaquim porque, por agora, não darei mais notas.

Francisco de Almeida

## 1.º aniversário — Algumas notas

432

seu «SOPE DO FACHO», de «O BARCELENSE» de 1-XI-80.

E também escrevi: no J. de BARCELOS de 5/2/81 (o atraso não foi decerto meu). Por outro

PELO

Dr. Francisco de Almeida  
V.M.º 31.X.81

lado, é impossível fazer menção de quantos aniversários passam. Há que escolher: ~~dos factos~~ não ~~faça a história~~ (conclua por conversão lógica: ~~Se~~ dos que vale a pena).

Mas quem era o abade de Galegos? Eu lhes digo, pelo que dele conheci durante conversas anuais. Fisicamente, era uma trave que respirava saúde e boa disposição, apesar dos desgostos que alguns lhe provocaram e das privações a que familiarmente se via submetido. Moralmente, era um desses lutadores descomhecidos, ombro a ombro com os povos de que era pastor. Bastará dizer-lhes que foi bem mais corajoso que o arcebispo de então, D. António, também vilandense: coragem que lhe conduziu ser levado pela Pide para Braga ou Porto (já não recordo) onde o retiveram 5 dias. Porquê?

Porque, pároco na região da barragem da Caniçada, defendeu aquela gente das prepotências, abusos e tentativas de fraudes dos empreiteiros e autoridades da barragem — donde ser, na mente desses senhores — um agitador (e a Pide servia, também, para «acalmar» os que exigiam justiça).

(Continua na pág. 4)







# BARCELOS e a CRITICA HISTORICA

Exemplos 26/1/81 v. L. Barros

1544 Cruzes - 422

Não sei se os meus contrários repararam na série de 13 artigos que o Sr. C. B. — que não sei quem seja — foi escrevendo no vizinho jornal de BARCELOS e que intitulou de TEMAS BARCELOSENSES — Festas das Cruzes.

Digo isso porque também eu só agora ao recortá-los, os vi com

PELOE.

Dr. Francisco de Almeida

algum cuidado. O n.º 13 saiu em 14/5/81 — dá a Bibliografia que o autor viu e transcreveu.

Resumo-a porque tem muito interesse, penso eu, e é assim: 1672 — 1.ª obra — Tratado Panegírico; 1676 — Nobiliarquia Portuguesa. Por serem os mais antigos, são fundamentais. Acontece que se me perderam os artigos 1, 2 e 4. Acontece que acreditar ou não na aparição das Cruzes é livre para cada um de nós. Mas fica-se impressionado com o testemunho da Nobiliarquia cujo autor era do mais culto e sério que tivemos por 1670 — era desembargador e licenciado em teologia.

Depois veio a obra de Costa — 1.ª edição de 1706 ou 1712 — e é recolta semelhante à feita pelo Dr. Teotónio para o «Barcelense» de 1937. Depois vem o

testemunho da Memória Histórica — 1867. Os mais citados, não valem porque são repetições: Barc. Revista, a Rariadade, o Port. Antigo e Moderno, etc.

Pergunto e atrevo-me a sugerir: não seria de maior interesse que a Confraria do Senhor da Cruz editasse num folheto os 13 artigos de C. B., mesmo tais quais saíram? Se sim, vendiam-se às centenas nas Festas das Cruzes de cada ano.

Já escrevi que preferia ter visto C. B. a dar-nos textos inéditos — ainda por publicar. Por exemplo: que mais há sobre o Matias Pais de Faria — negador, vencido, do milagre das cruzes? Viveu por 1632 ou 40 anos antes do Tratado Panegírico? Parece-me que vi o Instrumento (escritura) relativa ao facto das Cruzes.

A experiência do Desembargador Martim Afonso Coelho, do Porto, nada me parece provar. Quem foi este homem que vivia em 1648? Quem foi o duque D. Raimundo, de Aveiro, que não viu nada? As Cruzes vinham e fugiam? Não é o que disse o da Memória Histórica.

Cita-se o acórdão da Câmara do ano de 1570. Qual é o texto dessa deliberação, 64 anos posterior a 1504, o da dita 1.ª aparição?

(Continua na pág. 4)

(Continuação da página 1)

O culto teve de ser autorizado por Braga. Qual o texto da Provisão que autorizou? Sobre que requerimento e de quem (texto)? Que deu o inquérito (vistoria) para ser autorizado? É preciso pôr o Arquivo Distrital de Braga a falar e nem será difícil, afora a leitura da antiga letra dos textos (mas Braga tem paleógrafos).

Não vi até agora textos parciais que se refiram às Cruzes de Barcelos. Parece, assim, que os párocos de 1500 e 1600 não acreditaram. Se não, como não levar às aldeias um aparecimento tão espantoso? Evidente que iam às Cruzes (festa) e veneraram a imagem do Senhor Santo Cristo, como dizem os Micaelenses (Açores).

Como é que das Cruzes se passou a epidemia de Passos? (Senhor dos Passos, procissão dos Passos — ver Lama, Vilar, etc., em Barcelos Aquém e Além). Ora a Cruz vencia-se todo o ano. Os Passos, só uma vez por ano. Agora em Maio — e isso vem do Oriente, Santa Helena. Mas os de Barcelos vieram em Dezembro. Porque se mudou? Concluo que isto anda muito atrapalhado, ao que parece.

Então a Confraria só tem Estatutos desde o tempo do Papa Paulo V ou 1609? Faltam documentos de 105 anos (1504 a 1609). E que por 1630 foi o tempo de vários falsos cronicões (ver as patranhas em que caiu até um arcebispo e ilustrado

escritor como o foi D. Rodrigo da Cunha — o da 1.ª História de Braga (texto famoso em guarda nos Reservados da Biblioteca de Lisboa). Que disse este D. Rodrigo sobre as Cruzes de Barcelos? As Cruzes são caso único em Portugal e no Mundo. O caso tem de ser esclarecido.

Evidente que, tenha existido ou não, isso nada tira do valor da Santa Cruz de Cristo. É por duvidar-se das Cruzes que agora já não fazem em Barcelos a religiosíssima procissão das Cruzes? Ai os nossos catedráticos tão alhados com a vanguarda europeia que queria destruir todas as procissões para vos tornarem protestantes! Essa vanguarda murchou e já secou. Hoje, os de Barcelos, ainda com ela alinhados, estão já atrasados. Dêem corda ao relógio e façam a história crítica destas nossas festas.

Sem medo que a Verdade não tenha luz do meio-dia nem carece de lunetas. Mas tenham cuidado de pensar que só os de agora é que são inteligentes. Pensar isso é que é orgulho, presunção e crassa estupidez.

Francisco de Almeida







# A Monografia (história) de Freixo

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Alguns dos senhores leitores hão-de conhecer umas Lições da Pedagogia e de História da Educação escrita em 1918 por um republicano de gema que foi Alberto Pimentel, Filho. Nessa época estudava-se a história da Educação exactamente para demonstrar que não foram sempre os mesmos assuntos que se ensinaram ao Povo. Mais: que cada Nação ensinava à sua gente matérias diferentes. Deduzia-se daí que cada terra e em cada época ensinava aquilo que lhe parece ser necessário aos «vindouros», para bem se governarem na vida. C. Sar. 23.X.81

Assim: uns só ensinaram matérias abstractas e artes tais como Aritmética, Geometria, Astronomia e Música; outros ensinavam também regras de Moral (ou de Conduta: pessoal e social e religiosa), etc.

Na Cultura portuguesa são vários os campos mal conhecidos: como foi variando o elenco de cadeiras das escolas primárias? Como foi evoluindo o vestuário das pessoas? Como foi evoluindo o pensamento de solidariedade da Nação ou pensamento social? Como eram as casas que por cá se habitavam desde o ano 1000 até agora? Como evoluiu a preparação dos alimentos (cozinha)? Desde os anos 1850 começou-se, também por cá, a escavar tudo e em toda a parte: até as freguesias queriam saber quem foram e como o foram nas épocas passadas. Herculano deu-se a pôr tudo em causa na História de Portugal. Do mesmo passo, as cidades e

vilas. Depois, a febre pegou-se às aldeias — que também são gente para travar (e verificar as Histórias gerais, não raro demasiado simplificadoras e abstractivas da vida dos povos).

Em 1979, até uma pequena terra de Portalegre — Porto de Espada — teve publicada a sua História pela mão de uma curiosa filha da terra, que não tem mais que a 4.ª classe. E saiu obra de muito mérito e de muitas páginas. Agora, em 81, é a vez da Prof.ª D. Laurinda Araújo, poetisa bem conhecida dos leitores, dar à luz a história da sua terra — Freixo — com uma apêndice sobre Anais. C. Sar. 23.X.81-1979

Saiu aqui a notícia desta obra, mas se bem recordo, não houve ninguém que se debruçasse a analisá-la. Nem os de Freixo nem os de Anais nem os de Friasfelas, Sandiões, Ardegão, nem Calvelo nem Queijada e outras terras pontelienses de que também fala. Porquê este silêncio? Não creio que seja desinteresse ou sentimento de que uma Monografia já não interessa. Nem eu falaria se não fosse o tal silêncio e o ter-me chegado às mãos novo livro da Autora: O fim da Hospedagem, poesias, de que falei, se vier a jeito, para outra vez. Da de Freixo, só umas pinceladas.

1.ª) é de louvar o esforço da Autora para coligir os elementos de que dá notícia, a saber: história daquele famoso Castelo de Curutelo, do falecido D. Sapo (que o escritor de Esposende, M. Boaventura, romanizou há anos) e falado também

no Barcelos — Aquém (Dr. Teotónio da Fonseca — 1948); história da outra bem concorrida Romaria e Capela de S. Cristóvão bem como da igreja paroquial de Freixo e suas Confrarias (fora o que — a Autora não o diz — teve de vasculhar algo no Arquivo Paroquial, quase todos por estudar); história dos homens gradados de Freixo que fizeram a terra grandiosa que já é (para o que há em vários autores e se serviu da sua memória), etc.

2.ª) Ali têm as outras freguesias de Ponte exemplo rasgado para esteverem, também elas, a respectiva história — que muito ampliará o que de História, vem sendo investigado e publicado neste jornal. Mau será se este exemplo ficou sem continuadores.

3.ª) Ali terão os investigadores da história da Vila algumas achegas — para que não suceda como em Barcelos onde, até ao dito Dr. Teotónio, Barcelos só estudou o umbigo, a história da cidade em si, desprezando a das aldeias.

4.ª) Ali terão os filhos dos que saíram de Freixo, e lá por fora se radicaram, algumas linhas sobre o «cantinho» (Freixo e Anais) que foi berço de seus maiores — e isto serve também para manter a nossa Diáspora em contacto com a Mãe Pátria, Portugal.

(Continua na 2.ª página)

## A Monografia (história) de Freixo

Continuação da 1.ª página

5.ª) Ali tem Freixo e Anais um bom esboço (começo) do que há-de ser a história aprofundada das 2 terras (porque há muito mais a escavar: as terras eram alodiais ou só de prazos? que guerrilhas houve em Freixo e porquê? Como foi que Anais (concelho) serviu suas gentes? Que pessoas se sabe terem emigrado — quais os «brasileiros»? Que percentagem de alfabetização havia no século 18 por exemplo? Deu militares? Deu marinheiros? Deu gente para Barcelos ou Braga ou Ponte ou Viana? Quem, quando e como? Como é que estas povoações encaram — e resolveram, os grandes problemas humanos — riqueza — pobreza, letrados — incultos, populares — fidalgos, leigos — clero, comércio — produção e consumo, etc?

Nem para tudo isso haverá documentos directos; a maior parte só por dedução — e comparação — se poderá obter (por exemplo pela leitura dos testamentos que os de Freixo e Anais fizeram).

Seja como for, a obra da nossa Poetisa, como historiadora é valiosíssima e honra tanto a Autora como os de Freixo donde é natural. Por tudo, merece ser analisada, meditada e ser inspiração para outras freguesias. C. Sar. 23.X.81

Oxalá respondam à chamada.







# O EXECRÁVEL MARQUÊS DE POMBAL

Em O Barcelonense de 12/9/81 - nº 3632

Há aí nas livrarias uns voluminhos chamados Enciclopédia pela Imagem. Vi o volume dedicado ao dito Pombal, assinado por Carlos Babo. O desgraçado só conhece bibliografia—que cita e transcreve—até ao ano de 1882! Parcialíssimo. Olha se ele cita a *Historia de Gabriel Molagrida*, escrita em Paris em 1864 e traduzida pelo nosso Camilo em 1875! E o cita! Logo, Babo não merece crédito. Vejamos.

O Marquês era um sanguinário—como o mostram as imagens que descrevem a morte tanto dos Távoras como do duque de Aveiro e outros. Era um falsário que se valeu, premeditadamente, do testemunho, falso, de uns homens, por ele comprados, contra inocentes. Por exemplo, o Missionário, Malagrida.

Era italiano. Um santo que os brasileiros compararam aos grandes Xavier e Anchieta. Serviu Portugal, sobretudo no Maranhão—

POR

Dr. Francisco de Almeida

40 anos. A paga do Marquês foi enforcá-lo e queimá-lo, acusando-o de impostor. Querem maior impostura e fariseísmo num marquês? O rei, D. José, era um imbecil. Mesmo assim, as histórias portuguesas continuam, como o Babo, a vitoriar Pombal e a amesquinhar as vítimas dele. Falsárias como o Marquês. Por ideologia e política.

E teve colaboradores: o desgraçado do irmão, o Padre Saldanha, que elevou a presidente do Tribunal de Inquisição para poder condenar o Malagrida. Tanto assim que um valoroso Padre dominicano que disse

(Continua na quarta página)

# O EXECRÁVEL MARQUÊS DE POMBAL

(Continuação da página 1)

depois de ter queimado Malagrida, havia de ser publicado, para a posteridade, exactamente por Camilo (na História de Malagrida).

Babo não quis ler as obras citadas por Camilo, publicadas lá fora: não lhe convinham, como não convieram a Rebelo da Silva e outros que tais, historiadores da mentira. O Marquês era o máximo dos ditadores, tão bom como Hitler ou Estaline.

Mas os maçons de 1910 e seguintes deram o nome dele a ruas e praças e ergueram-lhe estátua. Assim se absolve e exalta e execra o assassino que Pombal foi.

5.º juiz era um padre, hidalgo, com o mesmo nome que o beato Nuno—Nuno Álvares Pereira—um amancebado que morreu impenitente, tal como impenitente faleceu o Marquês.

Mas esses 3 padres, comprados por Pombal, decretaram, em nome de Deus (pasmem!), que o Santo Malagrida era um impostor, milagreiro, um falsário, um herege, etc—sentença, de mais de 50 páginas, cheia de disparates, que até o impio Voltaire, pai de todos os burlescos do século 18 e seguintes, classificou de ridícula, absurda e horrorosa! Porque Voltaire, ao menos, não era estúpido.

Malagrida morreu em 1761 e Pombal, só anos depois—já com 83 anos. Mal sabia ele que o luto de Malagrida a sustentar (1756) que o horroroso terramoto de 1755 não era só obra dos males e sismos, mas também especial castigo de Deus—contra o que Pombal tinha falado antes —folheto que o Marquês só se lembrou de fazer queimar anos







# S. SALVADOR DO CAMPO NA LITERATURA

429

No *Jornal de Barcelos* de 27/8, o Dr. Paulo Figueiras, ilustrado magistrado do Ministério Público, escreveu um apontamento sobre a Casa de Crestes em

## PELO

Dr. Francisco de Almeida

S. Salvador. Isto porque passa o 5.º Centenário do poeta Sá de Miranda. E conclue dizendo: «*justifica-se uma homenagem a Crestes...*». A Capela de Santo António deve ser declarada monumento nacional. E no entrocamento do Alto do Tamel... a

V.M. 19/9/81

## S. Salvador do Campo na Literatura

(Continuação) — f) Duarcos e em Coimbra (fora a casa do Rei de que o Miranda era fidalgo, f) ora o pai do poeta não devia ser tão rico como isso — ou não o faziam cónego de Coimbra como fizeram, nem o poeta viria ao Mundo ilegítimo; g) mas se Crestes era Morgadio e o pai do poeta não tinha casa de família, como podia o poeta ter nascido em Crestes? Admito que o poeta passasse pela quinta de Crestes em S. Salvador — não havia de visitar os familiares legítimos que por lá passassem uma

vez ou outra pelo menos? Bem gostaria eu que Campo *provasse* ao menos que o poeta viveu dentro dos seus muros. Não o creio senão de passagem (era bastante). O certo é que uma Dona, chamada Brites e de apelido, Meneses (não já Sá nem Miranda) se disse, em 1600, dona de uma casa. Qual casa? A Capela de St.º António ou antes a Casa fidalga cujos moradores Rios Novais cita e que por 1823 andava nos Magalhães Barros, de Ponte e de Braga (e que até tinham searas em Galegos)? Diz Rios Novais, na pág. 59: «Na capela... St.º António... o nome da pessoa que

19.4.81

v. m. pag. 1)

a mandou construir... Dona Brites — 1600». Mas em 1600 já se venerava em Campo o Santo António? Rios Novais precipitou-se pensando que casa era «capela»?

Mas se Rios Novais não pode ver o que disse o abade de 1758 sobre Campo (Memória Paroquial a que alude na pág. 51), eu também ainda o não li. Se interessar, publica-a aqui.

E agora dir-me-ão os de Campo: então que «falou» o tal poeta? Ao que responderei: qualquer História da Literatura fala no dito Sá de Miranda.

Ora o Minho, em que ele viveu, zangado como Herculano fez 300 anos depois, tem-se estado nas tintas para este afamado escritor. Nesse aspecto e por esse esquecimento, o Minho tem sido estúpido. Hoje: a) é preciso a placa que o Dr. Paulo falou; b) é precisa a romagem; c) é preciso interessar Lisboa e Coimbra e Bastos e Amares e Vila Verde e Barcelos em que façam uma edição das obras do Sá. E tal que as populações as possam ler. Sem isso, batatas. E tratar disso cabe aos povos — que já se têm por maiores e vacinados.

Memórias Paroquiais (ano de 1758). V.M. 19/9/81

Vi as seguintes: Ab. Neiva — 47 páginas; Aborim — 2,5 páginas; Adães — 3 páginas; Aguiar — 2,5 páginas; Aldreu — 3,5 páginas; Alvelos — 5 pá-

Francisco de Almeida  
Quando calhe, descrevo-as, que agora quero ver o livro de Aires (Barcelense), ano de 1548, o Missal de 1504 (Ginzo) e os Cuidados da Morte, de outro barcelense, 1761 (ver Dr. Teotónio).

6.36







# Recortes e Comentários

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Num jornal de Barcelos, um colaborador e comentador político que desde há tempos não escreve, veio agora, dizendo-se instado por leitores, pôr a seguinte resposta: «o jornal tem muito de que tratar, quer orientando... quer moralizando, politizando e defendendo as gentes... tem um espaço muito reduzido para os seus colaboradores; não se devem ocupar com coisas tão mesquinhas».

Pretendem os colaboradores ser úteis aos leitores, sou também. Dai que enverede, hoje, por recortes.

Seja o 1.º para dizer do meu agrado pela foto do mosteiro pontelimese do Senhor do Socorro, que desconhecia. Mas também conheço mal o Alto Minho. Não seria «coisa mesquinha» o facto do C. Saraiva ir publicando, semana a semana, 1 foto de 1 monumento da região. Para que todos conheçam e não esqueçam o nosso valioso, embora herdado, Património Arquitectónico. Mesmo a URSS, de governo ateu, se esmera em conservar e divulgar os seus belíssimos edifícios; outrora mosteiros. Não é suspeita. C. Saraiva 7/8/81

Agora o 2.º: uma Revista, chamada Encontro, deu-se ao trabalho de meter no correio um inquérito aos assinantes. Traz os resultados no número de Janeiro/81. Aponta a iniciativa por me parecer curiosa como curiosas são as respostas: 10% são de licenciados (doutores), 26% de professores, 23% de gente com o Ciclo Preparatório, mas da 4.ª classe só 18%, do 7.º ano só 13%, do 11.º ano. De homens, 27%; de mulheres, 72% (elas são leitoras em 3 para 1, quase) e quiseram que a Revista, que saía mês sim, mês não, passasse a mensal, como passou, 64% dos respondentes quando 3% a queriam de 3 em 3 meses apenas. Gostos. 2% queriam-na com 32 páginas (saía com 64) e 83% com 64. Ficou com 50 páginas. E lêem-na deste modo: tudo — 59%, só os títulos e as fotos — 1%, quando os restantes só lêem em 1/3 do que ela publica — e todos nós sabemos que, por falta de tempo, nem todos lemos «todo» o C. Saraiva ou outro jornal. Apreciaram assim os artigos: sem interesse — 5% (porque assinam?), agradáveis — 47%, muito — 46%. Dos passatempos e anedotas disseram: sem interesse — 3%, devem manter-se — 60%, deve trazer mais (eu concordo porque a nossa gente precisa de escapes) — 36%. Do que mais gostam: 55% do doutrinal; 33%, dos «recortes»; 50%, das notícias sobre a África; 61% dos assuntos para jovens.

Como a sociedade dos leitores vai mudando sempre, que diríamos dos nossos jornais regionais? Era curioso saber-se. Nem é difícil.

cientista — serão 900 mil. Talvez dependa do que se entende por «deficiente». Se eu perder 1 dedo sou-o, mas para o trabalho pode, nalguns casos, nada significar. 7.8.81

O Papa e a Liberdade — João Paulo II publicou uma mensagem acerca da liberdade como fundamento da justiça. Se pedissemos aos leitores que dissessem a sua ideia de liberdade, quantas definições radicalmente diversas teríamos! Quer dizer: não nos entendemos nem sobre liberdade nem democracia nem justiça, nem muitos outros conceitos correntes. E somos livres — eu sinto que posso — de ter cada um as nossas «próprias» ideias. Mas nunca há erro nelas? É-se livre de sustentar como verdadeiro o que é erro? Que réqua usar ao distingui-los? Começa aí o problema.

7.º recorte: algumas mutações declaradas por um bispo na juventude cristã actual: há-os «que não são transparentes nem jovens»; há-os «que não praticam a sua fé e ficam tolhidos» diante das exigências dela — «ignorância ou respeito humano?»; há-os que «não ligam importância ao Domingo — preferem o desporto, a diversão, a indolência»; há-os que «não cultivam a sua fé» — desinteresse das aulas ou preguença ou qualidade delas; há-os que falam de amor livre como coisa natural, defendem a droga, acham normal o aborto, o divórcio; há-os que «gastam o tempo livre na ociosidade e passam indiferentes diante do sofrimento dos doentes, da humilhação dos pobres».

E páro que já recortei demais.

3.º recorte: um jornal de Famalicão levanta o problema dos preços cobrados pelos coveiros: 5000\$00 por cada cova, 2500, 1800 por especial favor, 3500, 3000, 2000 e o mínimo, 1500: ou pergunta o articulista: Quem nos acode? O certo, porém, é que se se exigissem 10 contos, nem assim os familiares ou os amigos se resolveriam a ir, eles, abrir a sepultura — por preconceitos. Não era, dantes, uma obra de «misericórdia», santa, abrir covas e enterrar quem morreu? Ou: os coveiros porque não passam a funcionários?

4.º recorte (mesmo jornal, que o tira da 1.ª revista): Na Etiópia vai uma seca enorme e daí terem morrido de fome, desde Abril/80 — 50 a 100 mil pessoas. São 2 milhões, nesse país, os ameaçados de morrer de fome! Quem dá pão? Mas o governo já é socialista há anos. Nem assim consegue resolver porque seca é seca e não se comem ideias nem doutrinas. Certo??

5.º recorte: custa-me acreditar que 1 de cada 10 portugueses seja defi-



44.2

15

— A única palavra que cala  
 A sua fome ou sede mais que humana  
 Viver aqui a vida toda inteira  
 Onde o espírito o corpo  
 E ao espírito o corpo se lhe irmana  
 Na fonte verdadeira  
 Morrer aqui nesta mansão do céu  
 Onde tudo acaba e principia  
 Poeta não sei que vos, luz peregrina  
 A nossa fonte já reflecte a dia!

Para o livro em publicação:  
 Terna Promessa!  
 António Porto-Álém  
 «Casa da Bertiandos» - Junho 1981  
 No Convento dos Terceiros

## Solar de Bertiandos

Vem esta jornal, semana a semana, a publicar um trabalho exaustivo do nosso distinto colaborador, Sr. Albano Sordo, sobre o velho Solar de Bertiandos. Este trabalho vem trazer ao conhecimento dos nossos muito prezados leitores a velha história dos seus antepassados, na qual estão integrados os actuais proprietários, senhor D. Sebastião de Lancastre.

Deste vasto lustre urguente recebemos uma carta que com o devido respeito transcrevemos:

21 de Julho de 1981

Exma. Senhora

D. Maria Carmem Dpma. Soares Guimarães

Dgma. Directora do «Cardel Sanxvas Ponte de Lima»

Minha Senhora

Com a sua tradicional magnanimidade, tem V. Exa. certamente a honra de me reservar o espaço para umas poucas linhas no vosso «Semana».

É que como costumeiramente des- e, me tenho dedicado a história do Solar de Bertiandos com o intuito de me revelar o espaço para umas poucas linhas no vosso «Semana».

É que como costumeiramente des- e, me tenho dedicado a história do Solar de Bertiandos com o intuito de me revelar o espaço para umas poucas linhas no vosso «Semana».

Cardel Sanxvas envia nos seus artigos, aqui mencionados os mais antigos estudos

meios. Casa que a todos abraça fraternalmente em hospitalidade franca, simples e sem alardes.

É meu dever, já, e antes mesmo do fim da história que vem relatar, na semana do vosso «Semana», «Semana» veementemente ao Dgma. Historiador Exmo. Senhor Albano Sordo a qual me vosso — tão pre-iosa que ele completa alguns du-los dos seus apontamentos — a- dire a Casa e a família. É penho- do, sensibilizado, agradecer mais a referência amável que me dedica.

Para finalizar, desejo afirmar que a conservação deste Património, que é de todos, muito se deve ao grilaurico Povo de Bertiandos, on- de graças a Deus tenho grandes amigos — mãos de armas — daque- las armas que são a dedicação e generosidade sempre prontas a in-tervir — (que de geração em ge-ração contribui para a sua grande-za e a um novo trajecto re- centemente, cujo delictuza de alma e sensibilidade cristica se enco- ntram na sua modestia.

Apenas me permito finalmente, a distinto Historador me descul- ara, pois talvez haja qualquer ra- do, pois que a Freguesia é de Salvação de Bertiandos e não de Feio.

Com os meus respeitosos cum- pimentos e muito grato, creio-me V. sa.

Atenciosamente

Sebastião Calheiros de Lancastre

## Pela Imprensa

«Notícias dos Arcos»

Publicou ultimamente um número especial, este, dedicado às cinco décadas de vida de um tráfego tra- balho, em defesa das mais elemen- pres carências de todo o concelho de Arcos de Valdevez.

Cinquenta anos de vida, sem in- terrupção jornalística à já hoje, uma história consumada, mas ela é, sem



*população*

Viáticos; 3.º grupo: Bastuço (70 a 80); 4.º grupo (60 a 69): Parelhais, Quintiães e Roriz; 5.º grupo (50 a 59): Ab. Neiva, Alheira, Carampeços, Durrães, Ucha, Chorentes e Rio Covo (S. Eulália); 6.º grupo (40 a 49): Campo, Creixomil, Galegos, Lijó, Adães, e Alvelos; 7.º grupo (30 a 39): Aborim, Arcozeiro e outras 16; 8.º grupo (20 a 29): Alvito, Lama, e outras 10; 9.º e último grupo (10 a 19 moradores): Alvito, Couto, Galegos S.

M.), Mariz Panque Quirás, V. do Monte, Barqueiros, Sequiade. Várze.

Não espanta que V. Prescinha tivesse 102 porque era dormitório dos que iam trabalhar dentro dos muros de Barcelos. Mas como é que Vila Cova conseguia alimentar 102 fogos? Porque lá, em 1527, tantos moradores? Senão vejamos para o ano de 1930: em Barcelos, apenas 4.062 habitantes, menos ainda que no século 19 em que chegou a ter 4185. Ora no século

102 fogos? Porque lá, em 1527, tantos moradores? Senão vejamos para o ano de 1930: em Barcelos, apenas 4.062 habitantes, menos ainda que no século 19 em que chegou a ter 4185. Ora no século

população

para o dobro (948), Carapeços pa-  
ra 875 (triplo) e Alheira para  
909 (triplo).

Vimos atrás V. Cova nº 1 grupo em 1527. Mas ordenando novamente as populações de 1930, temos só 7 freguesias com mais de 1000 habitantes (Barcelinhos, Barqueiros, Viatodos, Arcozelo, Fra-

19, V. Frescainha tinha 38 habitantes e V. Cova, 1.071 e em 1930, 1.<sup>a</sup> ia em 753 e a 2.<sup>a</sup> em 1.388 (Banho incluído). Quer dizer: 102 fogos, a 5 pessoas cada, 510 habitantes. Logo, os do dormitório de Barcelos fugiram dela em grandíssimo número para descerem em 300 anos de 510 para 384 habitantes quando Vila Cava, nesses 300 anos, passou ao dobro da sua gente

Parece que se aguentaram melhor as freguesias mais serranejas (sem ser serranas). Vejamos: Ab. Neiva tinha  $53 \times 5$  moradores em 1527 — dá 265 habitantes quando Arcozelo só tinha  $30 \times 5$ . Mas nesse ano, tinha Cossourado  $91 \times 5$  ou 455 habitantes, Carapeços — 275, Alheira —  $57 \times 5$ , Roriz —  $68 \times 5$  e Airó,  $37 \times 5$  ou 185 habitantes. Ora Ab. Neiva passou em 1930 a 823 habitantes (mais que o triplo de 1527), Ar-

(Segue na 4.ª página)

**população**  
goso, Roriz e Vila Cova), 16 freguesias com 750 e 1000, 19 freguesias com 500 a 750, 27 freguesias com 250 a 500 habitantes e as restantes com menos de 250 habitantes — e são muitas.

Como se pode ver do desenho das muralhas da antiga Vila, a Barcelos de 1527, era só um montinho de casas ali à volta do Palácio.

cidade? Ninguém s... Tanto que  
Vila Frescainha (S. Martinho), foi  
em 1930 a única freguesia em que  
as mulheres eram 378 contra 375  
homens — ao contrário de todas as  
restantes freguesias (Ab. Neiva  
381 contra 442, Galegos 367 con-  
tra 469, etc. — quer dizer mais 12  
por cento de mulheres, em média,  
por todo o lado.

O caso das 378 contra 375 só  
pode explicar-se pelo que há anos  
se vem dando em Galegos: as ra-  
parigas não saem, mas são muitos  
os rapazes de fora que vão lá ca-  
sar e na terra delas ficam (emigra-  
ção interna). E porquê? Porque  
em Galegos não falta trabalho,  
com o que as moças são ricas, ves-  
tem bem e atraem às suas malhas  
os passaros casadoiros.

Barcelos, pelos vistos (o enorme

Para onde — até onde — irá a cidade? Em ri-  
gor, a igreja de Arcozelo é uma  
cidade? E hoje a cidade? E mais  
também os castelos (arranha-  
-cêus).  
A cidade é mais larga que isso —  
salto dos muros, quebrando-os.  
Agora não cabe sequer nela e var-  
re Vila Boa, Arcozelo, Barcelinhos,  
Freixo da Beira e até Ab. Naveira. Dai  
para onde — até onde — irá a  
cidade?

estudos de previsão dos mo-  
tos da população — que por  
aspectos fica presa, mas por  
s se desata dos locais onde  
vivem.

antes vivem.

O drama está em que muitas das casas que hoje se fazem não sejam precisas daqui a 20 anos por. a população se ter entretanto deslocado para outros lados. São pre-

cidade? Ninguém s... Tanto que  
Vila Frescainha (S. Martinho), foi  
em 1930 a única freguesia em que  
as mulheres eram 378 contra 375  
homens — ao contrário de todas as  
restantes freguesias (Ab. Neiva  
381 contra 442, Galegos 367 con-  
tra 469, etc. — quer dizer mais 12  
por cento de mulheres, em média,  
por todo o lado.

O caso das 378 contra 375 só  
pode explicar-se pelo que há anos  
se vem dando em Galegos: as ra-  
parigas não saem, mas são muitos  
os rapazes de fora que vão lá ca-  
sar e na terra delas ficam (emigra-  
ção interna). E porquê? Porque  
em Galegos não falta trabalho,  
com o que as moças são ricas, ves-  
tem bem e atraem às suas malhas  
os passaros casadoiros.

Barcelos, pelos vistos (o enorme

Para onde — até onde — irá a cidade? Em ri-  
gor, a igreja de Arcozelo é uma  
cidade? E hoje a cidade? E mais  
também os castelos (arranha-  
-cêus).  
A cidade é mais larga que isso —  
salto dos muros, quebrando-os.  
Agora não cabe sequer nela e var-  
re Vila Boa, Arcozelo, Barcelinhos,  
Freixo da Beira e até Ab. Naveira. Dai  
para onde — até onde — irá a  
cidade?







(Continued)

pelo Dr. Francisco de Almeida

III

IV

VII

V

39



# COISAS DE LONGE E DE PERTO

813

Há tanto tempo que aqui não escrevo que até não sei como o ilustre Director de A Voz do Minho ainda tem paciência para me reneter cada semana, o seu jornal. Aqui vão os meus respetos pelas suas atenções comigo. A verdade é que não finda tido nem tempo nem vontade nem saúde para escrever em jornais, neste ou em qualquer dos outros em que colaborava. Adiante.

In A Voz do Minho I 2315/93 (p. 44 pag.)

Vem a propósito saudar o meu ilustre amigo, e nosso conterrâneo, de Santa Eulália de Oliveira, o Padre Dr. Adílio, novo colaborador do Pároco maior de Barcelos. Na Páscoa passei em Galegos, mas não me foi possível contactá-lo. Como todo o barcelense de gema, felicito-o, felicito o Dom Prior, Alberto, e desejo ao P. Adílio o mais fecundo apostolado sacerdotal, a bem deste nosso povo que vive e canta e chora no rincão barcelense.

Viram os leitores quanta dedicação e estima foi há dias tributada aos nossos Capuchinhos, entre os quais o operoso Frei António. Estive na igreja deles (de Santo António) na Quinta-Feira Santa, que me levou uma das preciosas manas que tenho. Pois nem por sombras quero ser o último a dar graças a Deus por Barcelos ter em si os Capuchinhos. Prouvera a Deus e a eles que mais mosteiros se plantassem na nossa região, sendo certo embora que já temos os operosos homens de S. João de Deus e as consagradas, ou a consagrar, Franciscanas Missionárias de Maria (as freirinhas de Arcozelo).

Penso que qualquer dos mosteiros deve abrir mais as portas à população para que os filhos e filhas desta gente os possam e as possam conhecer melhor. Por que, como dizia o antigo: Nemo diligit quod ignoscit.

A propósito vos direi que o Autor de um chamado Manual de Ascética e Mística, em França, sustenta que há pelas aldeias diversos «eles» e «elas» aos quais Deus encaminha por especiais caminhos da santidade. Se assim é não sei, mas o certo é que ainda agora, em Galegos, ouvi de uma moça jovem e casada, nada menos do que isto: — eu gosto de estar na Igreja; rezo, falo com o Senhor, peço-lhe coisas e Ele dá-me tudo quanto peço; é muito meu amigo!

Como não acredito que esta mulher me mentisse, pergunto-vos se (essa mulher) não anda Deus com ela nas palmas das mãos! Mesmo quando sofre, o sofrer dela é diferente.

Concluo: os Capuchinhos, as Madres de Arcozelo, os de S. João de Deus deviam abrir um curso em que os interessados pudessem na prática, aprender melhores noções de Ascética e Mística.

II

Agora esta: o rapaz tinha 9 ou 10 anos e a 3.ª classe feita. Ia a sair do Campo da Feira, de Barcelos no meio do pai e da mãe. Vêm de lá disparados 2 jovens

(Continua na pág. 4)

# COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da 1.ª pág.)

capuchinhos que se acercam <sup>de</sup> três e um dispara: — queres vir para o nosso Seminário? E logo o rapaz: — Não! A mãe tentou adotar a resposta (como as mulheres são atiladas!) e disse: — Sabem, ele só tem a 3.ª classe. Disseram eles: — Não faz mal, faz a 4.ª conosco. Mas o rapaz não vergou — detestava o hábito dos franciscanos.

Diz-me o sujeito que hoje pensando no episódio, aconselharia o seguinte: não façam como ele que foi demasiado lesto, mas imprudente na resposta, ao dizer não. Nem façam os pais como os pais dele que lhe não travaram os impetos. Deviam ter corrigido assim: — não digas o não já porque tens de ver o caso melhor, prós e contras, os conformes. E aos capuchinhos: — nós vamos para casa, pensaremos no caso e dentro de alguns dias havemos de dar uma resposta.

Isto se diz aqui porque não é raro depender toda a vida de um homem, ou mulher, de um pequeno nada que nos surgiu atravessado no caminho. Ou, como me dizia outra: — o destino não quis!

In A Voz do Minho 2315/93 III

Uma das minhas raras saídas foi para visitar Curvos e as estufas do Delfim Lourenço, que me levou o pai, João. E de caminho, passamos pela Ermida, em Perelhal, a que o João pertence e o Delfim, também. Era uma casa linda e cheia: de familiares e bolos das festas. Ao que disseram, a produção das estufas rumo a Lisboa, para o grande Supermercado, na linha de Sintra, que dá pelo nome de O Continente. Na casa dos Ernidas, a quem apresento o meus pésames pelo familiar que Deus lhes levou, pude ver uma armadura de chaminé que nada fica a dever à do Paço Ducal em Vila Viçosa. E os grandes quartos aparelhados, até de embutidos e salas e corredor fronteiro ao sol e a mesa grandes refeições familiares. E na outra ponta, a centena de vacas de leite e os «espreitadores» bezerinhos. E a quinta grande deitada ao lado as águas do Cávado.

Estas nossas gentes têm raízes e tronco e ramos, tudo bem fundado. Pena é que a Junta e a Câmara não possam cuidar de melhorar o caminho da Ermida.

E já agora, procurem e digam-me: Ermida, porquê este nome?

Vila Cova está uma jovem airosa e Curvos não ficará atrás. Parabéns às laboriosas gentes deste lado.

Francisco de Almeida



# Para a História Barcelense

(Vem da 1.ª pág.)

no Tombo nem se refere a capela de S. João; em 1518, que não só em 1536 (ver Dr. Teotónio — Lama) já Quirás era de Galegos «In Perpetuum Anexa»; Galegos e Quirás eram Padroado dos de Azevedo desde tempo «Imemorial» (Bula de 1820 Pio VII, Fernandes Tomás, etc); de 1542 há em Galegos sentença a favor do Cabido e contra 9 proprietários, alguns de Roriz — votos de Santiago desde tempos «imemorais»: pagava, 1 alqueire quem lavrasse com bois (digamos, os ricos).

## Outros documentos descritores de terras:

1 — Legado do Abade Azevedo (por 1500 e tal): chamam-lhe também «capela», talvez os que em 1600 e pouco aparecem com uma obrigação de 16 missas por ano; comprou-o não se sabe a quem e ao vendedor tinham os bens sido doados por um João de Sousa e mulher (talvez de Prado), eram alodiais e o arrendatário pagava por ano, por eles, 32 medidas e 2 galinhas, eram sitios em Roriz — ali pela Leiroinha menos uma das parcelas que ficava «junto à Cangosta que vai para Santo Amaro». Já o havia (v. m/ Galegos, 13).

2 — Cadernos avulsos, dos anos 1700: sobre o Casal do Pó (Roriz — 19 prédios), terras de Adães, do Padre Miranda (Roriz), da Casa da Silva, de S.ta Maria de Abade, morgado do Bárrio (Roriz), Padre Manuel José Velho, de Medela, Coreiros da Sé, Abade Matias Pais, «que foi abade de Parada» (de Gatim) (v. Monografia de Parada, de Sousa Araújo), casal que foi do Padre Dr. Bento Lopes Pedrosa (cuido que de Roriz), medidas do Adro de Galegos (duas épocas) (estes já referem uma «casa... defronte do patim» — que é o da residência paroquial), a casa térrea onde iam morar os padres — curas (coadjutores) — «quem vai para Sam Joam», casal (terras) de Apolinário Martins e nora Ana da Silva (a poente da Igreja de Galegos) — e é uma a referir o «forno de cozer louça» a par do casal de Manuel Domingues (da Igreja) com «forno de cozer louça», Horta da desgraçada Teresa Domingues (m/ Galegos, 21, n.º 10).

3 — Escritura de 1601: Maria Lopes, foreira rica, vive em Braga e dota a sobrinha Maria Brandoa com o fora que lhe fez o Abade de Galegos, Miguel de Azevedo (em 1574) — e houve dois (ver O Barcelense de 1.4.78), Processo Judicial (correu em Barcelos) de 1820 — disputa sobre o casal de Novais (tem certidão extraída do Tombo) de uma Vedoria (vistoria, avaliação) do ano 1690 — Abade Manuel de Azevedo (v. m/ Galegos) para aforar aos comerciantes de Braga Francisco Ferreira Camelo e Mulher, Urcela — que não sei mais quem fossem. Anoto que até os Biscainhos, de Braga, foram foreiros da Igreja de Galegos.

E vejam a que dispersão nos levou andar à cata do que foi e tem sido a História do nosso São João... É que a vida não tem compartimentos estanques: tudo se mistura — social, económico, moral, político, religioso, nessa unidade que é o homem.

Francisco de Almeida







# Para a História Barcelense

Em torno da capela e confraria de S. João, pus-me a ver os documentos e dou agora notícia do tema que segue:

N.º 8 — O sistema de medir as terras em 1518

Capaz na altura de 1518, foi depois alterado por insuficiente.

No Tombo, um campo que ainda hoje se chama O Lodeiro (só há uns 50 anos o caminho ao lado deixou de ser lama e lodo) foi descrito com esta singeleza pelo Notário Apostólico que lá foi: «Item, o campo do Lodeiro que jaz a cabo da vinha, que está todo serrado sobre si, que leva de sementeira cinco alqueires e este campo é de fora de Assento e traz Pero de Freitas emprazado».

Analisando: emprazado é a situação jurídica e não descritiva; não pertencer ao Passal em si é demarcação de Direito que não territorial; que semente comporta dá a ideia de que pode dar de frutos — e não é demarcação. Donde resta só como demarcação o seguinte: fica ao fundo da vinha. Como não diz onde era a vinha... embora saibamos por outro item que ela era do passal, quantos almudes dava e que se cultivava com x «homens de cava» (a cavá-la). Mas ao descrever, anotam quase sempre o meio que separa o campo dos vizinhos: se com muro a toda a volta (e ainda o tem hoje), se por marcos (que às vezes deu curiosas histórias de furtos mediante a mudança dos sítios deles). De Manhente conta-se mais que uma.

Problemas como nós pomos hoje — que comprimento, que largura — ou seja que área — parece que lhes não interessava. Ou deduziam isso do número de sementes precisas para o cultivar — o que é vago porque há o «raro» e o «basto».

Isso aparece mudado 100 anos depois. Por exemplo, o campo Talho de Baixo, item, parcela, do chamado Casal da Portela: «Item, o Talho de Baixo, terra lavradia e boa que medido de Nascente a Poente — pela parte do Norte inté topar em terras de Luís Pimenta de Guimães — tem de comprido 97 varas e daqui, medida em volta pela parte do Poente tem 53 varas, e pela parte do Sul, de Nascente a Poente tem de comprido 121,5 varas e medido pelo Nascente tem de largo 42 varas; parte do Norte com Manuel Maciel, do S. com terras da mesma Igreja, do P. com terras de Luís Pimenta e João da Silva Marnoto e Manuel de Macedo e do Nascente com terras do Porto e terras da mesma Igreja; possui este campo Leonardo..., de Roriz».

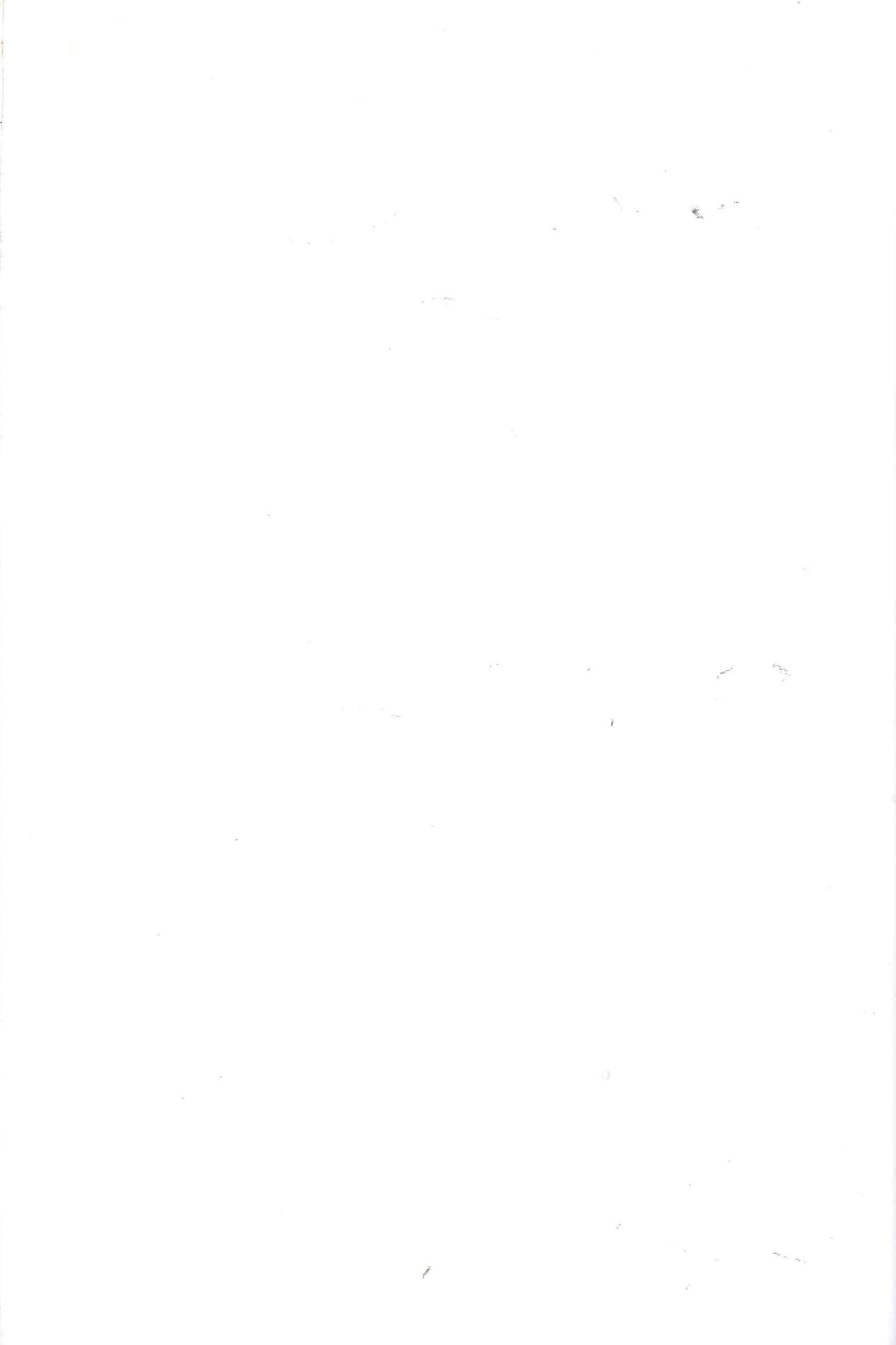
Já não fala nas sementes — e não eram o milho de agora, não diz como se separa dos vizinhos (e já era de certo murado como hoje). Mas diz os consortes: Maciel, Igreja, Guimarães, Marnoto e Macedo e x a viver no Porto (era o Marnoto). Ora é descrição errada porque a Sul confronta com caminho e a Nascente, também (isto para os nossos hábitos de descrever).

Algumas notas: o Tombo está em Braga, Arquivo, Caixa 243, n.º 5, desde 1576 ou 96 — até aí andou perdido; dele há certidão inteira, de 1786, em Galegos — e esta já se lê;

26/40

(Segue na 4.ª pág.)







# Em honra de São João

## Como se matou uma Confraria

ml 59 35

Nº 16

Trato hoje o n.º 16 de uns Apontamentos sobre a Capela e Confraria do Baptista em Galegos, capela que virá dos anos 1400 e Confraria que tinha Estatutos usuais nem sei desde quando e escritos, desde 1781. É de 1938 a última Acta no livro desta confraria. E reza assim (que o texto conste para o devido louvor ou vergonha dos autores dele):

### Acta de 1938

03.02.19/6/82

«Acta de Posse (vou resumir): «Aos 24/8/38 na forma determinada no Estatuto... reuniram-se ...João Cândido Abreu, Anselmo da Costa Vasconcelos e Domingos Gonçalves Salgueiro a fim de... assumir a gerência da mesma Confraria até final liquidação,

visto ter-se resolvido a sua fusão com a... do Santíssimo... para o que resolvem levantar o depósito n.º 1931... e aplicá-lo em reparos na respectiva capela que ameaça ruína. E para constar... O Juiz—Abreu. O Tesoureiro--não assinou. O Secretário—Salgueiro».

**Questões:** a) assumiram porque, em vez de convocar eleições? —b) os Estatutos não previam nada do que fizeram; —c) era abade o P.º Moutinho, se não erro; —d) se faltava dinheiro, porque não fizeram «pedida»?; —e) não me consta que houvesse fusão alguma com a tal do SS.º; —f) porque é que logo o homem dos dinheiros—tesoureiro—não assinou? —g) como é que os Estatu-

(Continua na página 4)

## COMO SE MATOU UMA CONFRARIA

É fácil deixar cair assim uma obra de muitos séculos.

NOTA: Em 1976, as Selecções Reader's Digest publicaram o maravilhoso trabalho Tesouros Artísticos de Portugal, que traz relatos de 46 das nossas freguesias: Ab. N., Bal. Co. F., Galegos, Lama, Manh., P.º, Q., R. C., S.º, T., V. S., etc.. Diz de Galegos: que a capela de S. João é do século actual Os de 1938 só falam em «reparos». Logo, há erro no que diz a Reader's.

Mais ainda: já investiu dinheiro em novo arranjo dela o António Vale, hoje presidente da Junta. E já não teve depósito para levantar... Mataram, os de 38, a galinha e logo, os ovos todos.

Não vejo que possa elogiá-los nem ao abade do tempo. Bem ao contrário. Mas não posuo os dados todos. 03.02.19/6/82

Senhores: não façam nunca como os de 38 em Galegos! Conserve os vossos monumentos e Confrarias, em honra de S. João ou outros quaisquer.

Francisco de Almeida

## COMO SE MATOU

(Continuação da página 1)

tos de 781 exigiam 5 membros e só se fala aqui em 3 a gerir?—h) porque é que ocultaram os motivos daquele «ter-se resolvido»? O Povo soube disso? Qual era a quantia em depósito?







## Em torno de umas Bodas de Ouro 437

No dia 1 de Outubro, completam-se 50 anos sobre o dia em que António e Teresa casaram. Este prazo ou contagem de tempo leva-nos a desfibrar alguns aspectos dessa festa de sociedade.

Vi, à falta de melhor, o dicionário de Torrinha que só fala em Boda. Não de bodas, sejam de diamante, prata ou ouro.

Para Torrinha, Boda vem de bodo e é só a festa do dia em que A e B se casam.

Bodo «distribuição de alimentos e dinheiro aos pobres em dia festivo» é coisa que desapareceu dos usos sociais porque já não há pobres que aceitam o bodo.

Pergunto então: — 1) donde nos vem o uso do termo bodas a significar tantos ou tantos anos de matrimónio? 2) que estudos já há sobre estas Memórias de casar, que se fazem aos 25, 50 e 75 anos de vida do casal? 3) que alcance, significado e valores estão inseridos na festa de bodas de ouro, por exemplo?

Já uma vez reflecti sobre esta festa ou comemoração. Abordemos pela lado da Estatística. E temos: Na Africa ou na India, não há celibato de mulheres, ao contrário da

Irlanda onde, há poucos anos, ficavam solteiras 27 por cento delas. Logo, na nossa região, são vários aqueles a quem não é dado recordar, com bodas de ouro, o dia em que casassem: uns porque nem casaram; outros porque a vida correu mal e não têm vontade de festejar o dia em que casaram. Em resumo: em cada concelho poder-se-ão contar pelos dedos os casais que, em cada ano, perfazem o tempo para bodas de ouro. Mas os que fazem a festa atingiram os seguintes valores: a) idade superior à da reforma pelas Caixas — 65 anos; b) nenhum dos cônjuges teve a desdita de ficar viúvo; c) têm filhos criados e colocados nas estradas da vida — lançados; d) ampararam-se um ao outro (na carroça uma roda, só, não anda); e) resistiram às zangas, às rixas, ao desgaste e não se divorciaram, que era do pior que podiam ter feito.

Dito isto, e para não dizer tudo hoje, sou do seguinte parecer quanto a bodas de ouro e semelhantes: 1) os filhos, os parentes, os vizinhos e os párocos e as juntas devem estimular tais bodas; 2) a todos os noivos se deve fazer votos por que se vão desde logo preparando para chegarem às bo-

das de ouro; 3) todos quantos tenham assistido a um casamento devem, sendo vivos, ser chamados a assistir também, às bodas de ouro; 4) precisamos de análises e estatísticas sobre esta festa social porque o valor dela está a subir de cotação cada vez mais; 5) nem é de esquecer os usos, a este respeito, por esse mundo fora, mesmo terras de missão. Na Rússia, no Japão, na India, no Irão, na Suécia, em Marrocos, no Brasil e outros povos, também se fazem bodas de ouro? Como as fazem e que valores lhe dão?

Acho que a Imprensa Regional é a única a quem compete acarinhlar esta pérola social. Louvores ao António e Teresa.

FRANCISCO ALMEIDA

R. Fam. 1.X.82

R. 6/57







# ANOTAÇÕES PARA Os Passos em Barcelos

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

402

V. M. S. 2. 83

Noticiam os jornais barcelenses que no corrente ano — 1983 — os nossos homens querem que, outra vez, haja Passos. Daqui lhes tributo as minhas felicitações. E por motivos diversos, que não quero agora enumerar.

Passos, passadas, caminhada Daquele Homem de que há pouco se festejou o Natal. Digo Homem porque só quero anotar, hoje, quem era esse cujas passadas os barcelenses irão ver nos fins de Fevereiro. Quero dizer: a personalidade, a fisionomia, os Caracteres desse Jesus. E dito isto, queiram acompanhar-me.

## I — AS IMAGENS DO CRISTO

B. N. P. ex

Dispensso-me de as lembrar: umas mostram Cristo como o ovelheiro (pastor) com o «carneirinho» ao pescoço. E outras... E outras... Agora, Passos, como a da minha Galegos, em que o Cristo é retratado assim: corpo de homem passante dos 20 anos, bastante alto, de barbas e bigode, cabelo comprido e alourado, mãos retesadas apertando uma das pontas de uma cruz preta, em madeira, que transporta ao ombro (não sei se direito, se esquerdo), cara magra, ensanguentada, olhos encovados, aspecto de muito sofrer.

Segundo a minha imagem, o Cristo era um homem bem proporcionado e «bem parecido». *Valia a pena* que, por esta época, se fizesse uma recolha de quantas são, nas terras barcelenses, as imagens deste Homem dos Passos e como O retratam. Deixo a sugestão aos nossos homens de Letras, ou aos historiadores, ou aos pintores ou aos escultores ou aos mais capazes de fazer isso. Que os há, muitos. E a obra ia interessar a 100 mil conterrâneos, senão ao País inteiro.

Imagens são imagens. Quanto ao nosso Cristo, elas nem são fotos nem retratos. Como era, então, esses Jesus que nem eu nem os leitores nunca vimos? Porque nem de meus avós (homens) eu tenho sequer uma foto ou um retrato. O Cristo era homem. Logo, ensina-me um qualquer livro de Ciências ou de Anatomia: não é um mito, mas todo como os homens de agora, cujo corpo se pode distinguir entre Cabeça, Tronco e Membros.

## II — O CRISTO REAL

Anoto só: não era de estirpe do homem ibérico nem do tipo do inglês nem do alemão (ariano) nem do tipo russo nem como o chinês ou preto como os africanos ou parecido sequer com os esquimós ou os falados índios. O Cristo era mais parecido, decerto, quer com os árabes quer com os judeus de hoje. Consta por tradição que era um belo rapaz, direi, mesmo: um mocetão. Nem é de estranhar, tanto Deus andou com o olho nele.

## III — OS CARACTERES (carácter, modo de ser)

Há aí um livro que se chama *Como Observar As Pessoas*. Tinha de ser feito por um americano como de facto o é. Ora se há sujeitos

(Continua na pág. 4)

2 6/45







# Anotações para OS PASSOS EM BARCELOS

(Continuação da página 1)

para lerem as pessoas por dentro, outras há que, nesse capítulo, são como cegos: não vêem nada.

Prefiro os primeiros, mas não me reconheço dos melhores entre eles. É uma falta de educação da juventude que se não ensine a arte (ou técnica?) de Observar as pessoas. Será por isso que do Minho não saem tantos diplomados como devia sair.

Corrijam isso e anotem quanto seguem.

## DAS PAIXÕES

Vejo que são os escritores sobre a chamada Ascética quem mais fala dos Caracteres. Para tanto, diz-me um que todo o homem (e mulher — logo, também o Cristo dos Passos) têm os seguintes impulsos (tendências, paixões):

- 1) Amor — leva a estar com outrem; 2) ódio — repele;
- 3) desejo (quer o que não tem); 4) aversão; 5) alegria; 6) tristeza;
- 7) audácia (atira-se); 8) temor (medo); 9) esperança; 10) desespero (desesperança); 11) cólera (ira, fúria).

São onze. Todos nascemos com isso, de carga maior ou menor. Sabido é que isto se liga com aquilo a que chamam os sociólogos — e a sociedade — *Virtudes*, que são o amor nem demais nem de menos, tão arrojado que não seja temerário etc. E esse governo, sem desvios, daquilo que as nossas paixões são, do cavalo (corpo) pelo cavaleiro (cabeça), de nós mesmos, é que faz o homem ser um santo ou um malfetor.

## AS ESCOLAS

Mas não é exacto que as nossas gentes são, cada dia, mais desgovernadas? Mais criminosos? Mais corrompidas? Mais Imorais ou in-virtuosas ou carregadas de vícios? Por exemplo: criam hábitos de nunca dar cavaco a Deus nem ao Cristo (são irreligiosos); e de só não pilhar o alheio se não puderem (adeus àquele o seu a seu dono) — e chamam, às hipócritas, por Justiça! E por aí fora, sem que governantes alguns atalhem isso e cuidem da Moral Pública.

Adiante.

## A CATEQUESE

Esta vem sendo cada vez mais rara. E era lá que — e só — era ensinada às gentes: não Matarás, não serás adúltero, não dirás calúnias, respeitarás a Deus mais que tudo no Mundo.

E também: o baptismo dá-te fé e esperança e amor a Deus.

E depois, os maiores pecados: ser orgulhoso (soberbo), ser avarento, ser preguiçoso. E outros.

Quantos, neste 83 já há que nunca ouviram nada do Catecismo, resumido, que mandou o Papa do ano 1910? E ides queixar-vos depois de haver mulheres violadas, crianças «matadas» dentro ou fora da «barriga» da mãe, de vos roubarem a casa ou o carro ou mulher ou raptarem o filho?

São estúpidos esses queixinhas porque não apagaram o lume e querem que ele, aceso, não queime!

Quem manda? — Nós. Quem cumpre? — Eanes.

## IV

Já me perco nestes dizeres, pelo que passo a resumir quanto ao Homem dos Passos (que sofreu só na parte de Sua Pessoa em que homem era — ensinava o tal Catecismo):

### CARACTERES DO CRISTO

— a) não foi um enganador — mas mais veraz (verdadeiro) como nunca outro o foi;

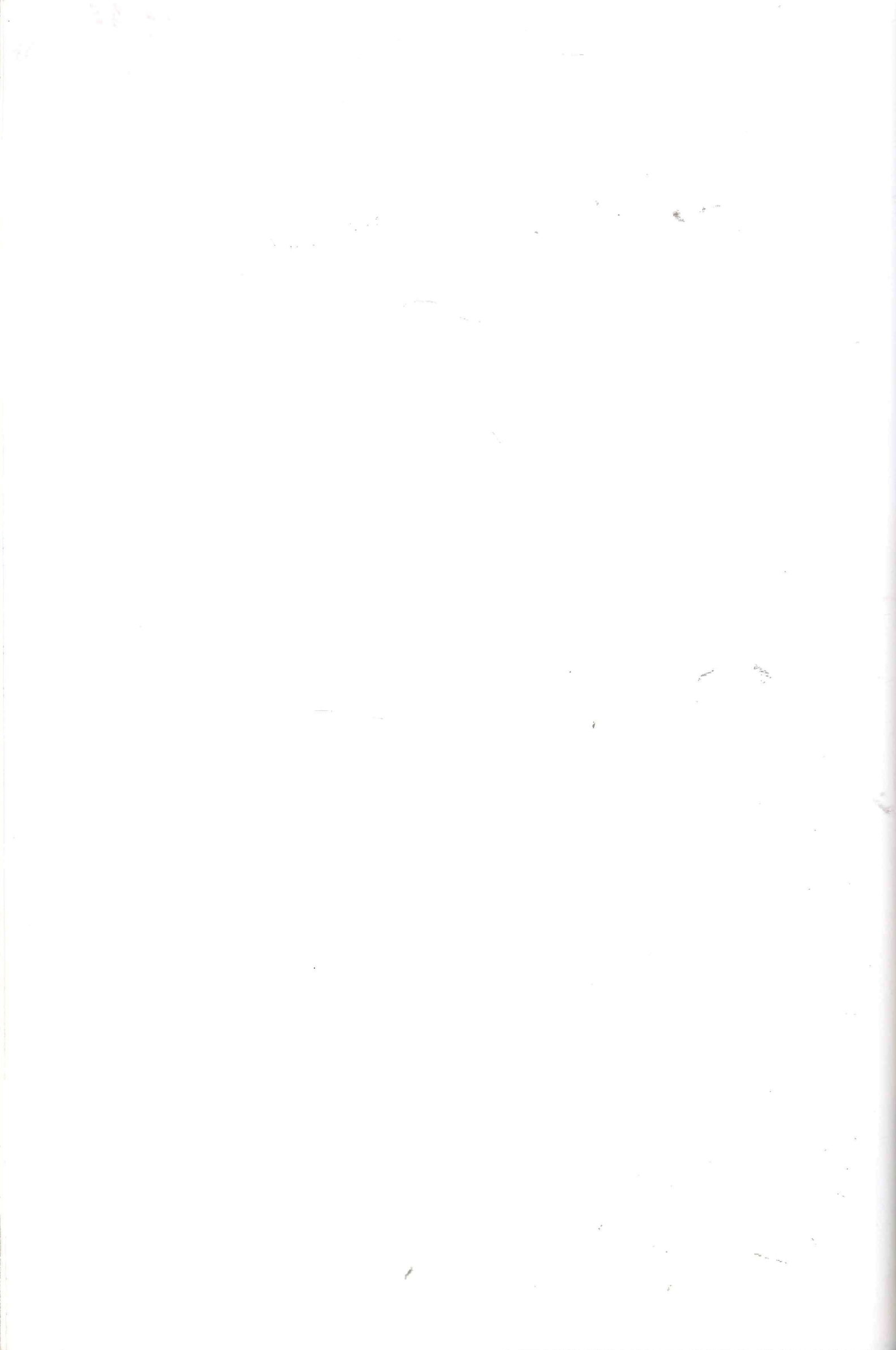
— b) não foi um iludido (ingénuo, bem intencionadinho);  
c) não foi um mágico ao serviço do diabo como disseram os perversos judeus do Seu tempo; — d) foi o melhor Observador das pessoas que já se viu (e li-as por dentro, como só Deus nos pode fazer);  
e) era tão inteligente que nunca o mais atilado doutor Judeu conseguiu fazê-lo dizer que A não é A; — f) tão sábio e prudente que nunca foi visto a corrigir uma só frase que tivesse dito — coisa de que nenhum outro homem se pôde ou pode gabar; — g) era uma alma de artista que se deleitava a ver e a admirar as cores e os perfumes dos lírios e outras flores; — h) sem andar nas universidades da sua terra (era pobre e operário e tinha a Mãe a Seu cargo), conhecia as leis dos astros, os costumes do povo e dos animais como nem os etnologistas do século XX; — i) falava de tal maneira como nenhum de nós é capaz: inventava casos (parábolas) que todos achamos maravilhas; j) era uma voz de vozeirão — não havia alti-falantes; — l) homem religioso (respeitador de Deus e executante da Vontade do Alto) como ninguém mais; — m) virtuoso em tudo e sempre: religioso, justo, prudente, corajoso, afectuoso, casto, veraz, compassivo, etc. tanto que até os perversos o acham o mais perfeito exemplar de homem que jamais se viu na Terra. Tanto que por Ele se apaixonaram — até morrerem por Ele — milhões de sujeitos e sujeitas e desde há 2 000 anos para cá.

### CONCLUSÃO

Este Homem foi aquele a quem os medíocres tiraram a vida. Não sem que antes de O destruírem, retirando-lhe todo o sangue das veias, artérias e pulmões, o fizessem passar noite em claro, o não torturassem de toda a maneira, o fizessem ir a pé e aos trambalhões até ao alto de um monte.

Francisco de Almeida







# Sua Santidade--Disseram-lhe Adeus

Continuação da primeira página

Sou padre. A palavra «padre» recebeu-a ela... agarrou a mão e beijou-a.... A mulher tornou, suplicante: «Iglesia». Ao pôr do sol do 2.º dia de viagem, chegaram a um estranho mato de cruzeiros inclinados... era obra de índios.

Estas gentes disseram adeus a João Paulo II e por muitos anos hão-de relatar aos filhos e netos

a visita que lhes fez o Homem de Roma. Disseram adeus e provavelmente ele ficou, em espírito e imagens, mais nas Américas do que está na sua Roma. Aqui é caso para Deus se gabar: as técnicas também servem para fazer que em poucos dias o Papa se apresente aos sentidos de tantos povos! E tocam-no e ouvem-no e cantam-lhe e deitam-lhe flores. Porquê? *Deus. 2-4-83*

Razão têm os marxistas e comunistas, como um no Expresso de 12/3, ao dizer que o marxismo também evolui. E exacto. Como não são estúpidos de todo, perceberam que não vale a pena, em sitio nenhum, copiar Afonso Costa ou os Mexicanos de 1920 ou os Vermelhos de 36 na Espanha, com o que, pelo menos por agora, metem o Lenine na gaveta—ele e as suas teorias sobre Religião.

Oportunistas como se diz do imperador Constantino (anos 313) de quem se escreveu que «usou habilidosamente o crescente poder da Igreja contra os seus rivais políticos»? (Zernov—História do Cristo Oriental, pg. 40). Os da Nicarágua são acusados disso.

Disseram-lhe adeus. Se forem livres, nunca votarão para os governar, nunca discípulo de Marx ou Lenine. E contudo, eu suspeito que Deus se está a servir do chamado marxismo para fins que só Deus sabe. Leio que grande foi o Império dos Samurais no Japão—e ruiu. Grandes foram os im-

périos egípcios e hitita, o babilónico e o de Vinive, o persa e o romano, o inglês e o nosso. E todos ruíram. *Deus. 2-4-83*

Vejo por exemplo Damasco que foi egípcia e hitita e da Assíria e grega e turca. Hoje é país e amanhã pode desaparecer dos mapas como desapareceram as capitais dos Hititas e muitas outras cidades, quase todas as de que a Bíblia fala! Algum Império há-de haver no ano 2000 já que os humanos tanto gostam dos impérios.

## DISSERAM-LHE ADEUS

*In Deus. 2-4-83*

Havemos de ter aqui, acerca da ida do Papa às Américas, vários considerandos.

O 1.º é que, mesmo os povos rudes da Nicarágua, Salvador, Panamá, entre nós só conhecidos de nome, ficam a saber que o Papa dos católicos é também um chefe de Estado. E coisa curiosa: foi o ateu e marxista Mussolini quem reconheceu que a instituição Santa Sé tinha de ser havida como este soberano, mesmo no temporal. Ora eu iria apostar que em Portugal nem sequer 10% da gente sabe que a Santa Sé é tão Estado como Portugal o é.

O 2.º é que aquelas gentes das Américas vivem bastante pobres. Não têm produtividade, porque grande parte são índios ou mestiços—até os rostos deles o provam—e leva muitos anos a tornar um povo de gente culta. Que o digam os Cubanos, apesar do investimento maciço nas escolas. Para saberem o que são os índios, oiçam este trecho que extraio do livro O Poder e a Glória, sobre o conflito governo-crentes, no México, anos de 1917-29, conflito que fez tantos agravos como os

Pela 1.ª vez um deles há-de ser Proletário, só de trabalhadores a governar, e governados, sejam eles lusitanos, índios, russos ou chineses. Claro que será ditadura, mas esta, pela 1.ª vez, será isenta de defeitos, das boas ditaduras, onde não entram burgueses. Não é evidente que tudo são mitos para de nós fazer cobaia ou bestas de carga? Mas se Deus quiser, não é a teoria materialista da História, que Marx inventou, quem vai fazer que as doutrinas de Marx não governem tudo: Os Hititas não liam Marx e já sabiam fazer escravos. Abraão teve escravos e de uma, um filho célebre.

Claro que os homens podem resolver seus diferendos sem ser à bofetada, com violência, como o Papa foi lembrar aos da Guatemala e outros. Só que, embrenhadados como os líderes andam nas teorias da guerra, não se vão convencer de que a guerra, não é Motor da História. E os motores queimam e matam para mexerem. O que me preocupa é isto: quantos paisezinhos de 1983 terão sido varridos dos mapas daqui a 20 anos?

Disseram adeus ao Papa. Mas se o Cristo, que o Grande Polaco prega, lá não ficar ou for por eles expulso, como no México de há 60 anos, esses povos há-de moê-los o sofrimento próprio de quem é escravo. A Semana Santa deles já começou. A nossa vem aí.

Francisco de Almeida

## SUA SANTIDADE--

Roxos na Espanha de 36: «As cabanas surgiam à luz dos relâmpagos... Um rosto espreitou da porta... —rosto de velha, mas com os índios, nunca se sabia ao certo—podia não ter mais de 20 anos... ela desatou a correr dentro da sua pesada saia... com tranças pretas a dançarem-lhe.... A criança fora atingida em três sítios.—Não tenha medo de mim

(Continua na 4.ª página)







## UMA CARTA DE ALVARÃES 11/31

por FRANCISCO DE ALMEIDA

Quando me ponho a pensar e vejo quantos leitores, e tantos, por este Portugal fora e Mundo além, folheiam semana a semana o «Cardeal», concluo que Ponte é como uma Emissora a irradiar novidades para todo o lado. Se o emito, quantas arrelias provoco? Quantas e quais simpatias?

**Primeiro** — Tem razão o Sr. Brandão (Cardeal, de 18/XI) ao estranhar o leque salarial tão vasto: vai de x a umas 50 vezes x, o que dá 50 classes salariais. Quando me lembro de que o Imperador da China, já em 57, obrigou os chineses a viver em tendas e a trabalhar nas Comunas, e para mais sem qualquer salário, só pelo Comer, concluo que Mao escravizou, mas Portugal está pior que em 73 (ver o livro

Mao Tsé Tung, editora Ulisseia, tradução, ano de 68, pgs. 281 e seguintes). 23.12.83.

**Segundo:** reagindo a um artigo que aqui publiquei, um leitor da freguesia de Alvarães (na estrada Viana a Barcelos) fez remeter-me um livrinho que é Separata de uma Revista editada em Gaia. Aqui agradeço a Separata ao ilustre Remetente e aos do «Cardeal». É a 2.ª vez que um leitor reage assim. A 1.ª deu-se pela mão do ilustre Garibáldi ao mandar uns quantos livrinhos seus, que também agora agradeço, e tratarei noutra altura. Como é que o «Cardeal» é lido em Alvarães? Ora a Separata chama-se Responsabilidade Missionária (dos Portugueses). Um dos artigos (Sociologia, números, desenhos, etc.) é do

Prof. Dr. Silva, da Universidade de Évora. Tudo gira à volta de quantas pessoas há a cargo de cada Sacerdote católico, por exemplo: na África 3302, nas Américas 3124, na Ásia 2213, na Europa 1086, em Portugal 1839 (católicos por padre).

Aqui quero observar: não foram os Soviéticos os 1.ºs a planificar (pl. quinquenais)? Como vêem, Roma também planifica e faz Estatísticas: que as coisas de Deus não rejeitem os auxílios das Ciências. Parabéns aos Autores da Separata e ao Leitor que ma remeteu.

(Continua na página 12)

23 DE DEZEMBRO

1983

## Conversando com os leitores

(Continuação da 1.ª página)

**Outra observação:** em 3 sítios o «Cardeal» de 18/XI se refere à pessoa do extinto Colaborador, Fernandes Lima, de Moreira. Proponho: que se recolham os escritos dele aqui no «Cardeal» — dão a história da sua freguesia; que se destaque o seu gesto de beneficiar os empregados que o serviram; a sua dádiva de 1000 contos para a Escola (nova) Cristã desta região, que é o Seminário de Viana. Foi inteligente e foi generoso.

**Terceiro:** folgo muito ao ler no «Cardeal» que Valdevez está a acordar para os estudos da sua região. Louvo e secundo os comentários sobre isso, de A. de C. no «Cardeal» de 18/XI, mas sugiro que leia a Terceiro Mundo com olhos menos cor de rosa. Pode-se ver num jornal de Braga (O Cávado), de 17/XI — como lá vem anunciado um livro (que já vi em Montechoro) chamado *Falsificações da História*. E existem, claro.

Ainda do dito Cávado: que compramos Sucata com dólares e não aproveitamos a que

cá temos: erros da Siderurgia Nacional (nossa), o papão estúpido. Que anda pelo Norte um borbórinho enorme porque os Correios arrancam televisões para não se ver a Espanha (querem-nos bem metidos no curral). Que o Casqueiro acusa os comunistas de de... ao Tesouro 80 milhões de contos. Que, em Braga foram escritos trabalhos sobre a vida das nossas terras (logo de Ponte) referentes aos anos de 1400 a 1499, por onde se vê que já havia o S. João de Braga no ano 1185 — há 800 anos! Que os comunistas da França, logo que as eleições foram vigiadas como devia, passaram a perder os feudos camarários. Que o governo (M.P.L.A.) de Angola nem com as ajudas de Cuba consegue sair de Luanda. Que a nossa estupidez é tamanha que um fugiu da cadeia há 9 anos e só agora foi recapturado para pagar os 18 em que fora condenado. E vivia às escâncaras em Rio Maior

(os da Moca), pertíssimo da cadeia de Alcoentre.

**Quarto:** viram a crónica de Manjua em que se referia ao Padre Cruz, um que viveu em Lisboa. Se o povo o canonizou, podemos ter orgulho de que Portugal, embora rarissimamente, também cria Santos. Um foi o Pacheco, aqui de Ponte, e de que na Vila não vi monumento. Mantenho o que disse noutro lado: Precisamos de (ao menos) uma Estátua em cada freguesia, já que tão pobres somos de monumentos. Mas, disse-o Majua, ao Padre Cruz fez o povo de Lisboa monumento. Isto traz à colação uma grande polémica em que anda o jornal «O Vianense»: é que aquela famosa capela da Senhora das Neves é disputada por 3 freguesias. Feita no topo do monte pelos antigos, de certo quiseram fazer obra comum de três. Os tempos mudaram, os antigos não escreveram como a fizeram e os de

11/33







# PARA A HISTORIA DE

48

# PARA A HISTORIA

(Continuação da página 1)

45—ordem aos Apóstolos para dispersarem; 46/49—Paulo ordena os 1.ºs padres (presbíteros), Sant'Iago em Saragoça, tempo dos obtusos Simão Mago e de Cerinto e talvez de Cecílio, 1.º bispo em Elvira (Sul da Península); 50—1.º concílio em Jerusalém, 54/56—Paulo deambula com Tito; 57—Lucas escreve seu Evangelho; 58—Paulo em Corinto (Grécia do Sul), André no Sul da Rússia (Cítia); 62—matam Tiago menor; 63/67—possível estadia de Paulo por cá; 67—matam Pedro e Paulo (Roma)—é o tempo de Séneca, escritor hispânico; 77—é arrasada e queimada Pompeia (ficaram sinais de cristianismo lá); 79—tempo de escritores Plínio, Juvenal e Marcial; 81—império de Domiciano—má fé contra os de Cristo; 95—escrito o Apocalipse, tempo dos herejes ebionitas, 96—imperador Nerva, 98—Trajano—as leis são humanizadas, os Dácios (romenos) são conquistados; 100—morre o apóstolo João, decerto o último que ainda vivia; 101—há soldados que são mortos por serem cristãos (e não apostatarem); 107—Santo Inácio vai preso da Síria para Roma (era bispo e filósofo); 130—hereje Basilides, Clemente em Alexandria (professor, filósofo e teólogo), Carpócrates cria uma gnose (sabedoria) imoral; 153—polémica de S. Justino com o pagão Trifão; 156—morte de Policarpo; 161—tempo de Antonino e Aristides; 167—o pagão Celso ataca (livros); 170—Taciano ataca os gregos (pagãos), S. Dionisio de Corinto; 172—heresia de Montano (África do Norte); 177—matam vários cristãos em Lião (França do Sul); 180—Ireneu ataca (livros) Sul da França; 189—Panteno vai do Egipto missionar à Arábia; 200—já há muitos cristãos no Malabar (Sul da Índia); 220—morre o escritor Tertuliano (África do Norte); 253—Orígenes (professor) vai da Alexandria, Egipto, para Tiro (escola); 254—Concílio em Cartago (S. Cipriano, mais de 30 bispos), po-

lémicas por causa de apóstatas medrosos (os bispos de Astorga e de Mérida).

Temos assim percorridos 250 anos. Vemos bispo aqui ao lado, em Astorga. Pergunta-se: era possível não o haver ainda em Braga, tão importante que ela era? Não acredito. Mesmo assim, era impossível que no ano 200 não houvesse cristãos na zona de Braga.

Do Minho até Roma, já havia a auto-estrada de Antonino (anos 161). Já então os de cá estavam civilizados (romanizados).

Mesmo assim, o 1.º bispo privado (por documento) só aparece no ano 400. Era hereje e converteu-se nesse ano (1.º Concílio de Toledo).

E desde 250 (perseguição de Décio, quando o de Astorga apostatou) até aos Suevos, que só vieram em 409? Nesse tempo (anos 380) tudo aqui era hereje a seguir Prisciliano? Os Cristão fiéis não conseguiam ter bispo? Ele vivia na clandestinidade?

Chegamos a 409—ai vêm os Suevos, no fundo um povo alemão.

**Concluo:** se as paróquias, como Pereira, Valbom e Rebordões, são suevicas, de qual ano o são, entre os de 409 e o de 585, em que foram papados pelos Visigodos? A minha convicção é a de que as tais paróquias eram de facto missões (centros missionários) e mui-

## BARCELOS

to anteriores à entrada dos Suevos cá. O documento é referido ao tempo dos Suevos, mas decerto traduz uma quadrícula cristã anterior ao ano 400 e mesmo 300. Que éramos nós a menos que a África, onde, em 250, já havia mais de 30 bispados? Em 400 já Chaves era bispado.

Custa-me aceitar que o Porto—e todo o Portugal—norte e centro—só tivesse bispados depois dos anos 500.

217 Pereira—a mãe das

POR

Dr. Francisco de Almeida

Ozaro 3/5/84

A nossa freguesia de Pereira é tida pelo dr. Almeida Fernandes, professor em Viana, como uma das poucas Paróquias do tempo dos Suevos. E só haveria outras três, como vizinhas de Pereira, a saber: 1) a da própria Sé em Braga; 2) a situada onde hoje é Valbom (concelho de Vila Verde); 3) a situada em Robordões (estrada de Barcelos a Ponte) Se assim foi, então nem a Póvoa nem Vila do Conde nem Esposende nem Viana nem Ponte e muito menos Melgaço, Caminha, etc., eram ainda cristãos no ano de 409. É possível?

**1.º Problema: paróquia sueva**

Sabemos que, nos dias de hoje, por exemplo em Angola, a paróquia é, às vezes, o mes-

mo que Missão ou centro onde o missionário vive de salu para prègar às populações dos arredores. Uma missão (paróquia)

**outras paróquias**

tem seus 50 quilómetros de raio, seja tanta terra como de Barcelos ao Porto, a Vieira do Minho, aos Arcos, etc. Evidente é—e os missionárias dizem no para as revistas missionárias—que há povoações lá nas juntas da Missão ou paróquia que eles só podem visitar de ano a ano. Cabe à arqueologia ver se há restos por aí que demonstrem que Pereira é tão antiga paróquia.

**Concluindo:** paróquia sueva seria, assim o mesmo que centro missionário ao tempo em que os Suevos cá viviam (409 a 585=176 anos de reino).

## DOS SUEVOS

Ora a cronologia, até aos suevos, foi, no essencial, esta: Ano 33—1.ª Pásco; 34—morre Estêvão e Paulo converte-se; 36—Pedro, bispo de Antioquia (Síria), heresia dos Nazarenos e outros; 38—Acrodes o Grande; 40—possível andança de Sant'Iago pela Espanha; 42—Tiago Maior é morto e Pedro sai da cadeia (milagre);

(continua na quarta página)



António Teixeira de Silva, Chefe de  
aria.  
após do Conselho, 10 de Abril de 1984.

Guarda-se sigilo estando empreg.  
Resposta a este Jornal ao N.º 15

Telef. 81435

Consultório  
Av. C. da Grande Guerra, 172  
Telef. 82636 Barcelos

O PRESIDENTE  
João Manuel da Rosa

## APARTAMENTO

VENDE-SE um T3+1, com dois quartos de banho completos e um terraço com 90 m2, no edifício da Torre Ampal.

Informa Telef. 83410 das 10 às 12 horas.

## ALUGA-SE

PAVILHÃO amplo com 320 m2, possui energia, água e telefone.

Informa telefone 81381 das 12 às 14 e a partir das 19 horas, ou telefone 84111 às horas de expediente.

## Oração ao Divino Espírito Santo

Divino Espírito Santo, Vós que nos esclareceis todo, ilumina todos os meus caminhos para que eu atinja a felicidade. Vós que me concedeis o sublime dom de perdoar e esquecer as ofensas, até o mal que me tenham feito. Vós que estais comigo em todos os instantes, eu quero, humildemente agradecer por tudo o que sou, por tudo o que tenho, e confirmar uma vez mais a minha esperança de um dia merecer e poder intervir-me a Vós e todos os meus irmãos as perpétuas glórias e paz.

Obrigado mais uma vez (A pessoa deverá fazer esta oração por três dias seguidos, sem dizer o pedido, e dentro de sete dias terá alcançado a graça por vida por Venâncio Gonçalves dos Santos, casado, do Bairro de Santa Marta, n.º 12—A—1.º da freguesia de Arcozelo, desta comarca.

Barcelos, 5 de Abril de 1984

O Juiz de Direito,  
Dr. Manuel Gonçalves Villar

O Escrivão de Direito,  
Carlos Alberto Pereira Reisinha

CERTIFICO de doze de Abril de folhas quarrenta e uma, a) para escrituras setenta-D, do desta Secretaria do notário Dionísio Alves de FÁRIA PEREIRA MENDES MENDES, natural da freguesia de Santa Marta, do lugar da C. concelho de Barcelos, de 1984.

ALEXIO TORRE AMPAL

Que são do sudores, com irem de um minado

## Secretaria Notarial de JUSTIFICAÇÃO

que, por escritura il corrente, lavrada entra a folhas quadro livro de notas diversas número Segundo Cartório, Notarial, a cargo enciado João Diogo Araújo, JOSÉ MIRA GOMES e LANDRINA GOMES, casados no reção geral de bens, reguêsia de Oliveira cha, onde residem andra, ambas deste Barcelos. DECLARA

ericórdia tomou contactada pela entrega do órgão

bouco prematura do de realizar o ojo mata era mais uma para o levar possibilidade de

mente por motivos, razão por quantia realizada.

ericórdia agradecer estar homenagem s quantos tenham ento, o obsequio órdia, se tiverem

enham sido cona Igreja da Misericórdia, um valor maior Cândido Maciel. a donativos, não iação económica, o Lar de Idosos as indemnizações tras verbas ayul-osas resistência, o lia, cujo desfecho

de 1984.

ORTO

matéria 1 do



# COISAS DE LONGE E DE PERTO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

*Entrada* 54

Tenho visto com a maior simpatia que os rapazes e raparigas da 4.<sup>a</sup> classe, de há 40 anos, se reúnem de tempos a tempos, em Barcelos. Não conheço um deles sequer. Da última vez esteve presente um novo elemento, a Irmã tal e tal. Caminhos diversos para a mesma Roma. Aos do grupo, porque além de reunir, falam no jornal e dão belo exemplo, se mo permitem, os meus parabéns.

Espero que pelo menos alguns leitores leiam com atenção — e guardem — quanto aqui tem escrito o nosso Colaborador, Sr. Dr. Falcão Machado. Não será muito pedir que a Câmara edite depois a recolha que o Autor fez das plantas que Barcelos cria pelas fre-  
guesias.

*A J. J. M. 10/11/83*

Fez-se há dias em Braga um Simpósio ou Congresso acerca disto: Arte, Ciência e Cultura do período missionário (português). Os simpatistas debateram a coisa, tiraram suas conclusões e no fim foram até Ponte de Lima, para homenagear um missionário de lá que está nos altares — Pacheco.

Não gosto do título: do período missionário? Mas em Portugal, já acabou esse período? Mal, se sim. Lamento-me por todos: em Barcelos raro será o que saiba que fez e por onde andou o Beatificado Pacheco, que li ter sido, pelos anos 1570, aluno do Seminário bracarense.

Não gostei das conclusões do Simpósio por serem vagas. Uma me agradou e é que se publiquem os textos que por aí haja, inéditos, sobre os homens que das nossas aldeias saíram para longes terras (missões). Mas há documentos desses por aí? Em Galegos, não. Não vi tudo. Mas numa enciclopédia não encontrei nada sobre nomes de gente nossa, falada por exemplo no Mancellos e no Padre Magalhães — Resenha e Barcelos (monografias).

Também já ninguém sabe o que foi o Congresso Missionário em Barcelos, pelos anos 30, já que foi há tantos séculos...

(Continua na página 4)

# COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da pág. 1)

7-511

É de todo claro que enquanto as leis protegerem tanto os maus trabalhadores (empregados) nem as seguradoras (nacionalizadas, nossas) nem os bancos centrais poderão funcionar como a Ética mandaria.

Quer dizer: todos vêem o dever-ser, o ideal, mas também sabemos todos quanto difícil é que as leis se façam pelos comandos éticos. Pior quando os deputados têm de defender, cada grupo, suas teorias e suas clientelas. Na Física estuda-se a teoria das Forças Concorrentes, quer dizer: se a carroça for puxada por 2 burros e um puxar na direcção de Braga e o outro na direcção de Vila Verde, a carroça nem chega a Braga nem a Vila Verde e passará mais perto daquela que tiver o burro mais possante. Em resumo: as leis não serão o que devem ser, mas o que for possível às forças em presença cozinhar.

A democracia é assim. E espera-se com isso evitar alguns disparates que os Salazaristas fizeram. Mas vamos consegui-lo? Não creio.

• *A J. J. M. 10/11/83*

Claro que todos estaremos de acordo em que as governações de Angola, Moçambique, etc., nossos ex-alunos, sejam as melhores possível. É-nos monumento cultural isto: A língua que lá deixámos e os costumes e saberes que lá implantamos, sobretudo o Cristianismo.

Se repararem, mesmo na telenovela A Gabriela, há rastros da religião que Portugal ensinou ao preto, ao índio e ao mestiço do Brasil. Coisa semelhante ficou de nós em Angola e no mais que foi Português. Mas daí não pode seguir-se que tenhamos de sustentar machelistas e netistas com os ganhos das nossas mãos. Que peçam os milhões aos Russos, ou aos de Cuba ou agora, aos da Coreia do Norte.

• Daqui secundo o apelo de Ângola, há dias, num dos nossos jornais: Afinal, só para a Ponte de Barcelos é que as massas faltam?

Façam a ponte que o governo há-de pagá-la. Seja qual ele for. Com aquela ponte é que nada feito.

Francisco de Almeida

Parabéns também ao meu confrãneo, mestre-esculptor. E por hoje tenho dito.

Quem diria que os de Alheira haviam de estragar a cara a tantos caretas ao encomendar o busto de um líder deles? Repito aqui o que escrevi noutro lado: precisamos de uma estátua em cada freguesia. Quem diria que o falecido Párcos tinha frutificado em 24 irmãs? Vi na oficina do Agostinho o busto para os de Alheira.







# Tomando o pulso ao Minho

I

Esta, que vos escrevo, ha-  
veis de ler-ma decerto, já de-  
pois de aprovado o novo Pre-  
sidente. Porque, como dizia  
ontem uma dama: — Estou  
farta daquela cara do Eanes!  
E o comerciante, Faustino,  
sentenciava, em Lisboa, que  
Eanes e a Manuela se torna-  
ram abjectos com aquela tra-  
palhada de apoiar o Zenha.  
Bem podiam cair de cara er-

guida, continuava, mas lá em  
Belém deve haver buracos  
para tanto empenho no can-  
didato do Cunhal.

Até aqui, o Faustino. Co-  
mo não há gesto sem a com-  
petente causa, começamos a  
pensar que sim senhor, ali  
há coisa! Crimes políticos?

Falando disto, escreveu o  
Dr. Falcão Machado na «Voz  
do Minho», de 23.1.84, refe-  
rindo-se ao caso Marinha  
Grande: «o crime... vem de  
longe: desde... desde a cons-  
piração de Alfaroqueira...».  
Foi há meio milhar de anos.  
Mas se como Machado sus-  
tenta, tudo na História se  
repete por ciclos, não há que  
ter muitas esperanças, digo  
eu. Há nessa teoria da His-  
tória — outras teorias aí cir-  
culam — um quê de verdade.  
Seja como for, a miudagem  
lisboeta andava eufórica na  
semana que findou a 25 de  
Janeiro. Nesta semana — 1.<sup>a</sup>  
da 2.<sup>a</sup> Volta, não se vê pro-  
paganda pró-Soares ou pró-  
Freitas.

Na anterior, dizia-se na  
rua: — «Vote bem». Signifi-  
cava: «Vote Freitas». Agora,  
tudo calado, à espera decerto  
do Congresso que o Cunhal  
convocou. Porque seria per-  
der duas vezes se ele apoias-  
se Soares e também este fi-  
casse vencido. Assim, se per-  
der, quem perde é o Con-  
gresso! É a mesma coisa,  
mas o nome de quem perde  
é outro! Que Deus guie o  
povo no novo voto e depois,  
ao futuro Presidente. Porque

se até na freguesia barcelen-  
se de Alvito — vai maquina-  
ria à praça — o fisco não  
perdoa — isto vai mal e en-  
tão, como suster essa peste  
declarada dos salários em  
atraso? Cheguem-lhes senho-  
res, façam greve!

II

Na brilhante freguesia de  
Vila Cova, de Barcelos, publi-  
cou-se um jornal, a «Gua-  
rita». É um dos que dão aos  
seus leitores uns nacos de  
história local. Em Dezembro  
findo publicava a Memória

Creixomil. «O Villaverdense»,  
de Prado, vem fazendo o  
mesmo com as freguesias:  
Memória de uma arena.  
Significa então que até os  
rurais estão a virar históri-  
cos, que querem saber como  
foi, dantes. E os Dantes  
também fizeram boas asnei-  
ras. Por exemplo, aquele ca-  
tedrático, Giraldez, falado na  
nossa História da Diocese da  
Guarda, do Pinharanda, que  
nos anos 1880 se pôs anti-  
Papa e decerto, com Hercu-  
lano, formou o cismático  
grupo que hoje dá pelo nome  
de Igreja Católica Apostóli-  
ca Evangélica.

A aberração é ser pró-  
Papa (católica) e anti-Papa  
(protestante, evangélica).

Este Portugal todo dividi-  
ram-no em 75 fatias ou pa-  
róquias. E quantos serão os  
seus silenciosos aderentes?  
Foi a Semana da Unidade  
Cristã. O Minho precisa de  
conhecer esses Evangélicos:  
1.º conhecê-los.

III

Perelhal fez sair na «Gua-  
rita» as contas da festa do  
Alívio (Senhora do): saldo  
de 85 — 93 contos, receita  
global — 1.371, despesas —  
1.146. Agora a aberração: da  
caixa das esmolas — 92 con-  
tos — até os cavalos da G.

N. R. foram pagos! Não é  
isto ter o pulso doente?

De modo que sugiro que  
do saldo — 224 contos —  
mandem aos frades de Mon-

Perelhal  
tariol uma fatia para paga-  
rem a nova igreja de Santo  
António que constroem em  
Bissau ou fundem uma Bol-  
sa missionária na revista  
«Além-Mar» que por aí an-  
da espalhada. O sagrado ao  
sagrado!

Outros números: os das  
Marinhas, Esposende, dão na  
«Voz do Minho», que mono-  
polizam, para 1985: mortos  
— 30, nascimentos — 115  
(58 m. e 57 f.), houve 950  
missas, 112 mil comunhões,  
mandaram dizer, fora, 3.487  
missas e 20 trintários —  
1.488 contos e as Festas ha-  
vidas custaram 4.344, 3 con-  
tos, saldo para 86 de 357 con-  
tos. Temos o saldo fisiológico  
de 115 menos 30, quase 4  
vezes os mortos. Uma fre-  
guesia de agora, nada ajus-  
tada aos Princípios da Filo-  
sofia do Politzer que o Cu-  
nhal aqui faz traduzir logo  
em 74 — para trabalhadores,  
que não percebo como engo-  
lem tanta patranha! Conven-  
ço-me de que só se é mar-  
xista, dialéctico, por tara —  
é-se-o antes de ler o livro. É  
o Manual de Catequese deles.  
E lá ensinam:

— Reformismo ou Revo-  
lução? E querem provar que  
reformismo é Idealismo, é  
Metafísica, é disparate. Só é  
verdade a ideia da Revolução  
(teoria aliada à práxis, como  
dizem). Será que, sendo o

2 6151







# o pulso ao Minho

Soares votado, vamos ter cá o Front que nem Mitterrand conseguiu aguentar? Ora não foi nada o Politzer, francês, quem escreveu o livro: aquilo tem marca bem soviética.

## IV

Disse atrás dos históricos. Pois é! O Politzer também percorre a História. E leu a Suma de S. Tomás de Aquino! E pela-se porque aqui ainda se segue a filosofia do Santo. Por outro lado, também a encíclica «Laborem Exercens» — ano de 81 — discute sobre sindicatos, luta de classes e outros problemas do homem, que ganha o pão por um salário. Ora: Os Papas não mentem; nos mestres cristãos tem havido muitos Santos, aqueles verdadeiríssimos que não enganam o povo. Como se percebe que minhotos adiram a Cunhal, a Soares e outros assim formados na Universidade Nova do Politzer? Por tara? Escreveu o Padre Dr. Abel Gomes da Costa um trabalho sobre o Conde de Barcelos, o que foi genro do Beato Nuno. O prefácio é do catedrático do Porto, Oliveira Ramos, que nele teoriza sobre história local — construir às aldeias, ou reconstruir, o passado, em termos modernos, científicos (por-

que só agora — pensará — a Ciência nasceu...). É verdade que é preciso trazer o do passado ao de cima.

Nem me digam que isso fará os povos conservadores, em vez de Revolucionários, porque se a História for como a de Armando de Castro em Evolução Económica — quase 12 volumes — é inócua: ninguém consegue ler aquilo! E ele que queria fundar uma Epistemologia nova para a História! Não quere rá tanto o Prof. Oliveira Ramos.

## V

Um vulto nosso bem fado no «Notícias de Famalição». Para que nem refira a bibliografia dele: quase 20 obras tem ele referenciadas na Biblioteca de Lisboa. Músico ainda hoje em Lisboa, cantado nas igrejas. Escreveu também História, por exemplo, do Tombo das An-

tas, que Antas ainda não publicou. Só mais uma cereja: chega-me uma Monografia de Campo Maior ali perto de Portalegre e Elvas, que quer saber porque foi que os de lá foram em 1383 pró-Castela contra o Beato Nuno. Vendem-na caríssima. Bom apêndice de documentos.

É preciso tudo isso porque nem só de pão vive um minhoto, também de Ciências, também de História.

Escreveu-se aqui e bem, sobre o Prof. Dr. Júlio Fragata. Infelizmente não vejo influência da Faculdade de Filosofia em jornais, nos minhotos. Ora um dos jornais barcelenses relata também que em Coimbra faleceu um Padre Isalmo, 90 anos, suas brancas barbas de missionário à antiga. Pois é: para desespero dos agnósticos, passou assim, diz o jornal: — adeus, meu irmão! E ficou. Era o irmão carnal aquele de quem se despedia.

Aqui fica tirada a febre ao pulso deste nosso glorioso Minho.

Acácio Torres

da 6/50







# 29 de Junho Pedro — Panorama actual de S.

## I

A partir do ano não sei quantos, os Estados europeus começaram a festejar o aniversário da morte dos dois grandes — Pedro e Paulo. Porque, segundo tradição constante, ambos foram assassinados pelos Romanos nesse mesmo dia de Verão. Dessa valoração, sobretudo de Pedro, dão testemunho muitos sinais na vossa região: várias capelas dedicadas a S. Pedro, freguesias que escolheram para padroeiro, ser-lhe dedicado o Seminário de Braga, que vem de 1500 e tal, etc.

## II

Aqui surge a 1.<sup>a</sup> observação e é esta — os 1.<sup>os</sup> Romanos justificavam todos quantos aderissem ao Cristo, enquanto que os Romanos das gerações posteriores passaram a fazer festa ao justificado, Pedro.

Isto deve ter-lhes custado porque os novos desautorizavam os antigos. Ora ninguém muda de parecer sem causas. Mudaram. Logo foi por reconhecerem que os antigos fizeram mal em assassinar Pedro. Mais sorte teve Pedro com os Romanos do que Jesus com os de Israel — porque os de Israel nunca viraram. Ainda hoje, folheando o romance de Arnaldo Gama, que tem mais de 100 anos e se chama a Última Dona de S. Nicolau, se pode ver o que dizia um Doutor judeu, do Porto nos anos de 1470 — «Branca eu já to disse» duvidar da justiça da sentença que condenou por impostor a Jesus Nazareno, é duvidar de Deus».

Quer dizer: os judeus de agora continuam a sustentar, como os do tempo de Jesus, que a sentença de morte contra Cristo não foi iníqua. Cegos que não querem ver. Mas isto prova que os Romanos foram mais rectos — quando viram que foi erro ter morto Pedro, corrigiram e passaram a fazer honras ao antigo assassinado. Os Barcelenses seguiram os Romanos.

## III

Com o rodar dos séculos, criou-se um livro que descrevia para cada dia do ano, a vida de um ou de

mais que um santo. Os santos foram em certa época, os heróis das populações. Daí as romarias etc. Essa moda foi-se esbatendo e nos dias de hoje, acho que nem os sacerdotes terão tempo para ler Vidas de Santos. Os heróis são terrenos: a Rosa Mota etc., etc. A ONU está a criar um calendário profano — Dia do Ambiente, dia do Idoso, dia da... etc. e com isso afoga a recordação dos santos, mesmo do S. Pedro. Estamos em outra civilização. Aqui condeno — nem tanto ao mar nem tanto à terra. Por isso, S. Pedro de Rates, isso acabou, apesar do monumento que tem ali perto de Balazar. Por isso não se vê missionários a relatar trabalhos deles em que entrem a falar de Pedro, Paulo ou outro santo, talvez com receio de que os batizando se afeiçoem demais a Pedro em vez de se afeiçoarem a Cristo.

## IV

Pedro também não tem tido vida pacífica nestes 2.000 anos que o Catolicismo leva andados. Vejamos porquê e já que será raro alguém falar disso.

Primeiramente, temos de reconhecer que Pedro não teve tempo de escrever cartas e cartas, como Paulo fez. Depois, Pedro andou sempre em bolandas, uns anos na Palestina, alguns na actual Síria e por fim, atreveu-se, ou foi-lhe mandado, fixar-se na já então enorme, cidade de Roma onde o mataram ainda novo. Pedro nem podia sonhar que a sua obra se tornasse tão grande, tão grande, como o é neste ano de 1986: como quadrícula, é a diocese de Roma, tal qual a de Braga ou outra; como instituição é a Santa Sé, civilmente, é o Estado do Vaticano.

## V

Cristo abalou e deixou cá o governador, Pedro. E como Pedro não é eterno, mas tem de haver governador, vigário, substituto, segue-se aí continua João Paulo II. Daí que os Orientais rejeiem: só obedecemos a Cristo e ao Papa. E os Protestantes, de outro lado, houve quem se

atrévesse a dizer que Pedro nem morreu em Roma. E aqui seria bom que as populações lessem o belo romance *Qua Vadis*, sobre Pedro em Roma. Outros sustentaram que Pedro programou uma Igreja assim, mas o Paulo, por seu lado, tinha em mente, uma Igreja diversa da de Pedro (os petrinos, os paulinos, etc.). Os Russos de 1400/1500 foram tão longe que disseram — houve a 1.<sup>a</sup> Roma, que caiu nos anos 1000; houve a 2.<sup>a</sup> Roma, com pior ainda que os Orientais (gregos, moscovito).

E vejam no que deram esses abusos dos Orientais: num governo ateu desde 1917.

## VI

A obra de Pedro, Santa Sé, Igreja Católica, Papado, é neste ano de 1986, uma árvore impressionante: na Europa, é regida por uns 1200 bispos, nas Áfricas e na Ásia, uns 500 bispos cada. Não há nação, país, sede em Constantinopla, mas esta caiu nas mãos dos Turcos em 1453; agora, diziam, a 3.<sup>a</sup> Roma é em Moscovo que não tenha seu ou seus bispos.

O Brasil tinha um só em 1550 e tal e hoje tem mais que 200 dioceses. Não há País nenhum onde o povo seja 100 por cento católico: uns tantos são judeus, uns quantos protestantes, mais um punhado de mouros, etc. Grandes sucessores teve o Pedro, mas também alguns menos bons, para Deus nos provar que a Igreja é de Deus e não do Papa. O aumento da catolicidade é mais vagaroso que passo de boi.

Ainda agora, Junho de 86, escreve uma revista sobre a Etiópia a dizer — a região de tal tem 5 milhões de pessoas (monofisitas, mouros, pagãos) e forma o vicariato (quase diocese) de tal. Toda a Etiópia, por onde andaram Portugueses, era em 1950, uma diocese com apenas 50 mil católicos. Agora as dioceses são 9 e só o tal vicariato já tem 32 mil católicos. Mas paróquias nesse vicariato, ainda só umas 13, etc. Na Etiópia? Mas os contras são — a população ser há mais de 1000 anos, cismática; 30 por cento dela seguir Maomé, etc., etc.

Conclusão — grande é Pedro e mundial a sua obra. Não o matem de novo!

Francisco de Almeida















(Continuação da 1.ª página)

suggestiva—e é pena que os católicos não tenham catecismo tão sugestivo. Há que publicá-lo, nem é difícil. Mas falta aos protestantes aquilo a que se chama Ciência Filosófica. Se soubessem Filosofia, não caíam em tantos disparates. É que torcem a Bíblia, fazendo-a dizer como querem que ela diga. E isso é anti-científico.

Logo: razão têm os bispos em exigir que qualquer sacerdote faça um curso de Filosofia. Claro que nem todos vão sair filósofos, mas facilita a penetração correcta do Sentido, do que quer dizer aquilo que Deus disse. É que, como nos acontece a nós, o por nós declarado, pode ser entendido de formas diversas. É por isso que o legislador é um, a lei é uma, e todavia uns a entendem assim e outros, de forma diversa.

E o problema é este: afinal que é que Deus, no Seu Cristo, nos mandou fazer?

Os Jeovás são tais que não podem provar ao médico, advogado ou outro, que aquilo é assim e prová-lo de modo científico.

Afinal, a filosofia é também o que está a fazer falta na nossa cultura: faz falta ao médico, ao engenheiro, ao lavrador, para se libertarem do olhar terreno e serem capazes de entender para que fim andamos nós cá. Sem isso, a vida não tem fim, finalidade, sentido, um «para quê» e aparecerão cada dia mais e mais suicídios—mal da humanidade.

**Em Resumo:** afastem-se dos Jeovás que são uns ignorantes,

salvo em bíblicas, mas disso, abusam. Saibam e apoiem os estudos filosóficos a que os vossos rapazes, seminaristas e futuros padres têm de submeter-se para o poder guias à altura de discernir nas bíblicas, o exacto Querer de Deus (e não outro querer). Saibam que o homem, por ser homem, precisa de estudos filosóficos para poder penetrar nas causas de tudo quanto há na terra, nomeadamente, isto: Quem sou eu? Porque hei-de fazer assim e não assado?

Pode sequer não haver castigo para os malvados, o chamado inferno, que os Jeovás negam? Se o leitor não tiver talento, pode ser absolvido de culpa não resolvendo esses problemas do «destino». Mas, se o tem e não liga e não cumpre os mandados do Criador, não terá safa nenhuma, diz-lho qualquer Manual de honesta Filosofia Moral.

Logo: é mais fácil ouvir o Papa e seguir nossos pais que foram obedientes ao ensino de Roma. Como diz a Monografia da Pousa:—Irmãos, o Credo não erra.

## OUTROS TEMAS

**Os Shalom.** Soube que de S. Martinho de Galegos veio aqui a Oeiras uma excursão para assistir à ordenação de um padre do Grupo Shalom, padre que é natural de Ferreiros. O jornal, A Capital, de 10/2, informava que o grupo está em Portugal desde 67—há 20 anos. Vi a casa que lhes ofereceram, uma bela vivenda com seu quintal, em Oeiras. Nada têm com os Jeovás, dedicam-se

Pelo Dr. Francisco de Almeida

47

**I—**Uma miúda do liceu, em Lisboa, ofereceu a um meu familiar nada menos que o catecismo dos Jeovás, o qual traz este título: *Poderá viver para sempre no Paraíso na Terra.* São 256 páginas de miúdos e bem pintados textos, divididos por 30 capítulos.

Falo disto porque:—1.º) o livro ensina uma série de coisas certas e outros tantos disparates;—2.º) a seita dos Jeovás tem conseguido pescar alguns aderentes neste religioso Minho;—3.º) por isso e porque são um mal, é preciso conhecer quem são os Jeovás.

**II—**O livro mais parece o chamado livro vermelho de Mao Tzé Tung, aquele da China. Pelo aspecto que a capa, encadernada, tem. Informa que foi impresso na

Alemanha (decerto, a Federal, não o diz), em 55 línguas e 15 milhões de exemplares. Informa (e dá a foto) que a seita dos Jeovás tem a sede em Nova Iorque (América) e é dirigida por um conselho de gente idosa recrutada em diversas terras do Mundo. Ufana-se de ter adeptos em mais de 200 regiões, sendo os pregadores, já em 1981, nada menos de 2 milhões e 300 mil (2,3 milhões), para 43 mil congregações em grupos. *Base 28/2/87*

Em Lisboa, conheço a cave onde um grupo de Jeovás se reúne.

**III—**Fica-se pasmado de como arrastam católicos para eles, mas arrastam.

Há quem diga que a seita paga bem às chefias locais, mas pode

**A Opus Dei.** Este é outro grupo moderno. Cada ano aderem a ele 30 a 50 intelectuais, no Mundo todo (engenheiros, catedráticos, etc.) que depois se ordenam. Fundou-os um padre espanhol, doutor em Direito. A Maçonaria não pode com a Opus Dei. Nem os comunistas. Lá sabem porque. Nem eu conheço muito mais do que é e pretende a Opus Dei. Mas sempre informo o que esta-nhei, a saber: que um engenheiro agrônomo, nada católico, me disse há dias que a universidade de Pamploña, da Opus Dei, é a melhor universidade da Europa. E eu pensei:—olá!

Portanto, ao contrário dos Jeovás, as organizações católicas, em vez de ser contra as transfusões e contra os governos, etc., metem-se no Mundo dos homens para o melhorar, purificar e facilitar a vida aos humanos. Isto é prova capaz de demonstrar que Roma é a religião que Deus não a que os Jeovás aprovam.

**Tribunais:** Será que no futuro os juizes não de ser recrutados entre voluntários? Como a coisa está, mais parecem mercenários e fazer justiça é muito uma obra de misericórdia. Muitas vezes, nada fácil. Quando me lembro que um novo juiz despachou e pôs fim a um processo que ia nas 300 folhas, em decisão de meia página! E o cúmulo. Era o Dr. Alameda. E por hoje, basta.

5

55







# Valores da nossa Terra

V. Terra, 30/6/87

1 - Acabo de receber «O Vilaverdense» datado de 15 de Março(1). Já hoje são 24. Uma coisa que leio sempre é o Amaro Pereira, que, digo-o já: é um valor desta terra de Vila Verde onde parece que está plantado. Noutro dia acusou aqueles homicidas, involuntários, da morte daquela mulher idosa, quase sem eira nem beira. Dia de frio e chuva e não lhe deram abrigo, que o pedia. Sejam ao menos sancionados nesta folha: aquilo, tratá-la daquela forma, não se faz a um pobre. Menos ainda a um velho. Menos ainda a uma mulher. Omitiram a feitura de um dever - o de ajudar, de a abrigar. Eticamente são culpados na causa, quiseram a causa da morte, que foi a falta de abrigo. Isento-os de culpa? Ai, isso, não? Da pena? Também não. Têm de responder perante os pobres de Portugal. **Em resumo:** os que tal fizeram não se mostraram leigos à altura. Não os louvo, não. *Vilaverdense 30/6/87*

De modo que merece destacado louvor o Amaro Pereira porque podia muito bem ficar em casa, como tantos, mas cumpre: sai e dá notícias. Para que o mal não pareça ser o bem e ao Mal chame pelo nome que merece - o Mal é mal. Amaro é assim, também ele, um Valor da nossa Terra. Parabéns pelo que tem escrito.

2 - Anda aí um reboliço por causa do Congresso dos leigos. E vi agora que, em Cabanelas, um dos senho- *30/6/87*

res bispos auxiliares (já em 1700 Braga tinha bispo auxiliar de longe em longe, mas agora são dois) se referiu a isso dos leigos. Curioso que há aí a Revista dos frades de Montariol e outros, chamada Paz e Alegria - não sei se já a viram - a qual, no número de Jan/Fevereiro fala de um leigo especialíssimo que foi o poeta português Ruy Cinatti. Pelo nome, vê-se

que o Padre Avelino não saiba senão racha-me por andar aqui a badalar a sua

logo que descende de pais italianos.

Pois bem: o tema que traz sobre leigos é este: - Os leigos à procura de nome, artigo dum padre frei Leonel.

Conta ele que os bispos de França reuniram no Santuário de Lourdes para decidirem o que é afinal um leigo. E não conseguiram chegar a acordo. Comparado isto com o programa apontado em Cabanelas, vem-me à ideia um livro famoso aparecido há alguns anos e é este: Igreja sem padres ou Padres para quê?

Claro que, teoricamente, é possível Vila Verde ser e manter-se cristã e católica sem um único padre. Porquê? Porque para o ser, basta o Baptismo e este, qualquer, sem ordens, o pode administrar. De resto, os católicos da Rússia andaram dezenas de anos sem ter um só padre. Na China, são hoje 3 milhões de católicos a quem o

governo dá os padres que eles não querem, mas prende-

lhes os padres fiéis ao Papa, e que os católicos queriam ter. Lá, os leigos baptizam-se uns aos outros. E tem de ser em segredo, senão... *30/6/87*

E diz o frei Leonel: lá em Lourdes, ficou claro o que um leigo não é, mas ficou sem se saber o que um leigo é. **Em resumo:** a ideia agora é que fique clara esta coisa: a Igreja, povo de Deus, não é das elites, dos graúdos, dos padres, e sim de todo quanto for baptizado. O cuidado por que tudo corra bem, neste povo de Deus, é de toda a gente que não só dos padres e freiras, padres e bispo. E eu acho que isto não é novidade nenhuma; novo é só a acentuação que neste programa se põe. Porque é claro que o frade se faz frade para mais de perto cuidar dos assuntos de Deus. Logo: tem de haver sempre quem vá à frente deste povo das nossas

modéstia. Mas ele merece-o. É bom imitar-lhe a laboriosidade de que deu provas. Uma nota mais: lá no Arquie-

6-55  
terras. Em terras como/Moçambique até há laicos tão devotados que são quase-párocos, onde o padre nem pode pôr os pés. Na revista que disse, impressionou-me ver que já nos anos 380, o grego S. João Crisóstomo, arcebispo, se referia ao problema dos leigos. O inglês dizia: - pois, pois, sem leigos é que nunca nascem padres, nem frades, nem freiras - os motores desta coisa de cristandade! E eu digo que o inglês fala com muito juízo.

Vivam os leigos!

3 - Mas o Valor, homem, de que vinha falar-vos, não é leigo mas sim o O Vilaverdense Padre Manuel Avelino Ferreira. Por que falo dele? Por ser um valor Vilaverdense. E-o Porquê? Por se ter abalançado a escrever uma grande obra sobre um Monumento da minha Terra, seja: A Igreja Beneditina de Nossa Senhora do Terço ( em

Barcelos). Acerca de si próprio, diz no fim de livro, Pe. Avelino que nasceu em 1915 em Portela de Penela, Vila Verde, foi em 27 para o Seminário, em 33 para Espanha, ordenou-se em 41 em Astorga, veio para professor em Gaia, escreveu livros, fixou-se em 45 em Évora, passou em 49 a Pároco em Famação, saltou em 59 para a cidade de Barcelos e actualmente está quietinho em casa segundo carta dele que hoje me chegou. Desejo-lhe as melhoras. É verdade que o não vejo a servir em Vila Verde. Barcelos tem de vo-lo agradecer porque sem o Padre Avelino lá, não tínhamos nem livro nem Roteiros sobre a grandiosa Igreja do Terço, que só foi de 1987 por um convento das religi-osas

**Conclusão:** quis dar-vos notícia do livro do Autor, que ambos vossos são, valores da vossa Terra. E

vo do Abade de Galegos (Barcelos) há um documento referente à longínqua e pouco falada Portela de Penela: a filha de um major que lá vi-veu veio casar a Galegos, isto 1834.







# EM TORNO DO ROTEIRO DA IGREJA DO TERÇO

Pelo DR. FRANCISCO DE ALMEIDA

I — Qualquer de nós, se lhe caiu uma moeda, dá em andar ali espedacado no chão, cego para tudo, menos para a moeda. Suponham que a moeda é uma libra em ouro, que ainda hoje as pessoas gostam de ter!

O Roteiro mostra-nos a Igreja do Terço como uma jóia desconhecida dos barcelenses. E quem já deu uma volta e foi visitar o ex-mosteiro de Vilar? Quem viu já a enorme bocarra do sino grande do mosteiro de Tibães? Bem sei que a nossa gente não tem nem dinheiro nem tempo para ir ver pinturas nem quem lhe revele os segredos da Escultura ou explique que significa isto e aquilo nos raros Azulejos murais que em Barcelos (concelho e Terço) existem.

II — Ora lembrei-me de ir ver os meus cadernos. Encontrei um, rabiscado em 78 quando fui ao Norte num serviço. Contém elementos da Época da Igreja do Terço ou seja: Dos anos de 1720 a 1830, uns 100 anos. Isto porque o Sr. Padre Avelino há-de encontrar referências da do Terço pelas freguesias. Vejam que o livro é de Galegos e o meu caderno reza assim:

SEM

Livro de Irmãos — séc. XVIII

v. Manh 1831

«folhas 1 — falta; 2 — Index das freguesias (Galegos, S. Mar-tinho, Manh., S. V.º, Roriz, Areias, Lama, Oliveira, Arcoz., Ucha), Remidos. — 2, verso — casa da residência = O Rev.º Ab. Bento de Sousa de Azevedo, mãe, nota: falecida; Dona Anna de Sousa hoje no convento das Freiras de Barcelos. Mel de Sousa, sobrinho do Rev. Abade (nota. fls. 3, fls. 86); Margarida Maria, criada, natural de St.ª Marinha de Paradela; José — criado (S. Veríssimo), F. da Costa — Criado — Rebalde, Roriz e hoje em Lijó.

(Continua na página 4)

(Continuação da página 1)

Fls. 3 — Apolinário...; Mel de Sousa — faleceu no Brasil; 3, v.º; Bárbara Maciel (veja a m/ Galegos); fls. 4: Francisco Valada — entrou nesta Confraria de N. Senhora do Rosário por... fls. 5 — Souto de Oleiros — Supriana. 5.º — Portela — André de Macedo (veja m/ Galegos/e mr. Custódia Francisca — o Rev.º Padre Francisco de Macedo (ver m/ Galegos).

Ano de 1757

AV. N.º 15/8/87

Fls. 6 — O Rev.º P.º Bento José de Macedo (v. m/ Gal.). 1764 — outra letra e outra tinta — Brízida.

7, v.º — 1774 — Casal do Monte. E Escudeiro e Violanta (mulher), Dom. da Costa Carmona... 9, v.º: Isabel Domingues, moleira, solteira, os filhos, Franc.ª de Almeida, V.ª, 10, v.º: Mel Ginzo (ver 20, v.º); 1783 — Quirás... José de Almeida (ver 9, v.º); 11, v.º — M.ª Maciel, solt.ª; fl. 72 — 1771 — O Rev.º do Padre F.º de Sousa Vieira (v. fls. 90 e 31, v.º deste); 13, v.º — Trás a Fonte — Abadinho; 14, v.º: o Regalo; Gabieira (de S. Veríssimo?), obit. fls. 16: João Macedo, sob.º do Rev. Abade; 16, v.º: José de Sá, moço do Rev. P.º Francisco, é de S. André de Palme — remido (ver fls. 90).

1795 — fls. 17: Teles, enfeitado; f. 19 — moleiro — Vila Boa; 1792 — Vilar das Almas. 1802 — fs. 20: Mel Lopes da Pena, Rita, Falcom; 1819 — fls. 22 a 34, em branco — fls. 50 — S. Martinho — Tilheira (Padre Baltasar — letra). 51, v.º — Vilar — Macedo, tutor — fls. 52 — José Luís Correia, Ana Joaquina; 54 ... Manhente — P.º João da Silva Coelho; 54, v.º — Moutta (lugar) — Vau, Félix (Roma); 55 — Barco; 61 — S. Veríssimo... f. 65 — Giam (Roriz) 1803; Lama; 71: José C. de Sousa Azevedo (Gondomar?); 79, v.º: Ucha: Angélica Maria, Areias (Quintam); 82: Vilar (S. João) — 1806; fls. 86: Remidos: de Galegos, residência; 86, v.º: D. Mariana (convento de Vayram); P.º Bento, P.º Lopes da Pena; 87 — Roriz — P.º Coelho; 89, v.º: Xavier — S. Mart.º (Reverendo); 90 — Palme (v. 16); 92: Óbitos: 1761 — Anna Correia (v. 94, v.º); Sousa (Brasil); 92, v.º — Amares; 94 — C.º Luís Alves de Macedo (v. m/ Gal.), Maria Teresa, Isabel, Man. José: 95: 1816 — Fim».







COM XIL  
V. A Amor eu  
**COISAS DE LONGE E DE PERTO**

V. Adalberto

A Vida e Morte de um Homem Bom

- A Vida e Morte de um Homem Bom -

Galegos

495

Faleceu há dias em Galegos um homem de quem vou tecer as considerações que seguem. Para os de Galegos não é notícia nenhuma já que ele era de todos conhecido. Apelidos dele: Alves de Macedo. Convém destacá-lo do comum dos mortais como exemplar para todos nós. Dele escreveu carta, datada de 6.XII.87, o ilustre conterrâneo, Padre Francisco Gonçalves, dizendo: Cristo, que o recebeu no seu Reino; assemelha-se à que na Escritura desenhava a figura de Abraão; a esperança e optimismo que dele irradiava; (é) daqueles em relação aos quais eu mais tendo a rezar do que por ele rezar.

Se assim era, então, digo eu, era um Santo de Deus. Não irei tão longe.

Mas aqui é que eu não percebo os carinhos e caminhos por onde Deus encaminha estas gentes da nossa terra. Porque: cultura literária maior não tinha que o simples saber ler e escrever — e não muito expeditos. Trabalhou afanosamente toda a vida e sendo robusto, veio a cair do que ninguém suspeitaria — o coração.

Atingiu os 87 anos e manteve sempre a alegria e boa disposição que lhe eram naturais. Relatava que não conseguia ser comerciante por lhe parecer impossível sê-lo sem defraudar o próximo e por isso manteve sempre um rural, homem do campo. Com 87 anos, era um homem moderno, porque admirava estes nossos tempos, sobretudo a maquinaria de agora: o tractor, o automóvel, a televisão e até a abundância que o povo hoje tem. Le há há 50 anos não tinha. Moralmente exigente, interpellava este e aquele — que isso que fazes, não está bem e argumentos foi coisa que nunca lhe faltou. Sendo um rural, gostava do cerimonial, da etiqueta, do faz favor, dos respetos, do não parecer mal, tudo um mundo criado pela lógica natural de que era dotado e da experiência dos lances, que invocava. Não o vejo tão «rato» como Abraão mostrou, naquele regatear com Deus uma amnistia para os Sodomitas ou ao comprar o terreno que destinara a sepultura da falecida dele, Sara. Mas era também um rato — nem a G.N.R. escapou, em seus tempos, das partidas que ele regou. Era de passar como num ápice, armava um enredo todo. E também como nunca tendo visto um Dicionário, «enversava» sem nunca lhe faltarem as palavras certas para o verso. Era um pouco de sabedoria prática e de histórias acontecidas, que uma boa memória, que tinha,

guardava.

Mas o que impressiona mais não é a vida e antes, a morte que teve. Bem sei que era justo, recto e bom. Mesmo assim, acarinhou-o Deus muito.

Disse: já estou desligado dos bens, da vida, só quero que Deus me receba. Dizem-me que rezava a Deus falando familiarmente com Ele, o que significa conseguir ser um monge sem lhe ensinarem as técnicas monásticas. Mandou dividir seus bens em vida e interveio para que se corrigisse aqui ou além. Como nunca esteve doente, faltava-se de estar de cama, mas acatou o «sofrimento» que o coração lhe reservou. Ripostava que devia sofrer por si, mas não tinha de sofrer pelos outros — sofram eles, dizia! — Mudou de parecer quando lhe mostraram que Cristo sofreu tudo exactamente pelos outros, não por si. Passou a abandonar os remédios com o argumento de que «não somos de cá». Ao médico respeitava e obedecia, para não ser malcriado e encarou e preparou a morte: destinou que o não deixassem de mau parecer, que fossem os netos a levá-lo de casa até ao jazigo, que mandara fazer; e que os ofícios fossem tais e tais. E até teve o cuidado de recomendar que agência funerária havia de fazer-lhe o enterro. Uns dias antes da morte, conversou com idosos e jovens e até crianças que o foram ver, sem esquecer o pároco que lhe ministrava os sacramentos. Terminou assim: agora, deixem-me um pouco que vou dormir um bocadinho. E a dormir se ficou numa paz que Deus só aos justos prometeu e deu.

Aqui não vai auréola nenhuma. O que temos é a verificação da-quele dito da Idade Média: talis vita, finis ita, quer dizer: com Deus passou a vida dele, recta e honesta; o fim foi como vos disse: quieto e na Paz de Deus.

O exemplo está nisto: que Deus dê a todos uma morte assim. Mas para isso também tendes de merecê-la e desta forma diz o Evangelho de S. Marcos! — Ouve, ó Israel: 1.º, amar a Deus e 2.º, amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Ora não é amar o próximo: usar os meios médicos para extorquir dinheiro, marcar mais Ivas do que Ivas há, tratar os pais como se foram estranhos e os filhos como enteado ou como príncipes, tratar a mulher como sua criada ou falar do marido como se fora o inimigo. E outros muitos desvios, que por aí há — e tem de haver — e a que os Melos e Castros do Erotismo da TV, de 12.XII, não querem e baptizem de pecados. Disse Cristo: fujam dos escribas e doutrina deles. E nós diremos: fujam dos literatos ociosos que aí doutrina nos jornais e TV porque ensinam a guerra e a morte e não a paz; da honesta razão. Ensinam uns pecados sofisticados e não a fazer as acções boas que Cristo ensinou. O exemplo a seguir é o do meu homenageado e não o dos maricones (como dizem agora do Garcia Lorca).

Que seja útil e dê alegria quanto aqui exarrei. E se for a tempo, Feliz Natal e Bom Ano de 88.







# COISAS DE LONGE E DE PERTO

813

Há tanto tempo que aqui não escrevo que até não sei como o ilustre Director de A Voz do Minho ainda tem paciência para me reter cada semana, o seu jornal. Aqui vão os meus respeitos pelas suas atenções comigo. A verdade é que não tinha tido nem tempo nem vontade nem saúde para escrever em jornais, nem em qualquer dos outros em que colaborava. Adiante.

In a Voz da Minho I 2715/93 (p. 4 pag. 1)

Vem a propósito saudar o meu ilustre amigo, e nosso conterrâneo, de Santa Eulália de Oliveira, o Padre Dr. Adílio, novo colaborador do Párculo maior de Barcelos. Na Páscoa passei em Galegos, mas não me foi possível contactá-lo. Como todo o barcelense de gema, felicito-o, felicito o Dom Prior, Alberto, e desejo ao P. Adílio o mais fecundo apostolado sacerdotal, a bem deste nosso povo que vive e canta e chora no rincão barcelense.

Viram os leitores quanta dedicação e estima foi há dias tributada aos nossos Capuchinhos, entre os quais o operoso Frei António. Estive na igreja deles (de Santo António) na Quinta-Feira Santa, que me levou uma das preciosas manas que tenho. Pois nem por sombras quero ser o último a dar graças a Deus por Barcelos ter em si os Capuchinhos. Prouvera a Deus e a eles que mais mosteiros se plantassem na nossa região, sendo certo embora que já temos os operosos homens de S. João de Deus e as consagradas, ou a consagrar, Franciscanas Missionárias de Maria (as freirinhas de Arcozelo).

Penso que qualquer dos mosteiros deve abrir mais as portas à população para que os filhos e filhas desta gente os possam e as possam conhecer melhor. Por que, como dizia o antigo: Nemo diligit quod, ignoscit.

A propósito vos direi que o Autor de um chamado Manual de Ascética e Mística, em França, sustenta que há pelas aldeias diversos «eles» e «elas» aos quais Deus encaminha por especiais caminhos da santidade. Se assim é não sei, mas o certo é que ainda agora, em Galegos, ouvi de uma moça jovem e casada, nada menos do que isto: — eu gosto de estar na Igreja; rezo, falo com o Senhor, peço-lhe coisas e Ele dá-me tudo quanto peço; é muito meu amigo!

Como não acredito que esta mulher me mentisse, pergunto-vos <sup>(e se a mulher)</sup> se esta mulher não anda Deus com ela nas palmas das mãos! Mesmo quando sofre, o sofrer dela é diferente.

Concluo: os Capuchinhos, as Madres de Arcozelo, os de S. João de Deus deviam abrir um curso em que os interessados pudessem na prática, aprender melhores noções de Ascética e Mística.

## II

Agora esta: o rapaz tinha 9 ou 10 anos e a 3.ª classe feita. Ia a sair do Campo da Feira, de Barcelos no meio do pai e da mãe. Vêm de lá disparados 2 jovens

(Continua na pág. 4)

# COISAS DE LONGE E DE PERTO

(Continuação da 1.ª pág.)

capuchinhos que se aceram os três e um dispara: — queres vir para o nosso Seminário? E logo o rapaz: — Não! A mãe tentou adotar a resposta (como as mulheres são atiladas!) e disse: — Sabem, ele só tem a 3.ª classe. Disseram eles: — Não faz mal, faz a 4.ª conosco. Mas o rapaz não vergou — detestava o hábito dos franciscanos.

Diz-me o sujeito que hoje pensando no episódio, aconselharia o seguinte: não façam como ele que foi demasiado leste, mas imprudente na resposta, ao dizer não. Nem façam os pais como os pais dele que lhe não travaram os impetuos. Deviam ter corrigido assim: — não digas o não já porque temos de ver o caso melhor, prós e contras, os conformes. E aos capuchinhos: — nós vamos para casa, pensaremos no caso e dentro de alguns dias havemos de dar uma resposta.

Isto se diz aqui porque não é raro depender toda a vida de um homem, ou mulher, de um pequeno nada que nos surgiu atravessado no caminho. Ou, como me dizia outra: — o destino não quis!

In a Voz da Minho 2715/93 III

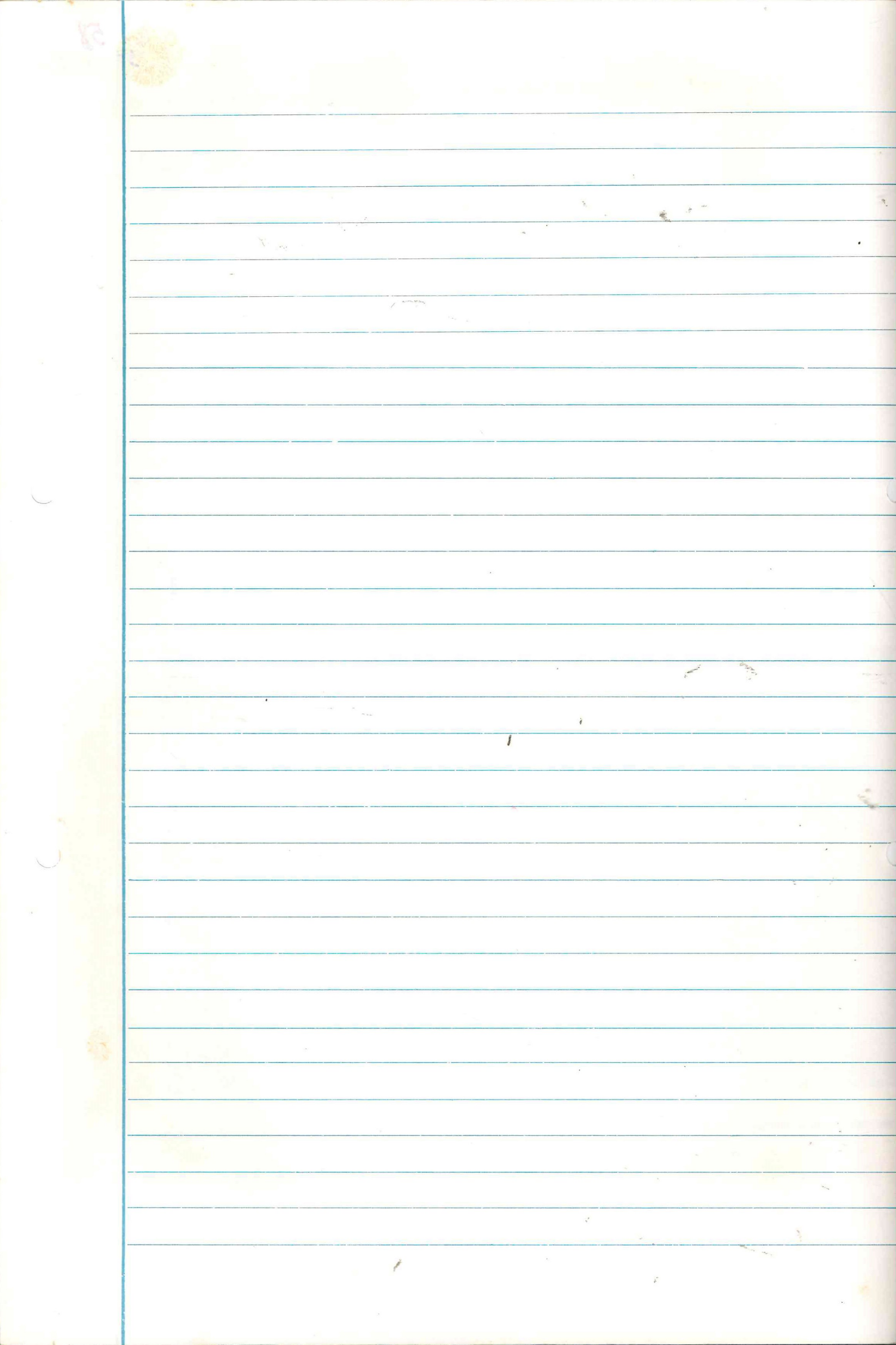
Uma das minhas raras saídas foi para visitar Curvos e as estufas do Delfim Lourenço, que me levou o pai, João. E de caminho, passamos pela Ermida, em Perelhal, a que o João pertence e o Delfim, também. Era uma casa linda e cheia: de familiares e bolos das festas. Ao que disseram, a produção das estufas rumo a Lisboa, para o grande Supermercado, na linha de Sintra, que dá pelo nome de O Continente. Na casa dos Ernidas, a quem apresento o meus pésames pelo familiar que Deus lhes levou, pude ver uma armadura de chaminé que nada fica a dever à do Paço Ducal em Vila Viçosa. E os grandes quartos aparelhados, até de embutidos e salas e corredor fronteiro ao sol e a mesa grandes refeições familiares. E na outra ponta, a centena de vacas de leite e os «espreitadores» bezerinhos. E a quinta grande deitada ao lado as águas do Cávado.

Estas nossas gentes têm raízes e tronco e ramos, tudo bem fundado. Pena é que a Junta e a Câmara não possam cuidar de melhorar o caminho da Ermida. E já agora, procurem e digam-me: Ermida, porquê este nome?

Vila Cova está uma jovem airosa e Curvos não ficará atrás. Parabéns às laboriosas gentes deste lados.

Francisco de Almeida







# NOTAS BREVES

## I

No Jornal de Barcelos, de 11 de Novembro, acabo de ler o Apontamento do Dr. V. Pinho sobre publicações de conterrâneos: no caso, do Dr. Miranda — Recolhas sobre Alvito (S. Pedro), de 1500 a 1993.

Ainda não possuo esse trabalho do Dr. Miranda, mas é com muito gosto que secundo o Dr. V. Pinho no elogio ao Dr. Miranda. Parabéns.

In j. 2 Barcelos, 2

## II

25 Nov 93

E já agora dou notícia aos nossos Leitores do seguinte:

O Dr. Ferreira Gomes — de Remelhe — tem, impresso, um grosso volume, de 1992, com o título: Quem Quer... É.

Cabrá ao Autor, meu amigo, interpretar esse título. Será: quem desejar obter X ou Y, obtém?

É que às vezes, o sujeito pode querer e não é, não chega lá, por isto ou por aquilo.

Ao contrário: quem não quer não é?

De facto, as coisas valiosas, não vão ter à mão de quem nem a elas se candidatou.

## III

Pois bem: o nosso conterrâneo não se decide a colocar o livro à venda. Como dizia o Dr. Pinho: não temos assim tanta gente a escrever.

Conteúdo desta Obra: Pgs. 17 — Biografia do Autor; 20: Estudos sobre escritores portugueses: o Amadis de Gaula; 43 — Produção de Açúcar em Angola (na depois martirizada Fazenda de Encoge (1961); 83 — Do nosso João Duarte; 84 — Narco-análise (de que um Colaborador falara também em II.XI — como do Maquiavel; 97 — Um complicado problema — Famalicão, Calendário, mãe e filhas (os bens); 119 —

Marechal Carmona; 129 — Outra vez o Açúcar em Angola e isso em contexto mundial; 159 — Turismo em Barcelos; 163 — Nota sobre Alvelos; 169 — Trabalhos para reformar o Código Civil (o de 1867 que resultou no de 1967 — e este já com sérios rombos); 183 — O actual Patriarca de Lisboa em Remelhe (1968); 187 — Demanda contra a Epac; 199 — Demanda e Apelação sobre o tema habitação.

Uma exposição ao Ministro, o Dr. Afonso Costa, a Casa Pia de Lisboa, a auto-estrada Porto-Braga, Uma carta de Chorrente, o grande Catedrático de Direito, e Santo — Castro Mendes, o Dr. Pinheiro Torres, o 4.º lugar na Hierarquia do Estado (1.º — Mário Soares), como os políticos queriam ter mão na escolha dos bispos (D. António Barroso), o Dr. Matos Graça, e Auto-Retrato do Autor (p. 281). Ao Catedrático da Fluminense — Brasil, um Emprazamento em Remelhe que o Rei D. João V autorizou (pg. 293) e (foto do manuscrito da Torre do Tombo). O A. anotou: este prazo passou em 1935 para o Casal dos Penedos, Remelhe — pg. 294, nota); outra vez D. António Barroso (pg. 299).

Quanto os do Porto devem ao nosso Ferreira Braga, de Chorrente (p. 333), a Matança de 1921, da Rerum Novarum (1891), Poesias e cartas por fotocópia.

Resumo — pena é que o público barcelense não possa adquirir o Quem Quer... É.

## IV

Aproveito a oportunidade para saudar o novo D. Prior de Barcelos e desejar o merecido descanso ao agora «jubilado» Monsenhor Alberto.

## V

Mais uma, muito breve — Os Rapazes de Galegos, nascidos em 33, costumam reunir-se em festa de vez em quando. Este ano reuniram nos salões das Termas do Eirogo, e lá

estavam eles e elas (ao todo, uns 33, mais de 2/3 masculinos). Com familiares seus, eram umas 100 pessoas. A reunião fez-se a pedido de um «francês».

O grupo tem capelão «privativo», que é um dos rapazes de 33, o Padre Zé Saligneiro. Veio de São Tomé onde é secretário episcopal. Vieram outros de Lisboa, do Porto, etc. e foi joi justificada a falta de um ou outro.

Foguetes no ar às 10 — igreja: missa solene a que a nossa benemérita anfitriã do Eirogo quis assistir. Trouxe-se o ex-abade de Galegos, P.º Dr. Abel, a Maria Isabel, por sugestão de um maroto qualquer, apresentou lá um saborosíssimo leitão assado — que teve grandes honras! O Domingos de Georgina deu seu pé de dança: grandes vozes entoaram, famosos Corais, actuaram cantores-trovadores dos lados de Barcelos, actuaram diversos jogos, foguetes à hora das febras com o «chá das 5».

É para comentar: mas que belas raparigas, as de 33! E viram aquele apetitoso e saboroso arroz da Luísa Esteves? E os rojões da Nélinha? E os verdascos qual deles o melhor? Até à Amélia do Rcha (Carpinteiro) se teve oportunidade de ouvir — e saborear — a sua cada vez mais melodiosa voz.

Muita alegria e agradecimentos aos gerentes: Francisco Félix, Quim Anjo, Mário Torres, etc. Agora, venham as contas.

Mas que brevíssima nota, esta!

## VI

Do que aqui vai já tinha feito nota, parcial, ao Barcelense. Mas decerto ela extraviou-se-lhe. Paciência.

Até breve.

LX. 14/XI/93

Francisco de Almeida



# TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

2.º JUÍZO

1  
2  
3  
4  
5  
6  
7  
8  
9  
10  
11  
12  
13  
14  
15  
16  
17  
18  
19  
20  
21  
22  
23  
24  
25  
26  
27  
28  
29  
30

502  
~~Seguindo~~ *Seguindo* *di* *de*





Acabo de ler os muitos artigos que o Doutor Francisco de Almeida escreveu em diversos jornais. Embora, de facto, eu já tivesse conhecimento de diferentes assuntos tratados por ele, em escritos dados ao público, não sabia de tanta matéria que agora fui encontrar.

É de surpreender como o Autor explana os mais diversos temas da actualidade, com uma argúcia e competência de todo excepcionais! Só os possuidores de uma vastíssima cultura, não muito vulgar em nossos dias, são capazes de semelhante proeza: estar dentro de todos e quaisquer assuntos, examinando e aclarando cada qual da forma mais correcta; e apresentar coisas às vezes muito singelas, outras vezes já de alto coturno, de elevação relevante, somente compreensível para os de sólida formação. Sem dúvida, Francisco de Almeida nasceu para o jornalismo e faz, na verdade, escola de jornalismo, com a sua maneira original de escrever.

Se "o estilo é o homem", como dizia o célebre Buffon, em pleno século das Luzes, encontramos aqui um estilo muito próprio, muito pessoal, diferente de todos quantos se apresentam na praça pública. O que interessa é expor a doutrina, sem rodeios, de forma simples, *currente calamo*, para que nada se perca e todos, se possível, possam entender. Isto é um verdadeiro método de ensinar, com que todos podem aprender e aproveitar, de um sistema por demais complexo, embora à primeira vista não nos pareça.

Admiro ainda, neste jornalismo, a orientação sempre **certa** que todos estes artigos apresentam. Em cada um deles, nunca encontrei nada com que não estivesse plenamente de acordo. Não é que eu seja norma de qualquer coisa mas tão somente quero emitir a minha opinião subjectiva, toda própria. Vejo, então, uma inteligência totalmente sã, uma formação sempre verdadeira, embora muito grande, de quem tem amor ao "povo" e quer transmitir-lhe a sua verdade toda, sem jamais negar as próprias origens, propondo-se destruir nele tudo aquilo que não está correcto e criar o que ainda não foi plantado. Infelizmente, os exemplos não são raros: quantos esquecem depressa o que aprenderam da família, dos educadores, e fazem ou dizem ou escrevem quanto lhes apetece, rodeado de certo sensacionalismo... O jornalismo autêntico não é esse. No verdadeiro jornalismo aparece sempre a verdade; ele é a expressão da verdade.

Bem haja o Doutor Francisco de Almeida pelo muito que escreveu, por tudo quanto escreveu, pelo muito bem que escreveu. Podem os futuros aprender por ele a História da sua Terra, "do seu Galegos", desde os tempos antigos até hoje - e o mais que lhes é imprescindível para a vida.

A. Costa













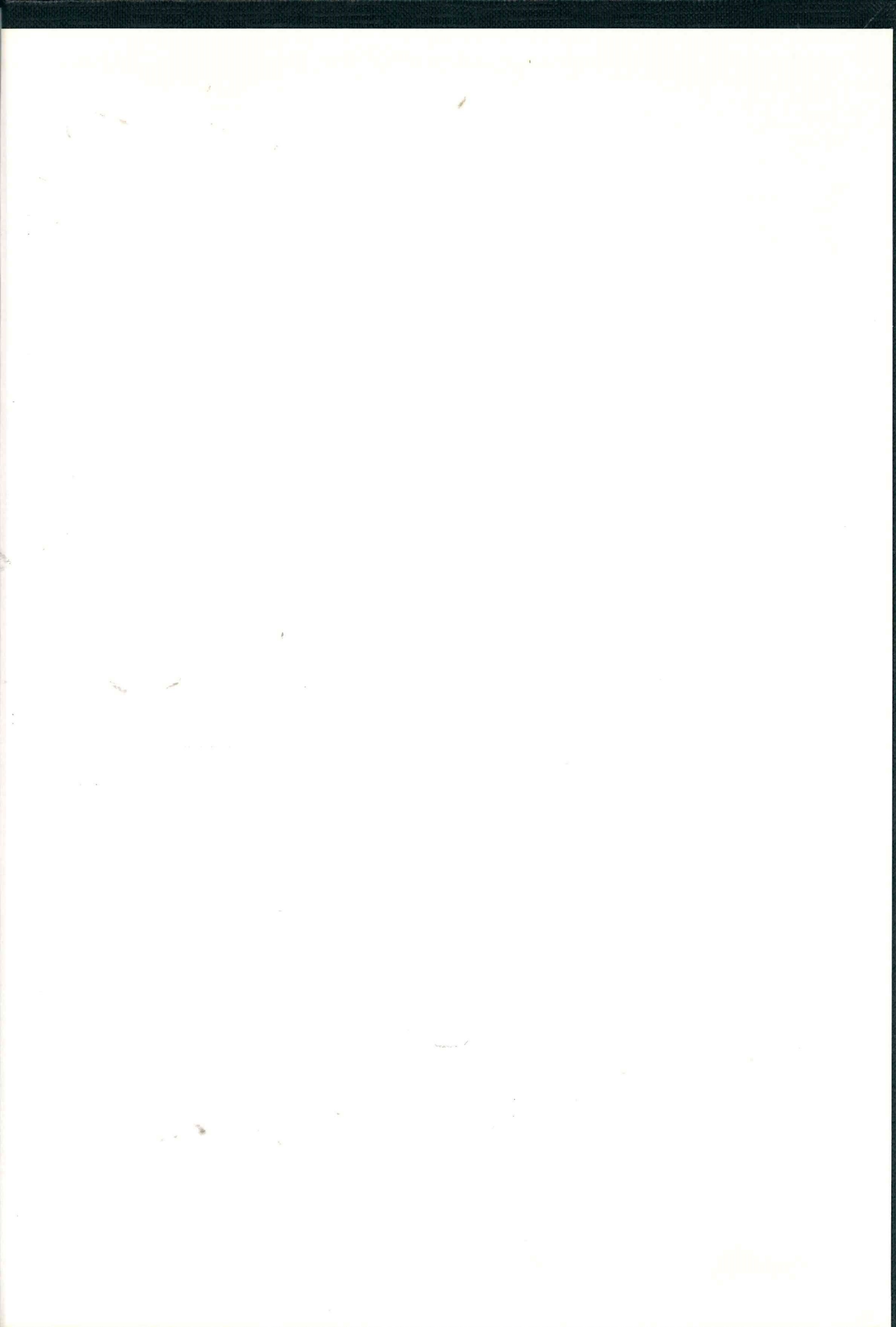














biblioteca  
municipal  
barcelos



27659

Artigos de jornais regionais